

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL  
MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL

GABRIELA MAGRI DA SILVA

**FAMÍLIAS EM ALTO MAR: A INTERFACE COM A CULTURA DE SEGURANÇA**

Porto Alegre  
2022

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

GABRIELA MAGRI DA SILVA

**FAMÍLIAS EM ALTO MAR: A INTERFACE COM A CULTURA DE SEGURANÇA**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de Concentração: Serviço Social, Políticas e Processos Sociais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Isabel Barros Bellini

Porto Alegre

2022

## Ficha Catalográfica

D111f da Silva, Gabriela Magri

Famílias em alto mar : A interface com a cultura de segurança /  
Gabriela Magri da Silva. – 2022.

143 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em  
Serviço Social, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Isabel Barros Bellini.

1. trabalho offshore. 2. famílias. 3. saúde do trabalhador. 4.  
cultura de segurança. I. Bellini, Maria Isabel Barros. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

GABRIELA MAGRI DA SILVA

**FAMÍLIAS EM ALTO MAR: A INTERFACE COM A CULTURA DE SEGURANÇA**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação do Curso de Serviço Social, Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de Concentração: Serviço Social, Políticas e Processos Sociais.

Aprovada em 22 de dezembro de 2022.

**BANCA EXAMINADORA:**

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Isabel Barros Bellini – PUCRS (orientadora)

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Hamida Assunção Pinheiro – UFAM

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Francisco Arseli Kern – PUCRS

## **AGRADECIMENTOS**

Não teria como iniciar esse agradecimento sem primeiramente falar da minha base. Meu apoio, meu pertencimento, meu alicerce: a minha família. Meu querido Vinícius, que tanto me apoiou nesta trajetória e encara meus desafios com muito amor e paciência, te amo, obrigada!

Agradeço à minha mãe, que esteve sempre ao meu lado auxiliando em momentos de dificuldade, esta conquista é dela também. Obrigada pelo suporte em relação aos meus filhos, Arthur e Samuel, que tão pequenos já são testados em sua paciência e compreensão comigo. À minha avó, que sempre acreditou nos meus sonhos e me apoiou, e ao meu irmão, que esteve ao meu lado vibrando por minhas conquistas. Ao meu pai pela vida e por ter me apoiado em momentos essenciais.

Agradeço imensamente à minha orientadora, a professora Maria Isabel Barros Bellini, que junto comigo trilhou este caminho até a dissertação e que desde a minha graduação acreditou na minha capacidade e competência.

Este trabalho recebeu suporte mediante uma bolsa de pesquisa e inovação concedida no âmbito do Projeto Fatores Humanos (Projeto HF) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), financiado pelo Consórcio de Libra com apoio da ANP (Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis, Brasil) associado ao investimento de recursos oriundos das Cláusulas de P,D&I – Regulamento nº 03/2015 (processo 2019/00105-3). Muito obrigada!

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social da PUCRS pelo acolhimento, compreensão e disposição nos momentos mais delicados e nos mais festivos. Obrigada aos professores e aos funcionários. Às minhas colegas de núcleo NETSI, obrigada pelo acolhimento e experiências!

Aos professores da banca, Hamida A. Pinheiro e Francisco A. Kern, agradeço a oportunidade de aprimorar meus conhecimentos e por dividirem um pouco dos seus saberes comigo.

Agradeço minhas colegas de equipe do Serviço Social do Projeto Fatores Humanos (Projeto HF) Fernanda Arena, Katiana Arend, Beatriz Bosner e as professoras Maria Isabel Barros Bellini, Beatriz Gershenson e Inês Amaro pelo acolhimento e troca de conhecimentos.

Agradeço aos meus amigos Verônica, Pablo, Luciane, Ana Júlia, Priscila e Cinara, que tiveram que lidar com a minha ausência nestes últimos meses, obrigada pela compreensão e o carinho.

Aos novos amigos que o mestrado me proporcionou e que levarei para vida, Cíntia, Bárbara, Tiago e Ariel, obrigada por tudo, serei eternamente grata.

Gratidão!

*Mar Português*

*Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!*

*Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu*

*Fernando Pessoa (1934)*

## RESUMO

A família *offshore* possui uma dinâmica diferenciada, pois o familiar que trabalha embarcado (*offshore*) fica afastado de seus entes queridos por vários dias. Assim, a família se organiza sem a presença do trabalhador, amparando-se na rede de apoio social para realizar tarefas do cotidiano como levar os filhos à escola. Este ciclo de chegadas e partidas é vivenciado a cada 15 ou 20 dias e é acompanhado de sentimentos como ansiedade e aflição, uma vez que o trabalho *offshore* é realizado numa plataforma marítima. Dessa forma, a ausência do trabalhador em eventos como aniversários e batizados afeta o acompanhamento do desenvolvimento dos filhos. A presente dissertação investigou as relações entre trabalhadores *offshore* da indústria de óleo e gás (O&G) e suas famílias e/ou redes apoio social na interface com a cultura de segurança. Amparada pelo método dialético materialista histórico, a pesquisa enfoca a realidade e se propõe a ir além do superficial, buscando responder o seguinte: quais fatores relacionados à família e/ou rede de apoio social do trabalhador *offshore* da indústria de O&G podem contribuir como subsídios para a implementação de uma cultura de segurança operacional? O objetivo geral foi identificar fatores na relação família e/ou rede de apoio social e trabalhador *offshore* da indústria de O&G que contribuam como subsídios para a implementação de uma cultura de segurança operacional. Os objetivos específicos são: analisar os fatores relacionados ao suporte da família e da rede de apoio social dos trabalhadores e a segurança operacional; identificar demandas/necessidades do trabalhador, das famílias, da rede de apoio social e as barreiras para atendimento/superação dessas necessidades/demandas, com ênfase no período em que o trabalhador está embarcado (*offshore*); identificar ações da indústria O&G disponibilizadas ao trabalhador *offshore* e voltadas para sua relação com a rede de apoio e com a família com ênfase no período embarcado (*offshore*); elaborar estratégias/subsídios que contemplem a família e a rede de apoio dos trabalhadores que contribuem na implementação da cultura de segurança. A pesquisa aqui desenvolvida é de caráter qualitativo e tem como instrumento de coleta o método de triangulação de dados através de entrevistas semiestruturadas, da análise de documentos disponibilizados pelas empresas e da pesquisa bibliográfica. O tratamento dos dados foi realizado pela análise de conteúdo em Moraes (1994), e emergiram 3 (três) categorias finais da análise, sendo elas: cultura de segurança, rede de apoio social e trabalho *offshore*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho *offshore*; famílias; saúde do trabalhador, Cultura de Segurança.

## **ABSTRACT**

The offshore family has a distinguished dynamic, since the family member whom works offshore stays away from their loved ones for several days. Thus, the family organizes itself without the worker's presence, relying on the social support network to carry out everyday tasks, such as taking the children to school. This cycle of arrivals and departures is experienced every 15 or 20 days and it is accompanied by feelings of anxiety and distress, since offshore work is performed on a maritime platform. Because of those circumstances, the worker's absence in important events (birthdays, christenings) affects the monitoring of their children's development. This dissertation investigated the relationships between offshore workers in the oil and gas industry and their family and/or social support network in the interface of safety culture. Supported by the historical materialist dialectic method, it focused on reality and proposes to go beyond the surface, seeking to answer the questioning of the research: what factors are related to the family and/or social support network of the offshore worker in the O&G industry can they contribute as subsidies for the implementation of an operational safety culture? The general objective was to identify factors in the family relationship and/or social support network and offshore worker in the O&G industry that contribute as subsidies for the implementation of an operational safety culture, and the specific objectives are: to analyze the factors related to the support of family and the workers' social support network and operational safety; identify demands/needs of workers, families, the social support network and the barriers to meeting/overcoming these needs/demands, with emphasis on the period in which the worker is on board (offshore); identify O&G industry actions available to offshore workers focused on their relationship with the support network and with the family, with an emphasis on the offshore period; develop strategies/subsidies that include the family and the support network of workers who contribute to the implementation of the safety culture. The research developed here is of a qualitative nature and uses the data triangulation method as an instrument and collection through semi-structured interviews, analysis of documents made available by companies and bibliographical research. Data treatment was carried out by content analysis in Moraes (1994), which emerged 3 (three) final categories of analysis, namely: safety culture, social support network and offshore work.

**KEYWORDS:** Offshore work; Families; Occupational Health, Safety Culture.

## **LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS**

- ANP:** Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis
- ABI:** Associação Brasileira de Imprensa
- CNP:** Conselho Nacional do Petróleo
- DPC:** Diretoria de Portos e Costas
- FHC:** Fernando Henrique Cardoso
- HF:** Human fator
- NETSI:** Núcleo de Pesquisa Sobre Trabalho e Intersetorialidade
- O&G:** Óleo e gás
- OLJ:** Operação Lava Jato
- Petrobrás:** Petróleo Brasileiro S.A
- PF:** Polícia Federal
- PMDB:** Partido do Movimento democrático Brasileiro
- PNSTT:** Política Nacional de Saúde dos Trabalhadores e Trabalhadoras
- PP:** Partido Progressista
- PPI:** Preço de Paridade de Importação
- Projeto HF:** Projeto Fatores Humanos
- PSDB:** Partido da Social Democracia Brasileira
- PT:** Partido dos Trabalhadores
- PUCRS:** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
- RENAST:** Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador
- SSAT:** Setor de Supervisão do Aperfeiçoamento Técnico
- STF:** Supremo Tribunal Federal
- TCLE:** Termo de Consentimento Esclarecido
- TPE:** Tensão Pré-embarque

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 “A GENTE NÃO É SÓ UM NÚMERO DE MATRÍCULA, A GENTE TAMBÉM É GENTE”:</b> a metamorfose do trabalho .....	30
2.1 Da subsistência ao modelo de acumulação capitalista .....	31
2.2 Cultura de Segurança: tecendo os fios da saúde do trabalhador .....	40
2.3 A busca pelo ouro negro: a indústria petrolífera brasileira .....	52
<b>3 FAMÍLIA: uma construção social</b> .....	63
3.1 Família ou famílias: As transformações ao longo dos séculos .....	63
3.2 Família e trabalho: transições e contradições .....	72
<b>4 “VOCÊ FEZ UMA ESCOLHA E EU ABRACEI ESSA SUA ESCOLHA, ENTÃO ESTOU AQUI PARA LHE APOIAR”:</b> a família e a segurança do trabalhador offshore .....	82
4.1 Os trabalhadores <i>offshore</i> pelo olhar da família .....	82
4.2 O ciclo de chegadas e partidas e a segurança do trabalhador .....	90
4.3 “ <i>Se você tiver uma boa estrutura familiar, família é base. E a empresa que entende isso, ela entendeu tudo</i> ”: a relação empresa-família na indústria de óleo e gás .....	96
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	105
<b>APÊNDICE A</b> – Termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) .....	126
<b>APÊNDICE B</b> – Roteiro Entrevistas Família e/ou Rede de apoio .....	127
<b>APÊNDICE C</b> – Roteiro para análise documental .....	129
<b>APÊNDICE D</b> – Tabela Levantamento Bibliográfico com lista de literaturas incluídas e excluídas no processo da pesquisa .....	131
<b>ANEXO A</b> – Plataforma de Petróleo P-61, localizada no Estado do Rio de Janeiro. ....	139
<b>ANEXO B</b> – Cartaz alusivo à criação da estatal do Petróleo, "O ouro negro que dará a independência ao Brasil". .....	140

## 1 INTRODUÇÃO

No século XVIII, os homens extraíam ouro das terras recém-descobertas do Novo Mundo, no continente americano. O homem segue explorando o planeta atrás de tesouros, que representem a felicidade da sociedade, que forneça educação de qualidade, saúde para viver melhor e moradia digna para repousar após um longo dia de trabalho, e essa busca vai até as profundezas. Hoje, outro tipo de “ouro” é retirado de um ambiente inóspito: os oceanos. Observamos a exploração desse ouro por uma minoria que utiliza o poder e a cobiça para ditar valores. O Estado, como um mediador neste mundo dos negócios, prometeu felicidade enquanto escondia os dedos cruzados e assistia a democracia ser sufocada por mentiras e negação de direitos. Casara (2021) aponta a existência de uma racionalidade que normatiza o imaginário das pessoas, sendo que o Estado “[...] incorporou o *mercantilismo*, que pode ser entendido como uma forma de governo dos assuntos econômicos” (CASARA, 2021, p. 48). Assim, o Estado ficou à serviço do capital através da racionalidade que normatiza as disputas individuais para alcançar o *status* social, a busca da felicidade e “[...] fez com que o Direito, o conjunto normativo estatal com pretensão de regular tanto o comportamento individual quanto atividade do Estado, tenha sido tratado como uma forma social relacionada ao processo de valorização do *valor*” (CASARA, 2016, p. 49). Trata-se de um processo que fomenta a fragmentação dos trabalhadores e fortalece o acúmulo de capital pelos ricos.

As máquinas criadas para melhorar a produtividade do trabalho estão cada vez mais eficientes, com mais tecnologia e com grau de alcance de produção superior à de décadas atrás. É nas plataformas (ver anexo A) que, dia e noite, homens e mulheres enfrentam situações de risco,<sup>1</sup> as quais podem ceifar dezenas de vidas. Essas situações envolvem desde ter que lidar com a agressividade do mar, o manuseio de equipamentos de trabalho limitados e também as condições de segurança frente ao cansaço resultante do trabalho árduo, e tudo isso contribui para o desgaste físico psicossocial.

---

<sup>1</sup> O conceito de risco é polissêmico e neste caso, se restringe a exposição a um possível acidente, pois é o resultado adverso na relação saúde-ambiente no trabalho (LIEBER; LIEBER, 2002).

A dissertação<sup>2</sup> *Famílias em Alto Mar: a interface com a cultura de segurança* investigou as relações entre os trabalhadores *offshore* (“em alto mar”) da indústria de óleo e gás (O&G) e sua família, bem como as repercussões na cultura de segurança. A inclusão dos familiares ou membros da rede de apoio dos trabalhadores na pesquisa pressupôs a escuta destas pessoas, indagando se o trabalho *offshore* influencia na vida afetiva, laboral e social – e se repercute de forma protetiva ou disruptiva.

Para Engels (2021, p.101) a família “[...] deve progredir na medida em que progrida a sociedade, que deve se modificar-se na medida em que a sociedade se modifique; como sucedeu até agora”. Portanto, a família se transforma, se reinventa em diferentes contextos ao longo da história, não é possível apontar um modelo e/ou definição único de família. Conseqüentemente, ressaltamos que a família é fundamental na proteção social, uma vez que a intensidade e a qualidade das vivências repercutem ou impactam nos sujeitos e em todas as dimensões da vida.

A vida não é dicotômica, ou seja, não é possível separar o sujeito de suas dimensões sociais. Conforme Delgado (2005, p. 89), “Certamente, cada ser humano, cada um de nós desde sua origem teve, tem e terá uma família que definiu e/ou define as possibilidades de ser, de existir, que gera sentimento de pertença primária, que se promove ao logo da vida individual e familiar”. Neste sentido, Kern (2015, p. 1) afirma que “Podemos entender o pertencimento social como uma construção processual cotidiana que inicia a partir da rede primária (família e nas primeiras instâncias relacionais)”, através dos valores e conhecimentos da rede primária, o indivíduo constrói outras redes de apoio (p.ex., amizades no ambiente de trabalho).

Com relação especificamente ao trabalho *offshore*, outros fatores perpassam as relações entre trabalhadores e famílias, como trabalhar de forma confinada por um determinado período. Por ser uma atividade com características singulares, as sensações e os sentimentos tendem a ser acentuadas, pois o trabalhador participa de procedimentos e ações consideradas

---

<sup>2</sup> Este estudo foi realizado no âmbito do Projeto Fatores Humanos (Projeto HF) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), financiado pelo Consórcio de Libra, com apoio da ANP (Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis, Brasil) associado ao investimento de recursos oriundos das Cláusulas de P,D & I - Regulamento nº 03/2015 (processos: 2016/00187-1 e 2019/00105-3).

[...] complexas, perigosas, contínuas e coletivas e que envolvem os mais diversos riscos. Acrescenta-se a essa complexidade a permanência durante catorze dias em confinamento em alto mar, o que eleva substancialmente as proporções do resultado dessa equação para os trabalhadores. (LEITE, 2009, p.2182)

Do mesmo modo, Cabete (2014, p. 15) acredita que “[...] a indústria de óleo e gás também é considerada uma das mais perigosas do mundo, pois lida com um produto altamente inflamável, altas pressões e temperaturas”. A extração de petróleo exige dos trabalhadores uma extenuante jornada de trabalho e a exposição a ruídos quase incessantes. Nas plataformas de óleo e gás, as pessoas estão constantemente expostas a

[...] condições extremas de temperatura (calor e frio), ventilação inadequada, ar contaminado, gases, ácidos e vapores tóxicos e inflamáveis, além de outros produtos químicos com efeitos potencialmente deletérios para a saúde dos trabalhadores de plataformas. (FIGUEIREDO, 2016, p.171)

Durante a jornada de trabalho, sentimentos, lembranças, afeto e conflitos da vida familiar do trabalhador refletem em seu comportamento e na convivência com os demais colegas, podendo suscitar vulnerabilidades laborais e que, para Ayres *et al.* (2009), podem ser analisadas em três dimensões: na dimensão individual, na qual o próprio trabalhador é responsável por suas ações e escolhas, tais como a utilização correta dos equipamentos básicos de proteção; na dimensão social, que inclui as escolhas individuais, e o contexto em que o trabalhador está inserido (se possui acesso à informações importantes, a equipamentos de segurança, se tem conhecimento das normas – no caso estudado, das plataformas *offshore*); e a dimensão programática, que avalia como as empresas disponibilizam as ferramentas de proteção para o trabalhador, bem como se estes locais “atuam como elementos que reproduzem, quando não mesmo aprofundam, as condições socialmente dadas de vulnerabilidade” (AYRES *et al.*, 2009, p. 397). Com base no exposto, indagamos: como a empresa avalia as condições dos trabalhadores sujeitos a vulnerabilidades? Ressaltamos que a fragilização da rede de apoio social também integra o contexto da vulnerabilidade em sua dimensão individual e social e repercute na saúde do trabalhador.

É importante destacar que a saúde do trabalhador é a integração de conhecimentos, práticas e estratégias interdisciplinares “[...] voltados para analisar e intervir nas relações de trabalho que provocam doenças e agravos. Seus marcos

referenciais são os da Saúde Coletiva, ou seja, a promoção, a prevenção e a vigilância” (MINAYO GOMEZ *et al.*, 2018, 1964). Esta matéria é importante para os assistentes sociais e pode ser problematizada a partir de duas perspectivas diferentes. A primeira é “[...] decorrente da nova ordem do capital sobre o trabalho” (MENDES; WUNSCH, 2011, p.462) que constitui um moderno modelo de exploração e acumulação de capital. Trata-se de “[...] um embate clássico e notório entre os detentores do capital e os trabalhadores” (PEYON, 2019, p.173) que apresenta um interessante paradoxo: o indivíduo é obrigado a trabalhar para sobreviver, mas é explorado na lógica perversa do capital que visa à maximização dos lucros. Já a segunda perspectiva envolve o trabalho de assistentes sociais, uma vez que possuem “conhecimento político da área, representado pela sua inserção no conjunto das políticas públicas e intersetoriais” (MENDES; WUNSCH 2011, p. 462). Em outras palavras, o assistente social é cada vez mais requisitado na área da saúde do trabalhador porque atua na garantia dos direitos universais. As autoras supracitadas (2011, p.470) mencionam que a atuação profissional nesse campo é baseada em “quatro pilares que representam as mediações no campo ético-político, teórico-metodológico e técnico-operativo”. O primeiro é compreender a saúde, seu conceito, impactos e a história sobre o acesso à saúde na história do Brasil; o segundo pilar é o impacto das vulnerabilidades nas quais o trabalhador está exposto e as consequências para sua saúde; o terceiro pilar é conhecer as precarizações do trabalho e os impactos na garantia de direitos dos trabalhadores; por último, o quarto pilar é procurar entender o processo de saúde-doença do trabalhador. Entendemos que os pilares mencionados acima orientam o profissional do serviço social para que seja possível compreender e contextualizar a realidade dos trabalhadores e, assim, identificar o objeto para uma melhor intervenção. No processo de conhecer, compreender e aprofundar a realidade em que o sujeito está inserido, percebemos que o assistente social utiliza a instrumentalidade

[...] adquirida no exercício profissional, que os assistentes sociais modificam, transformam, alteram as condições objetivas e subjetivas e as relações interpessoais e sociais existentes num determinado nível da realidade social: no nível do cotidiano (GUERRA, 2000, p. 2).

As técnicas e conhecimentos que embasam o fazer profissional nas perspectivas teórico-metodológico, ético-político e técnico-operativa são norteadas pelo projeto ético-político. Tais instrumentos profissionais permitem a aproximação

do objeto investigado, desvelando elementos que totalizam a trajetória do sujeito atendido, buscando uma compreensão dos fatos e acontecimentos que o trouxeram até este momento. A instrumentalidade da profissão foi construída nas últimas décadas do século XX, com ênfase no movimento conhecido como Reconceituação<sup>3</sup>. Iamamoto (2004) ressalta a necessidade de uma competência teórico-crítica para a formação profissional e para o trabalho do assistente social, latente diante das circunstâncias vivenciadas pela sociedade brasileira no período histórico da ditadura militar (1964-1985):

Os rumos assumidos pelo amplo debate efetuado na década de 1980 apontaram, ainda, para o privilégio – ainda que a não exclusividade – de uma teoria social crítica desveladora dos fundamentos da produção e reprodução da “questão social<sup>4</sup>” (IAMAMOTO, 2004, p. 185).

A teoria crítica adotada como uma nova direção do “pensar” sobre uma nova sociedade, traz o entendimento de que o método dialético-crítico possibilitava analisar além do apresentado. Ao realizar o movimento da dialética, por meio das categorias de historicidade, contradição, mediação, trabalho e totalidade, o assistente social compreende as vicissitudes do objeto de investigação

Significa, de outra forma, buscar uma intervenção que supere uma visão simplificada que fragmenta o entendimento da vida social. Faz-se necessário perceber sua totalidade, permeada por inúmeras contradições, marcada por uma determinada historicidade, em um campo social determinado pelas relações de trabalho. (FERNANDES, 2005, p. 3)

Ao conhecer a historicidade, busca-se compreender o período histórico e os impactos que ele incide atualmente. Permeado com a intencionalidade, como posicionamento ideológico, o assistente social acredita na reificação da transformação societária, considerando a historicidade como um dos pontos para desvelar alienação e fetiches da sociedade (FERNANDES, 2005). Concomitante, a

---

<sup>3</sup> Na perspectiva de Netto (2005, p. 77), “A principal conquista da Reconceituação, porém, parece localizar-se num plano preciso: o da recusa do profissional de Serviço Social a situar-se como um agente técnico puramente executivo (quase sempre, um executor terminal de políticas sociais). Reivindicando atividades de planejamento para além dos níveis de intervenção micro-social, valorizando nas funções profissionais o estatuto intelectual do assistente social (abrindo, pois, a via para a inserção da investigação como atributo também do Serviço Social), a Reconceituação assentou as bases para requalificação profissional, rechaçando a subalternidade expressa na até então vigente aceitação da divisão consagrada de trabalho entre cientistas sociais (os ‘teóricos’) e os trabalhadores sociais (os profissionais ‘da prática’)”.

<sup>4</sup> A “questão social” é considerada um importante objeto de trabalho do assistente social. Neste sentido, Iamamoto (2004, p. 27) afirma que “[...] o Serviço Social tem na *questão social* a base de sua fundação como especialização do trabalho. Questão social apreendida como o conjunto as expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura [...]”.

historicidade é cercada por contradições, o que Triviños (1987, p. 69) chamaria de movimentos “contrários”, pois “Os opostos estão em interação permanente. Isto é o que constitui a contradição, ou seja, a luta dos contrários. Desta maneira, a contradição é a fonte genuína do movimento, da transformação dos fenômenos”. Ainda, segundo o autor citado, na dialética do movimento dos contrários um não pode existir sem o outro, como exemplo a existência da dicotomia burguesia e proletariado. Podemos também citar o acúmulo de bens pela parcela mais rica da sociedade e a desigualdade social que caracteriza o sistema capitalista. A contradição dialética é o movimento que “[...] como a água que muda de estado aos 100 graus, uma negação que inclui o oposto e que guarda, na síntese, momentos da tese e da antítese, para dar início a outra tese e novamente reiniciar o processo”. (PRATZ; CARRARO, 2017, p. 165). A categoria trabalho está no cerne da contradição do sistema capitalista, pois o trabalho é visto como “[...] a condição básica e fundamental de toda a vida humana” (ANTUNES, p. 13, 2013). O trabalho é inerente ao homem, executado para a sua subsistência através da venda de mão-de-obra. É a exploração da força de trabalho em *prol* do capital que gera o conceito de mais-valia, entendido como o lucro excedente que cada trabalhador produz para o patrão. De acordo com Marx (2013, p. 706),

A produção capitalista não é apenas produção de mercadoria, mas essencialmente produção de mais-valor. O trabalhador produz não para si, mas para o capital. Não basta, por isso, que ele produza em geral. Ele tem de produzir mais-valor. Só é produtivo o trabalhador que produz mais-valor para o capitalista ou serve à autovalorização do capital.

Com isso, a produção capitalista reproduz a constante subordinação dos sujeitos assalariados, obtendo seu “exército industrial de reservas”, orquestrando oferta e demanda, limitando salários para que seja adequado à exploração e gerando necessidades além da subsistência (MARX, 2013). A essência e as expressões da questão social, que são objeto de intervenção do (a) assistente social estão na contradição do trabalho *versus* capital, por isso é importante o conhecimento e desvelamento desta relação para o profissional. Para Yamamoto (2004, p. 62) “Nesta perspectiva, o conhecimento da realidade deixa de ser um mero *pano de fundo* para o exercício profissional, tornando-se *condição do mesmo*, do conhecimento do objeto junto ao qual incide a ação transformadora ou esse trabalho” [grifo do autor]. No entanto, a mediação, categoria do método dialético, perpassa todas as outras e nos apresenta uma totalidade da realidade. Segundo

Pontes (1995, p. 78) “As mediações são as expressões históricas das relações que o homem edificou com a natureza e conseqüentemente das relações sociais daí decorrentes, nas várias formações sócio-humanas que a história registrou”. Também cabe acrescentar que as expressões da questão social são o processo de produção e reprodução da sociedade (IAMAMOTO, 2004). A mediação é o balanço e a superação das contradições apresentadas. Estas mediações representam um conjunto de instrumentos de trabalho para o profissional de Serviço Social que auxilia adentrar na essência composta do ser, aprofundando as contradições que o movem, aproximando-se da realidade, com a intenção de transformá-la (MARTINELLI; MORAES, 2012, p.3).

A totalidade é partícipe deste conjunto de categorias que compõem o materialismo dialético, pois “É responsável pelas moventes relações que se operam no interior de cada complexo relativamente total e das articulações dinâmicas e contraditórias entre estas várias estruturas sócio históricas” (PONTES, 1995, p.81). Portanto, para chegarmos à totalidade também podemos fazer uso de medições, de forma que elas unam fragmentos da realidade “[...] realizando movimentos dedutivos e indutivos” (PRATEZ; CARRARO, 2017, p. 164), tal como ocorre quando o assistente social realiza suas investigações em campo. Ao realizar sucessivas aproximações, o assistente social terá maior nitidez sobre a totalidade em que o sujeito está inserido, como ele dialoga com a sociedade e a sua integração no meio em que vive. A desigualdade social forja a questão social e essas experiências vivenciadas pelos sujeitos impactam suas ações cotidianas, podendo ter conseqüências na saúde do trabalhador.

Ao adentrarmos na realidade dos trabalhadores *offshore*, percebemos que eles realizam suas funções numa plataforma em alto mar, ficam impossibilitados de retornar ao lar todos os dias (eles ficam embarcados por um período de, em média, 14 dias). Do ponto de vista dos familiares, surge a necessidade de organizar duas rotinas distintas, uma sem o contato diário com o trabalhador (p. ex., o pai), e outra com a sua presença após vários dias de afastamento. Nos estudos de Parkes *et al.* (2005, p. 419) desenvolvidos no norte da Europa, onde há várias empresas de *offshore* europeias, 284 esposas de trabalhadores da indústria participaram do estudo no período entre 2001-2002 e, destes números, “59% das esposas relataram que “às vezes” ou “sempre” tiveram problemas para se ajustar às ausências do

parceiro”<sup>5</sup>. Assim, determinadas famílias conseguem adaptar-se às exigências do modelo de trabalho *offshore* e outras não. Algumas passam por sérias dificuldades em vista às drásticas e constantes alterações na rotina familiar, como mostra o estudo de Parkes *et al.* (2005) quanto à fadiga do trabalhador após o período de trabalho e a divisão de controle sobre regras e ajustes, que corroboram na tensão que a família *offshore* experimenta.

No período em que o trabalhador está embarcado, a família segue a sua rotina sem a presença do familiar, ausência fortemente sentida em datas especiais, como aniversários, Natal, Ano Novo, entre outros. “Ao ficar sistematicamente afastado do contexto e da convivência com a família e com a rede de apoio social, tanto o trabalhador *offshore* como suas relações afetivas e sociais são afetadas por essa participação delimitada no tempo e no espaço” (BELLINI *et al.*, 2023, p. 7). Além disso, a família está ciente que apenas contará com este trabalhador por um determinado período e que em momento de urgência contará com sua rede de apoio, o que, de certa, forma exclui o trabalhador da participação. Contraditoriamente, podemos considerar a proximidade com a rede de apoio uma forma de proteção porque, ao torna-se mais independente, a família se organiza para que não haja preocupação para o trabalhador, pois reconhece a periculosidade do ambiente de trabalho. Em sua pesquisa, Leite (2009) menciona a presença da Tensão Pré-embarque (TPE)<sup>6</sup> nos trabalhadores e como ela reflete na família. Figueiredo (2016, p.187) menciona que TPE é uma das formas de sofrimento psíquico, que se estende para além do trabalho e “contagiam a própria família e que tendem a se agravar no caso da presença de filhos pequenos”. Como já mencionado, não é possível separar trabalho e família na vida de um sujeito, principalmente quando o primeiro incide na rotina familiar. Os riscos inerentes à profissão também são vivenciados e temidos pela família, que tem seus medos e ansiedades acentuados a cada embarque, em especial quando há algum acidente<sup>7</sup>.

A incidência de acidentes de trabalho está diretamente correlacionada com o investimento em segurança que a empresa aplica. A cultura de segurança está

---

<sup>5</sup> Tradução da autora. Original, em inglês: *In the present sample, 59% of the spouses reported that they ‘sometimes’ or ‘always’ experienced problems in adjusting to their partner’s absences.*

<sup>6</sup> Leite (2006, p.101) descreve a TPE baseada em sua pesquisa com trabalhadores da indústria de óleo e gás que nomearam a tensão pré-embarque como “síndrome”, que são “as alterações psicossomáticas que ocorrem no período antes de embarcarem [...]”.

<sup>7</sup> Como, por exemplo, o ocorrido na plataforma P-36, em 15 de março de 2001, quando 11 trabalhadores morreram (FIGUEIREDO, 2016). (ver anexo A)

profundamente ligada à saúde do trabalhador porque os fatores humanos<sup>8</sup>. contribuem para a maturação desta cultura. Afinal, as interações com equipamentos, normas de segurança e com os próprios colegas influenciam a ocorrência de acidentes, e a compreensão das características, crenças, atitudes e percepções dos indivíduos são importantes para o desenvolvimento de suas atividades, assim como a forma que interagem com o sistema de gestão da empresa no que diz respeito aos riscos e à segurança do trabalho (FILHO *et al.* 2011). Os fatores humanos (trabalhadores) impactam de forma positiva ou negativa nas tomadas de decisões em relação às adversidades apresentadas na sua rotina de trabalho. As habilidades não técnicas, que compreendem consciência situacional, tomada de decisões, comunicação, liderança, trabalho em equipe e gerenciamento dos recursos pessoais (FLIN; AGNEW, 2018), podem ser otimizadas na construção de uma cultura de segurança, priorizando mudanças de estratégias que visam um maior cuidado com os trabalhadores nas performances de suas funções.

A segurança do trabalhador não se restringe apenas ao trabalho, principalmente quando se trata do trabalho offshore, que interfere diretamente na dinâmica familiar. Neste contexto, a segurança do trabalhador começa a partir do primeiro dia em que se desloca de sua casa para a plataforma. A segurança do trabalhador também compõe a segurança da família e vai além do acesso aos equipamentos de proteção, dos protocolos exigidos no trabalho. Esta segurança de amparo por parte da empresa para além das leis e normativas de segurança. Uma cultura de segurança deveria proteger o trabalhador para além do seu local de trabalho.

Em vista do que afirmamos até aqui, elaboramos o seguinte problema de pesquisa: quais fatores relacionados à família e/ou à rede de apoio social do trabalhador *offshore* da indústria de O&G podem contribuir como subsídios para a implementação de uma cultura de segurança operacional? O objetivo geral: identificar fatores na relação família e/ou rede de apoio social e trabalhador *offshore* da indústria de O&G que possam contribuir como subsídios para a implementação de uma cultura de segurança operacional. As questões norteadoras que conduziram o processo investigativo da pesquisa foram: Quais fatores relacionados à família e a rede social de apoio dos trabalhadores da indústria de óleo e gás podem dificultar

---

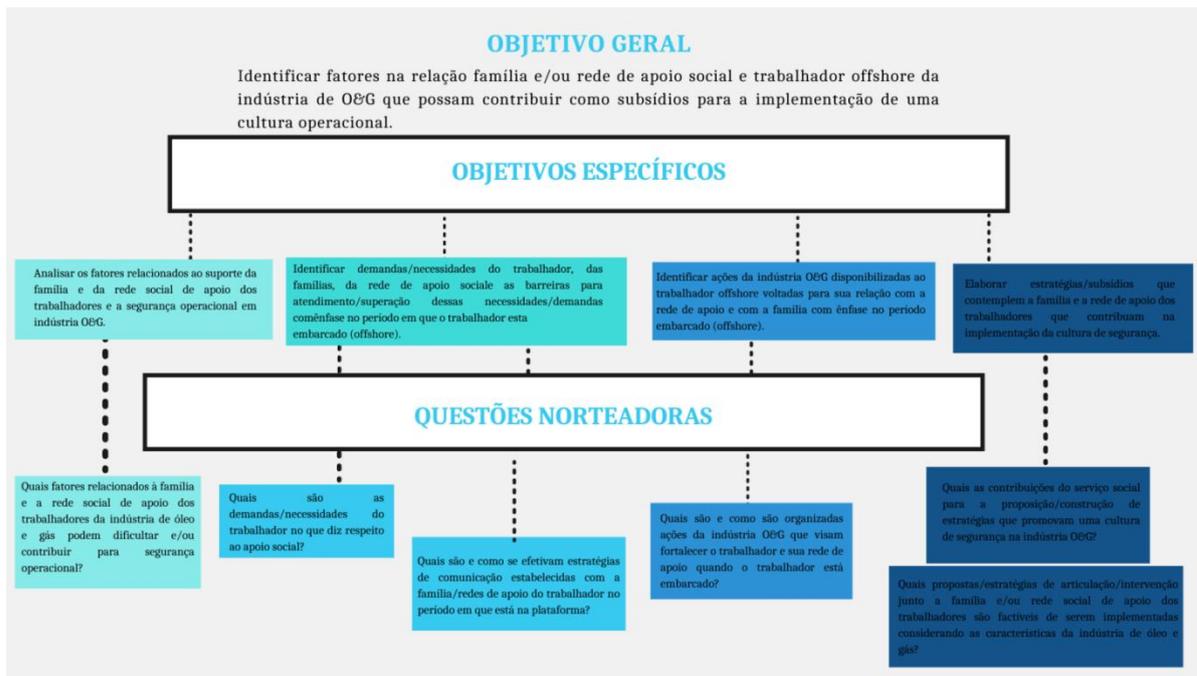
<sup>8</sup> Fatores humanos buscam “compreender a interação do ser humano com os elementos tecnológicos dos seus ambientes de trabalho e vivência” (FRANÇA *et al.*, 2014, p. 2).

e/ou contribuir para segurança operacional? Quais são as demandas/necessidades do trabalhador no que diz respeito ao apoio social? Quais são e como se efetivam estratégias de comunicação estabelecidas com a família/redes de apoio do trabalhador no período em que está na plataforma? Quais são e como são organizadas ações da indústria O&G que visam fortalecer o trabalhador e sua rede de apoio quando o trabalhador está embarcado? Quais as contribuições do serviço social para a proposição/construção de estratégias que promovam uma cultura de segurança na indústria O&G? Quais propostas/estratégias de articulação/intervenção junto à família e/ou rede social de apoio dos trabalhadores são factíveis de serem implementadas considerando as características da indústria de óleo e gás?

Neste sentido, foram elencados 4 (quatro) objetivos específicos: Analisar os fatores relacionados ao suporte da família e da rede social de apoio dos trabalhadores e a segurança operacional em indústria O&G; Identificar demandas/necessidades do trabalhador, das famílias, da rede de apoio social e as barreiras para atendimento/superação dessas necessidades/demandas com ênfase no período em que o trabalhador está embarcado (*offshore*); Identificar ações da indústria O&G disponibilizadas ao trabalhador *offshore* voltadas para sua relação com a rede de apoio e com a família com ênfase período embarcado (*offshore*); Elaborar estratégias/subsídios que contemplem a família e a rede de apoio dos trabalhadores que contribuam na implementação da cultura de segurança.

A Figura 1 apresenta uma estrutura metodológica de como estão ligados os objetivos específicos e as questões que os norteiam, para atender o objetivo geral da pesquisa.

**Figura 1** —: Estrutura metodológica



Fonte: Elaboração da autora (2022)

Esta dissertação está amparada no método dialético materialista histórico, que é constituído por uma “[...] espécie de mediação no processo de apreender, revelar e expor a estruturação, o desenvolvimento e a transformação dos fenômenos sociais” (FRIGOTTO, 2000, p. 77). O método pode ser utilizado para debruçar-se sobre a realidade e apreendê-la para além do superficial. Nessa perspectiva, o método embasa “uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais etc.” (GIL, 2008, p. 14). É possível conhecer com mais profundidade a realidade iluminada pelas categorias que emanam do real norteando os processos interventivos, que visam contribuir com a transformação desta realidade social (PRATES, 2012). Para desvelar a realidade em sua totalidade e as imbricações no objeto de estudo, devemos analisá-la em sua integralidade. A historicidade, a contradição e a totalidade são categorias do método dialético crítico que nortearam o entendimento do contexto dos trabalhadores da indústria de óleo e gás.

Ao utilizar o método qualitativo, Creswell (2007, p. 184) afirma que “A investigação qualitativa emprega diferentes alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos de coleta e análise de dados” buscando a melhor compreensão do objeto pesquisado. Como instrumentos e coletas, adotamos a metodologia de triangulação de dados, uma vez que ela aumenta o

grau de confiabilidade dos resultados. Para Sampiere; Fernández-Collado; Lucio (2006), a triangulação é um método que inclui dados obtidos de diferentes fontes, enfoques e técnicas. Também é possível elaborar novas teorias a partir dos princípios de outras já existentes – o que resulta no desenvolvimento de um ponto de vista teórico sobre uma determinada pesquisa científica. A triangulação inclui entrevistas, bem como pesquisa documental e bibliográfica.

Holman *apud* Nogueira-Martins & Bógus (2004) afirmam que entrevistas (com perguntas previamente elaboradas ou não), observação e análise do material escrito tornam a pesquisa mais fidedigna porque a diversificação das fontes possibilita a melhor apreensão e aproximação do objeto. Em vista disso, utilizamos informações coletadas de fontes diversificadas e complementares. Marconi & Lakatos (1999, p. 94) afirmam que a entrevista individual é o “Encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto”, salientando a importância deste instrumento para a coleta de dados de uma pesquisa ou investigação social. As entrevistas individuais foram realizadas com membros das famílias indicados pelos trabalhadores *offshore* quando estes participaram de outros projetos vinculados ao *Human Factor* (HF), um projeto institucional guarda-chuva. Seguindo uma amostra não probabilística, a partir do uso de uma técnica em que um participante sugere outro, conhecida como bola de neve.<sup>9</sup> Seis (6) participantes receberam indicação, todos cônjuges dos trabalhadores. Das 6 esposas que iniciaram a entrevista, 5 conseguiram concluir a participação. Uma (1), ainda que demonstrando interesse, não conseguiu participar pois precisava auxiliar os filhos com as tarefas escolares e mesmo com o trabalhador em casa, informou: “Avisa aí que, mesmo o marido em casa, quem faz as coisas com as crianças, é a mãe”. Os critérios para inclusão foram delimitados em familiares e/ou membros da rede de apoio social indicados pelos trabalhadores *offshore* em entrevistas individuais ou no grupo focal. Familiares e/ou membros da rede de apoio social dos trabalhadores *onshore* (em terra) não foram incluídos.

Devido às restrições impostas por causa da pandemia do Coronavírus, toda coleta de dados foi realizada de forma remota. Com os avanços tecnológicos das últimas décadas, entrevistas on-line já eram uma realidade, mas durante a

---

<sup>9</sup> Trata-se de um método de pesquisa proposto por Goldman (1961) e aludido por Albuquerque (2009). Desta forma, a pesquisa qualitativa aprofunda relações e fenômenos sociais (Minayo, 2002).

pandemia essa modalidade ganhou mais força porque ela diminui o risco de disseminação da doença. Foram tomadas, ainda, as mesmas precauções éticas (sigilo das fontes) e o Termo de Consentimento Esclarecido (TCLE) foi encaminhado previamente via e-mail o para o conhecimento e esclarecimento de cada um dos participantes, além de ser lido sob a presença de cada participante antes do começo das entrevistas (apêndice A) e, após o aval, ela foi iniciada. Nicolaci-da-Costa *et al.* (2009) afirmam que umas das vantagens da entrevista remota é a flexibilização do tempo, uma vez que ela pode ser realizada fora do horário comercial ou até mesmo pode ser dividida em diferentes dias. Do ponto de vista econômico, é importante ressaltar que entrevistas remotas evitam gastos com a locomoção. Dentre os diferentes tipos de entrevista, escolhemos a entrevista semiestruturada, ou seja, as perguntas (fechadas e abertas) foram elaboradas previamente (apêndice B). Como parte da coleta de dados, a observação é o instrumento técnico-operativo que permite ao assistente social enxergar a realidade do sujeito além das aparências e do senso-comum. Para Marsiglia (2009), no cotidiano observamos os fenômenos que emergem de forma espontânea e por isso devemos realizar uma observação organizada e sistemática para extrair uma matéria de qualidade e, assim, aprofundar o objeto observado. No entanto, o instrumento da observação fica comprometido quando a coleta é realizada de forma remota porque há possibilidade de interferências da tecnologia, como sinal instável da internet e imagens desfocadas.

As entrevistas nesta pesquisa foram realizadas no período de 3 (três) meses no ano de 2021 e as participantes são residentes de diversos Estados do Brasil. As participantes escolhiam o local, a data e o horário para a realização da entrevista.

A triangulação, como mencionado acima, também é composta por uma pesquisa documental e bibliográfica. Com relação à última, Gil (2002, p. 44) afirma que “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos”, salientando a facilidade de acesso como resultado de as publicações terem sido disponibilizadas no meio acadêmico. Neste sentido, foi realizado um levantamento bibliográfico através do banco de teses, dissertações e periódicos da Capes, bases de dados do Banco de Dados de Teses e Dissertações (BDTD), LILACS, MEDLINE, SCIELO, SCOPUS e Web of Science. Foram utilizados descritores, que são termos empregados para uma busca em artigos científicos. Os termos utilizados para o levantamento

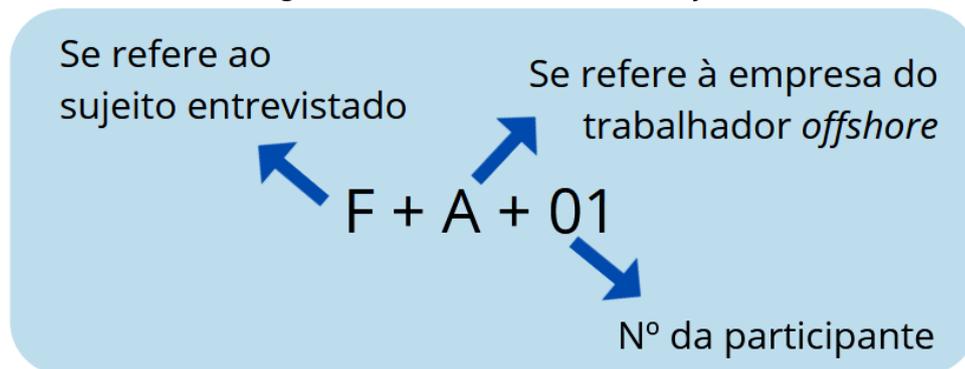
bibliográfico foram “Família” AND “Offshore”; “Apoio familiar” AND “Trabalhador offshore”; “Família” AND “Offshore work”; “Family” AND “offshore”; “Family” AND “Oil and gas industry”. Assim, foram encontradas 62 publicações e 9 (ver apêndice D) contemplaram o tema desta dissertação. É importante ressaltar que entre os artigos encontrados (total de 6), 5 foram de produções publicadas em revistas e periódicos internacionais; 1 (um) artigo publicado foi publicado no Brasil, na revista *Ciência & Saúde Coletiva*. As outras 4 (quatro) produções foram dissertações brasileiras publicadas na Capes e BDTD.

Com relação à pesquisa documental, Gil (2002, p. 45) destaca que “[...] vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico”, tratando-se de documentos que podem ser reformulados conforme a investigação da pesquisa se desenvolve. Neste sentido, a pesquisa documental foi realizada em 29 documentos disponibilizados por 3 empresas que compõem o Consórcio Libra para exploração do Petróleo, utilizando-se de um roteiro previamente construído para análise documental (Apêndice C). Os documentos disponibilizados correspondem ao período de 2019 a 2021, e entre eles está o Acordo Coletivo dos trabalhadores, Relatórios da Administração e Relatório Anual.

Para a realização da análise de conteúdo das entrevistas, optamos pelo autor Roque Moraes que afirma que

Análise de conteúdo constitui-se de um conjunto de técnicas e instrumentos empregados na fase análise e interpretação de dados de uma pesquisa, de modo especial, ao exame de documentos escritos, discursos, dados de comunicação e semelhantes, com a finalidade de uma leitura crítica e aprofundada, levando a descrição e a interpretação desses materiais [...]. (Moraes, 1994, p. 104)

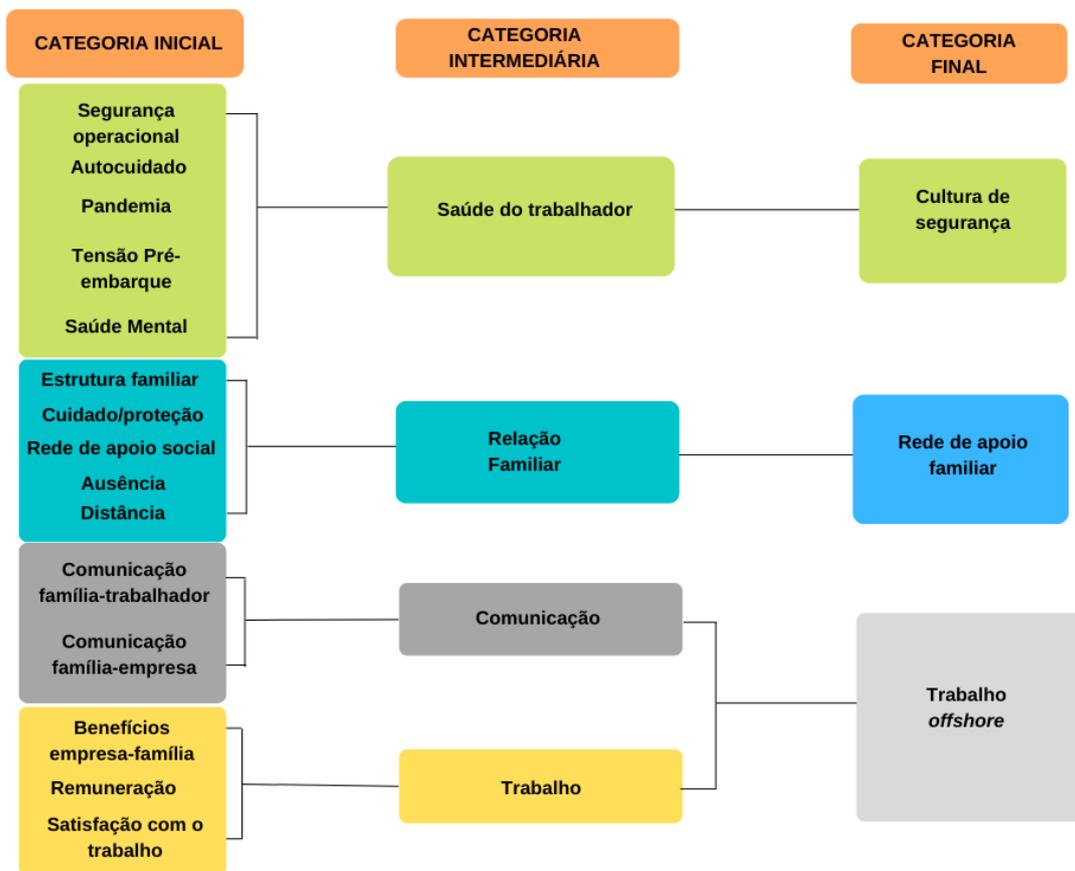
Essa análise, segundo Moraes (1999) é uma interação entre a teoria e prática, e como método investigativo, nos guia para uma compreensão aprofundada do material coletado na pesquisa. O método, segundo Moraes (1999) consiste em cinco etapas: (1) Preparação das informações: nesta etapa, após as entrevistas gravadas, fizemos as transcrições delas; (2) Codificação: processo de desidentificar as participantes, substituindo seus nomes por códigos para uma melhor organização do material. Como a codificação realizada faz parte do mesmo banco de coletas do projeto institucional HF, as esposas estão codificadas conforme a empresa que o marido trabalha, como no exemplo a seguir

**Figura 2** — Processo de caracterização

Fonte: Elaboração da autora (2022)

Com término da segunda etapa, iniciou-se o processo de (3) unitarização, que segundo Moraes (1994) é o momento de definir uma unidade de registro, neste caso, as frases são retiradas de um contexto, mas que “de forma isolada possam representar um sentido” (GUIMARÃES; PAULA, 2022 p. 40). Assim, seguimos para (4), a categorização, que agrupou as unitarizações que demonstram semelhança, indicando uma categoria final. Neste sentido, Moraes (1999) afirma que a categorização passa por três níveis no processo, a inicial, intermediária e a categoria final. Na análise desta produção as categorias finais encontradas foram: cultura de segurança, rede apoio familiar e trabalho *offshore*. A figura a seguir esquematiza o caminho para determinar tais categorias

**Figura 3** — O percurso das categorias



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Após estes processos, descrevemos o significado das categorias agrupadas. E, a última etapa, a (5) Interpretação, consiste na compreensão aprofundada do material trabalhado, a partir dos resultados das etapas anteriores, tendo a fundamentação teórica como base. Neste trabalho, estas duas últimas etapas estarão expostas conjuntamente nos próximos capítulos.

Cabe elucidar que o interesse por pesquisa em saúde está relacionado às nossas vivências, trabalhando oito anos num hospital privado em Porto Alegre, e realizando o estágio curricular obrigatório da graduação também na área hospitalar. Ao trabalhar junto aos trabalhadores da saúde durante o período de estágio curricular, foram aplicados questionários sobre as percepções da importância do acompanhamento familiar durante a internação do paciente, com o objetivo de identificar demandas/necessidades do acompanhante no período que seu familiar estivesse em tratamento. A inclusão dos trabalhadores da área da saúde foi importante porque elucidou as lacunas na relação profissional-acompanhante, que reverbera na saúde-doença do sujeito internado. Nessa perspectiva, o desconhecimento em relação ao trabalho *offshore*, as implicações deste labor e os

possíveis efeitos na conjuntura familiar despertou a curiosidade intelectual para o desenvolvimento desta temática, trabalho-família.

A presente dissertação procura preencher uma lacuna na literatura sobre as dinâmicas das famílias de trabalhadores *offshore* e como elas reverberam na cultura de segurança operacional na atividade extração de petróleo no mar. A pesquisa será divulgada nos meios acadêmicos e os demais interessados poderão compreender melhor sobre os desafios e as potencialidades do trabalho *offshore* em relação à família. Dessa forma, os capítulos subsequentes foram divididos da seguinte forma: **“A GENTE NÃO É SÓ UM NÚMERO DE MATRÍCULA, A GENTE TAMBÉM É GENTE”**: a metamorfose do trabalho é o segundo capítulo e fala sobre as transformações do mundo do trabalho e do plano econômico, buscando potencializar reflexões sobre a transição do feudalismo para o capitalismo, perpassando pela Revolução Industrial do séc. XVIII na Europa. Abordaremos o surgimento da classe operária com referência em Marx, e refletiremos sobre uma nova ordem social que se desenvolveu na década de 70 e impera até os dias atuais, denominada neoliberalismo. Através da cooptação da subjetividade dos trabalhadores, essa ordem transforma o mundo do trabalho para além do espaço laboral, invadindo, por exemplo, a esfera da família na vida do sujeito. Também neste capítulo, abordaremos a saúde do trabalhador e a Política Nacional de Saúde do Trabalhador como uma conquista que visa à proteção e promoção da qualidade de vida dos trabalhadores. Destacamos também importância da cultura de segurança e como a família participa dessa cultura através do trabalhador, por suas dimensões individuais e sociais. Para finalizar o capítulo, abordaremos o surgimento do trabalho *offshore* no Brasil, suas principais características e a importância dele dentro do cenário político econômico brasileiro.

No capítulo seguinte, **FAMÍLIA: uma construção social**, apontaremos as modificações históricas e sociais das famílias. Desde os primórdios, com o matrimônio em grupos, transcorrendo pela história da sociedade até os tempos atuais, traremos problemáticas e reflexões sobre a construção social do amor. No segundo momento, abordaremos o trabalho e a família como esferas indissociáveis.

Por fim, temos o capítulo **“Você fez uma escolha e eu abracei essa sua escolha, então estou aqui para lhe apoiar”**: a família e a segurança do trabalhador *offshore*, que trará, em um primeiro momento, a caracterização das famílias pesquisadas, sua organização, desafios e apontamentos sob o olhar da

família em relação ao trabalhador e ao trabalho *offshore*. Em um segundo momento, será discutido a relação empresa-família, bem como benefícios e lacunas desta relação. É importante ressaltar que no percurso desta dissertação teremos os depoimentos das participantes da pesquisa, de forma que não há um capítulo exclusivo para a análise de suas falas, mas elas farão parte do corpo textual para trazer lucidez ao trabalho.

Por fim, teremos as considerações finais, que versam sobre os objetivos elencados e as respostas obtidas nesta pesquisa.

## **2 “A GENTE NÃO É SÓ UM NÚMERO DE MATRÍCULA, A GENTE TAMBÉM É GENTE”:** a metamorfose do trabalho

O trabalho é essencial para a subsistência do ser humano, ou seja, os indivíduos trabalham independente da venda da sua força de trabalho. “Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza” (ANTUNES, 2013, p. 31). Marx em seus manuscritos afirmava que a natureza é modificada através do homem e que essa transformação é exercida pelo trabalho despendido ao objeto, portanto “o trabalho é o pai da riqueza material [...] e a terra é a mãe” (MARX, 2013, p. 167). Ao realizar o trabalho, o homem também é modificado por ele, ocorrendo duas transformações, uma do homem sobre a natureza e outra da natureza sobre o homem (LUKÁCS, 1979). Marx (2013, p. 327) conclui “No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente”. Esta é a diferença entre o ser humano e um animal, a racionalidade, que ao passar dos anos, vai construindo, produzindo, e modificando através da sua força de trabalho e das necessidades de subsistência.

A sociedade capitalista está sendo guiada pela doutrina do neoliberalismo, transformação, ocorrida no século XX, do liberalismo em um novo liberalismo baseado numa economia sem fronteiras, com amparo do Estado no papel de defensor desse novo modo de viver. Exatamente isso, “viver”. O neoliberalismo, ao contrário do liberalismo, não prevê uma total liberdade das escolhas individuais “Permite certa liberdade de escolha, mas não possibilita em geral a escolha dos rumos da própria vida” (PRADO, 2009, p. 172). O neoliberalismo suscita uma onda conservadora com discursos falaciosos de liberdade, para enaltecer uma hegemonia branca, patriarcal e religiosa e, assim, justifica a exclusão dos indivíduos diversificados deste padrão discursivo (BROWN, 2019). Através de um ideário meritocrata, ideais neoliberalistas transformam as relações sociais, direitos civis e o mundo do trabalho.

De acordo com o que foi afirmado acima, os temas deste capítulo são as formas de trabalho, as suas organizações e as intencionalidades que foram se modificando com as transformações da sociedade, através de uma nova ordem econômica e das inovações nos processos de trabalho.

## 2.1 Da subsistência ao modelo de acumulação capitalista

Ao problematizarmos as mudanças que ocorreram nas formas de organização do trabalho no decorrer dos séculos, é perceptível que no sistema feudal ele destinava-se a um fim, à sobrevivência mínima. Conforme Huberman (1986, p.12), o trabalho no período feudal envolvia o cultivo de grãos e o cuidado com os animais “[...] para utilizar a lã no vestuário. Era o trabalho agrícola, mas tão diferente de hoje que dificilmente o reconheceríamos”. Não afirmamos que o sistema feudal é melhor ou mais desejável do que o capitalista, pois em ambos encontramos a exploração dos trabalhadores

[...] os acontecimentos que transformam os pequenos camponeses em assalariados, e seus meios de subsistência e de trabalho em elementos materiais do capital, criam para este último, ao mesmo tempo, seu mercado interno. Anteriormente, a família camponesa produzia e processava os meios de subsistência e matérias-primas que ela mesma, em sua maior parte, consumia. Essas matérias primas e meios de subsistência converteram-se agora em mercadorias (MARX, 2013, p. 994).

Assim, o capitalismo permitiu ao comércio ampliar o poder de venda e compra da burguesia. Neste sentido, Huberman (1986, p.61) afirma que

“O fato de que a terra fosse assim comprada, vendida e trocada livremente, como qualquer outra mercadoria, determinou o fim do antigo mundo feudal. Forças atuando no sentido de modificar a situação varriam toda a Europa ocidental, dando-lhe uma face nova”.

Nos séculos seguintes, observamos que o desenvolvimento tecnológico surgido na revolução industrial aumentou de forma considerável a produtividade das fábricas, uma vez que as máquinas produziam em maior quantidade e em um espaço mais curto de tempo do que o trabalho manual executado pelos artesãos no feudalismo. Rosen (1994, p. 158) afirma que

À proporção que o sistema industrial crescia, eram necessários mais e mais trabalhadores. E já que não se podia levar a força do vapor e as novas máquinas para os lares – como aconteceu com os meios de produção sob a forma mais simples de organização industrial – tinha-se que trazer o trabalho para a fábrica, onde quer que se localizasse.

Era o surgimento de uma classe social marcada pela exploração e por baixos salários: o proletariado. O intenso fluxo de pessoas da área rural rumo às cidades foi motivado pelo desejo de obter um emprego nas fábricas localizadas nos centros urbanos da Europa, mas não havia infraestrutura suficiente para abrigá-las de forma

adequada. A luta diária dos trabalhadores não era pela riqueza, mas sim motivada pelo instinto básico de sobrevivência.

As famílias de oito, dez, doze filhos são frequentes. Incapazes de enfrentar as despesas de moradia, alimentação, vestuário com um só salário (pois a mulher é inteiramente ocupada em cuidar dos filhos), a família, frequentemente de origem operária, é levada a um processo implacável de marginalização pelo endividamento, que termina no círculo vicioso da doença, das despesas etc. (DEJOURS, 1992, p. 32).

É notável que a exploração nas relações de trabalho passou por inúmeras mudanças desde a época da revolução industrial, sendo uma delas a inserção de mulheres e crianças nas fábricas. As extremas dificuldades dos trabalhadores já eram observadas pelos intelectuais na época, com destaque para Friedrich Engels no livro *A situação da classe operária na Inglaterra*, publicado pela primeira vez em 1845. A obra aponta que a insalubridade era responsável pela deterioração da saúde e, conseqüentemente, responsável pelo expressivo número de mortes dos operários de fábrica e de seus filhos. O ambiente<sup>10</sup> das fábricas e das próprias moradias poderia causar sérias doenças (p. ex., tuberculose), a alimentação era insuficiente para as exigências físicas do trabalho (mais de 12 horas diárias) e a remuneração mal bastava para a subsistência. Neste cenário desolador, a inclusão das mulheres e crianças no mundo do trabalho aumentou a lucratividade da burguesia, tendo em vista que esses grupos recebiam salários menores. Neste sentido, para as crianças era ainda mais grave, pois elas eram as principais vítimas de castigos físicos e de fatalidades ao manusearem as máquinas nas fábricas. De qualquer forma, a própria natureza do trabalho não incentivava a criatividade ou reflexão, ou seja, era repetitiva e não parecia voltada para o desenvolvimento pessoal do trabalhador.

É importante ressaltar que a relação entre burguesia e proletariado não era harmônica, ela foi pontuada por tensões, conflitos e punições contra minorias que não seguiam a ordem vigente. No século XVIII, surgiu na Inglaterra um movimento operário entendido como uma reação violenta contra as mudanças impostas no mundo do trabalho, como os luditas (*ludders*), que invadiam as fábricas dos patrões e danificavam o maquinário (p. ex., um tear), causando prejuízos financeiros.

---

<sup>10</sup> Tal contexto remonta a Rosen (1994, p. 332), que afirma “[...] não ser possível fragmentar a saúde do trabalhador nas instalações industriais; as condições de vida, na casa, e as de trabalho, na fábrica, têm efeitos importantes sobre sua saúde”.

O ludismo espalhou-se pelos condados de Nottingham, York e Lancaster, assumindo tendências diferentes entre 1811 e 1817. Processados, vários luditas foram condenados à morte e outros à deportação, em 1812. Não obstante, o movimento continuou, agitações ocorreram condenando as más condições de vida da classe operária e agitando, principalmente, a população humilde (AZEVEDO, 1999, p.284-285).

Houve resistência dos trabalhadores contra a burguesia – assim como severas punições contra aqueles que ousavam questionar os ditames do capitalismo industrial. Igualmente surgido na Inglaterra (país pioneiro da Revolução Industrial), o movimento cartista almejava não somente a melhoria da vida do proletariado na esfera do trabalho, mas também na política. De acordo com Dal Ri; Silva (2019, p. 708), “O cartismo teve grande expressividade nas décadas de 1830 e 1840 (vigorou de 1836 a 1850) e ficou conhecido por esse nome em decorrência da Carta do Povo, documento contendo reivindicações de direitos políticos encaminhado ao parlamento inglês”. Para conquistar seus objetivos, os autores citados reforçam que havia duas tendências opostas: uma incentivava a violência, a outra percebia que as mudanças ocorreriam através métodos não-violentos, como a educação e a disseminação das ideias cartistas. Apesar das lutas, é do contraste da desigualdade social entre burguesia (cada vez mais rica) e proletariado (cada vez mais explorada) que Marx (2013, p. 960) elabora o conceito de “pecado original”. Afinal, é desse período histórico que “[...] datam a pobreza da grande massa, que ainda hoje, apesar de todo seu trabalho, continua a não possuir nada para vender a não ser a si mesma, e a riqueza dos poucos, que cresce continuamente, embora há muito tenham deixado de trabalhar”.

O processo de alienação dos trabalhadores foi reforçado a partir da implementação, no começo do século passado, do sistema taylorismo-fordismo. A ideia principal era dividir o trabalho em duas formas (manual e intelectual) de forma a segmentar as “[...] atividades produtivas, com uma conseqüente perda ou redução da relação do trabalhador com a finalidade de seu trabalho, especialmente pela divisão processual do trabalho, marcada por tempos e movimentos ritmados e mecânicos [...]” (PEYON, 2018, p. 173). Esta alienação, na modernização dos processos de trabalho, ampliou o abismo entre o trabalho social e o trabalho como consumo. Neste sentido, relacionamos essa observação com o que Marx e Engels (2011, p. 18) afirmaram sobre o trabalho exercido pelo proletariado não possuir mais “[...] o seu caráter individual e, em consequência, todo o estímulo para o trabalhador.

Ele se torna um apêndice da máquina e dele só é exigida a habilidade mais simples, mais monótona e mais facilmente adquirida”.

Como veremos a seguir, o desenvolvimento do neoliberalismo e das novas tecnologias de comunicação resultariam em outras mudanças no mercado de trabalho. O surgimento do chamado *welfare state* (Estado de bem-estar social) expressou a renúncia da teoria da “[...] pura lógica do mercado, em favor da exigência de extensão da segurança do emprego e dos ganhos como direitos de cidadania; moralmente, a defesa das ideias de justiça social, solidariedade e universalismo” (ESPING-ANDERSEN, 1995, p. 79). Além disso, o *welfare state* foi um esforço político das democracias liberais de reconstruir seus países e, ao mesmo tempo, combater a ameaça das revoluções marxistas (na época, o mundo vivia os primórdios da Guerra Fria) e do fascismo<sup>11</sup> (uma das causas da eclosão da Segunda Guerra Mundial). Entendido como um sistema que fornece proteção ao tecido social, Wolf e Oliveira (2016, p.663) afirmam que no *welfare state* é o Estado que fornece aos indivíduos o

[...] atendimento das necessidades individuais fundamentais relativamente às demais formas de provisão, como o mercado e a família. Nesse caso, ele pressupõe um processo de desmercantilização, isto é, de redução do grau de dependência dos indivíduos em relação ao mercado para a preservação de seus direitos fundamentais, na condição de cidadãos.

Nas últimas décadas do século XX, tornou-se perceptível o esgotamento do modelo de Estado de bem-estar social na Europa ocidental. Em outras palavras, a decadência de um sistema que garantia a proteção dos indivíduos “[...] e suas formas institucionais; e a redução da capacidade de oferta de emprego ao mesmo tempo que se aprimoram os processos de desregulação do trabalho e sua consequente desqualificação” (SEIBEL, p.96, 2005). É importante ressaltar as transformações nas configurações da instituição familiar nesse período, principalmente com relação as mulheres, pois por séculos, as sociedades delegavam aos homens o exercício do poder, uma vez que eram responsáveis pelo sustento da família. Desta forma, a família patriarcal foi fortalecida através da divisão sexual do trabalho, e “As ideologias patriarcais que não apenas constroem as diferenças entre homens e mulheres, mas também as constroem de tal forma

---

<sup>11</sup> Conforme Stanley (2018, p.182) “A política fascista atrai seu público com a tentação de se libertar das normas democráticas, mascarando o fato de que a alternativa proposta não é uma forma de liberdade que possa sustentar um Estado-nação estável e dificilmente garantirá a liberdade”.

que sua inferioridade seja entendida como biologicamente inerente ou natural”.<sup>12</sup> (FACIO; FRIES, 2005, p. 261, tradução nossa). Após a Segunda Guerra Mundial, as mulheres europeias conquistaram uma maior participação no mercado de trabalho, “[...] ao preço de lutas difíceis, direitos e poderes que lhes permitiram não apenas reduzir a dominação masculina, mas inverter seu curso” (ROUDINESCO, 2003, p. 151).

Uma nova ordem social econômica se instala no mundo capitalista. O neoliberalismo surge como uma possibilidade de perpetuar o liberalismo, mas com faces que transcendem a ideia genuína de uma sociedade economicamente livre. Não é possível refletir sobre o neoliberalismo sem antes pensar no princípio de sua ideologia. Podemos afirmar que na evolução do liberalismo de Adam Smith (1776), séculos após, Hayek (1944) defendeu um devir de sociedade em *prol* de um mercado livre que sustentaria o liberalismo que estava ameaçado pelo socialismo então vigente na União Soviética, comandada pelo ditador Josef Stalin (de 1927 a 1953). Dentro da ideologia de Hayek, o livre mercado deve estar acima de qualquer circunstância, ou seja, a sociedade deve trabalhar e ser regulada para a supremacia do mercado (GANEM, 2012). O último autor também acreditava em uma “razão construtiva” guiada por ações subjetivas onipotentes que alterariam a história. Em 1759, em sua obra publicada “Uma investigação sobre a natureza e a riqueza das nações, Adam Smith traz pela primeira vez o conceito de mão invisível, que defendia uma regulação da sociedade em prol do mercado, mas que interesses individuais fariam o livre mercado regular a sociedade. Hayek apoiava um condicionamento coletivo em benefício desta regulação, para ele tudo deve ser voltado a uma sociedade que visa o livre mercado. O Estado deve dispor das condições para que todos os indivíduos participem desta racionalidade, porque ela deve ser hegemônica para a “revolução cultural” que é a desconstrução da história e da política passadas, com futuras novas ideias societárias. (CASARA, 2021). Para isso, tem que haver uma aceitação coletiva desta racionalidade normativa que permeia o imaginário no qual Casara (2021, p. 62) afirma ser “O processo de construção, manipulação e naturalização de ideias e conceitos, apresentados como os únicos possíveis ou realistas, explica como tantos oprimidos aceitam passivamente medidas que só

---

<sup>12</sup> Tradução da autora. Original em espanhol: [...] *las ideologías patriarcales que no sólo construyen las diferencias entre hombres y mujeres, sino que las construyen de manera que la inferioridad de éstas es entendida como biológicamente inherente o natural.*

interessam ao opressor”. Neste sentido, é como aceitar que só há um caminho a ser percorrido, só há uma solução para os males, uma manipulação que se fixa como o real, acima de qualquer outra hipótese ou alternativa. O neoliberalismo surge como uma forma “[...] de se poder pensar a ordem de mercado como uma ordem construída, portanto, ter condições de estabelecer um verdadeiro programa político (uma “agenda”) visando a seu estabelecimento e sua conservação permanente” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 82).

O fenômeno da globalização e, conseqüentemente, da ascensão do neoliberalismo a nível mundial ocorreu na década de 1980, período que marcou os últimos momentos da guerra fria, a queda do muro de Berlim e, conseqüentemente, uma grave crise do bloco socialista. Conforme Melo (2007, p. 66), “O neoliberalismo consolidava-se nos principais países em detrimento do *welfare state*. Países centrais, como os Estados Unidos e a Inglaterra, promoviam a reestruturação do Estado e reviam sua relação com a sociedade”. No caso específico dos Estados Unidos (líder do bloco capitalista), Filho (2010, p. 138) ressalta que as medidas tomadas pelo então presidente da República Ronald Reagan incluíam a

[...] desregulamentação de mercados financeiros, enfraquecimento de instituições de proteção social, enfraquecimento de sindicatos e da proteção aos trabalhadores, diminuição do governo, corte de impostos para os mais ricos, abertura comercial e financeira, abandono do pleno emprego como guia de política econômica.

Desta forma, as grandes economias internacionais adotaram uma interpretação do papel do Estado que divergia daquela adotada após a Segunda Guerra Mundial. E, conseqüentemente, o neoliberalismo não tardaria a ser implementado, com diferentes níveis de sucesso, em outros países. Para os neoliberais, o mercado livre, com interferências mínimas do Estado, defendia que o sucesso dependia apenas dos indivíduos para ascensão econômica e social. Neste sentido, a teoria ignora as limitações individuais denominando o indivíduo como o responsável pelo fracasso e, assim, mantém uma ordem social que continua beneficiando os grandes capitalistas. Com isso, as “[...] pessoas que acreditam ser empresários-de-si acabam exploradas de maneira mais intensa e perversa do que eram explorados os velhos trabalhadores sindicalizados” (CASARA, 2021, p. 63). Assim, como poderíamos situar o Brasil nesse cenário de mudanças econômicas e políticas?

Conforme Maciel (2011), o governo de Fernando Collor de Mello (1990-1992) colocou em prática medidas consideradas neoliberais, com amplo apoio do empresariado nacional e dos meios de comunicação de massa. Foi o marco da entrada neoliberal no Brasil com abertura para o capital estrangeiro, iniciando um processo de precarização e privatização das conquistas realizadas pela sociedade. Seguindo essa lógica econômica, foi no mandato do presidente da República Fernando Henrique Cardoso (1994-2002) que houve o aumento das privatizações e a promoção de uma imagem negativa do Estado sobre administração de suas responsabilidades. Em outras palavras, a iniciativa privada ocupou lacunas que deveriam ser responsabilidades do Estado. É possível relacionar a atual configuração do mundo do trabalho com o conceito criado por Dardot e Laval (2016, p. 327) denominado de sujeito neoliberal:

Não se trata mais de reconhecer que o homem no trabalho continua a ser um homem, que ele nunca se reduz a um status de objeto passivo; trata-se de ver nele o sujeito ativo que deve participar inteiramente, engajar-se inteiramente, engajar-se plenamente, entregar-se por completo em sua atividade profissional.

Utilizamos o citado conceito para entender a estratégia na qual os sujeitos devem assimilar o preceito de que não são empregados, mas colaboradores. Através dessa nova estratégia nefasta do sistema capitalista, é introjetada nos sujeitos uma concepção que podemos resumir através da seguinte frase: “Ver a empresa com olhos de patrão”. Esta autovigilância do trabalhador é um processo do sistema neoliberal, segundo Dardot e Laval (2016, p. 325) “A nova política inaugura-se com o monumento panóptico erguido em glória da vigilância de todos por cada um e de cada um por todos”. Trata-se de uma falácia que não leva em consideração o verdadeiro abismo que separa os simples trabalhadores assalariados dos burgueses.

O processo que cria a relação capitalista não pode ser senão o processo de separação entre o trabalhador e a propriedade das condições de realização de seu trabalho, processo que, por um lado, transforma em capital os meios sociais de subsistência e de produção e, por outro, converte os produtores diretos em trabalhadores assalariados. (MARX, 2013, p. 961)

A desigualdade social advinda da exploração da mão de obra no capitalismo coloca os trabalhadores em situações potencialmente danosas à sua saúde, além de haver instabilidade no emprego, insegurança jurídica e temor referente ao

desemprego. Os trabalhadores ficam expostos a diversos tipos de violência, tais como acidentes, trabalho análogo à escravidão, trabalho infantil, ausência ou insuficiência da proteção do Estado, assédio moral e sexual (violência de gênero).

Deste modo, Marx (2013, p. 856) afirma “Ao aumentar o capital global, também aumenta, na verdade, seu componente variável, ou seja, a força de trabalho nele incorporada, porém em proporção cada vez menor.” Assim,

A força de trabalho disponível se desenvolve pelas mesmas causas que a força expansiva do capital. A grandeza proporcional do exército industrial de reserva acompanha, pois, o aumento das potências da riqueza. Mas quanto maior for esse exército de reserva em relação ao exército ativo de trabalhadores, tanto maior será a massa da superpopulação consolidada, cuja miséria está na razão inversa do martírio de seu trabalho. (MARX, 2013, p. 875)

A lógica do capital é criar estratégias para que o indivíduo que trabalha mais de 40 horas por semana (em média), receba o suficiente para ter a ilusão de consumo e, conseqüentemente, ostentar algum *status* social e assim destacar-se de seus semelhantes igualmente explorados. Dessa forma reproduzem o discurso que enaltece a exploração no mundo do trabalho e justificam a meritocracia como uma estratégia que permite a mudança de classe social. Já com relação aos mais abastados, Harvey (2016, p. 9) afirma que a ligação entre dinheiro e poder social permite “[...] uma ampla variedade de comportamentos nocivos – inevitavelmente a ganância e a cobiça do poder monetário tornam-se características centrais no corpo político do capitalismo”. Em vista disso, os trabalhadores estão inseridos num universo no qual as grandes empresas capitalistas estipulam metas com somente um objetivo: ampliar a margem de lucros, se possível no menor intervalo de tempo. Uma maneira eficaz de monetizar o trabalho do proletariado é pagar salários com quais, mesmo com esforços, sirvam apenas para a sobrevivência do trabalhador até o mês seguinte.

A burguesia emergente requer e usa a força do Estado para “regular” o salário, isto é, para comprimi-lo dentro dos limites favoráveis à produção de mais-valor, a fim de prolongar a jornada de trabalho e manter o próprio trabalhador num grau normal de dependência. Esse é um momento essencial da assim chamada acumulação primitiva. (MARX, 2013, p. 984)

Nos últimos anos, avança o processo denominado “urberização” das relações de trabalho, que se caracteriza como

[...] ausência de direitos trabalhistas, pela jornada ilimitada de trabalho, uso de aplicativo enquanto meio de trabalho e pela responsabilidade do

trabalhador na obtenção e manutenção dos instrumentos laborais. É importante frisar que tal fenômeno não se restringe ao processo de trabalho desenvolvido pela empresa Uber. Consiste numa nova tendência de relações trabalhistas articulada ao uso de recentes tecnologias e que abrange diversas empresas e tipos distintos de serviços prestados. (PINHEIRO, 2018, p. 54)

A precarização do trabalho está ligada diretamente com a flexibilidade/reformas de direitos trabalhistas, com a terceirização do trabalho, com a informalidade e com perdas de direitos sociais. Neste cenário desolador, Antunes (2009, p. 33) observa que o desenvolvimento da tecnologia poderia beneficiar os trabalhadores com a redução da carga horária, mas isso não acontece na prática: “[...] pode-se presenciar em vários países, como a Inglaterra e o Japão, para citar países do centro do sistema, uma política de prolongamento da jornada de trabalho”.

O trabalho está no cerne da organização diária do indivíduo, seja pelo horário em que precisa bater o ponto ou pela ausência de meios para o descanso no intervalo do trabalho ou mesmo disponibilidade de tempo. Também é notável que a supervisão e cobrança dos superiores podem acarretar a demissão do funcionário. Nesse sentido, lembramos mais uma vez que as análises de Marx (2013, p. 336) ainda são atuais, mesmo realizados há mais de um século:

O capitalista cuida para que o trabalho seja realizado corretamente e que os meios de produção sejam utilizados de modo apropriado, a fim de que a matéria-prima não seja desperdiçada e o meio de trabalho seja conservado, isto é, destruído apenas na medida necessária à consecução do trabalho.

Cria-se assim uma cultura punitivista, pois se tem mais pessoas para ocupar a vaga de trabalho (exército de reserva) e o empregador é consciente desta estratégia. Portanto, diariamente nos encontramos entre a cruz e a espada: vive-se para trabalhar, trabalha-se para viver. Apesar de eventuais episódios<sup>13</sup> que demonstram a insatisfação de parcelas da classe trabalhadora, as estruturas neoliberais e de “uberização” do trabalho continuam firmes e atuantes no Brasil.

---

<sup>13</sup> Conforme o site *Bem Paraná*, *motoboys* organizaram, em 4 de julho de 2021, um pequeno protesto para conscientizar seus pares da necessidade da união da classe para combater a exploração das empresas de aplicativo. Conforme um dos manifestantes, “Hoje o motoboy recebe R\$ 5 para percorrer 8 km. Lutamos pela taxa mínima de R\$ 10 para 5 km e por seguro de vida para os motoboys. E que as empresas se responsabilizem caso o motoqueiro se acidente, que os aplicativos paguem o salário dele enquanto está enfermo, em recuperação”.

## 2.2 Cultura de Segurança: tecendo os fios da saúde do trabalhador

A exploração da força de trabalho não é um fenômeno novo porque está no cerne do capitalismo, mas ganhou novas características através da “uberização” do trabalho, quando cada vez mais brasileiros utilizam aplicativos (Rappi, Ifood, 99 Pop, Uber, Cabify etc.) não apenas no papel de consumidores, mas como prestadores de serviços. Nesse sentido, é possível encontrar indivíduos que não têm empregos com carteira assinada ou aqueles que utilizam os aplicativos para obter uma renda extra no fim do mês. De uma forma ou de outra, ambos estão inseridos no contexto da precarização do trabalho, sendo que utilizam seus próprios bens de consumo (p. ex., carro, moto, aparelhos celulares) sem direitos básicos como férias ou licença saúde

Aqui, já é possível evidenciar a falsa liberdade e igualdade como conquistas fundamentais da cidadania sob o sistema do capital, o qual saqueia o tempo de vida de seus produtores e produtoras (...) negociam a venda da sua força de trabalho ao capital, por meio da qual, o capital avoluma valor e estabelece um amplo domínio sobre a vida econômica, social e cultural. (LOURENÇO, 2016, p. 29)

O capitalismo predatório que marca as primeiras décadas do século XX, e permeia até os dias atuais, não é benéfico para a saúde dos trabalhadores, pois ocasiona doenças relacionadas ao trabalho, já que esta precariedade coopta o trabalhador fisicamente, mentalmente e culturalmente, extenuando e extraindo sua força de trabalho com horas de labor e, em muitas ocasiões, metas inatingíveis

A degradação, a expropriação da saúde e vida no e pelo trabalho aparecem como um processo "normal" que garante vida ao capital e à concentração de renda nas mãos de poucos e, do outro lado, a pauperização, a insegurança, o desemprego e o rebaixamento salarial, o sofrimento de grande parte da população e a degradação da saúde e vida dos trabalhadores e trabalhadoras. (LOURENÇO, 2016, p. 34)

Assim que o sistema capitalista se sustenta e se reconfigura, através das vulnerabilidades em que os trabalhadores se encontram. Ao gerar insegurança, oferecendo poucas vagas de trabalho, aquele indivíduo que tem seu emprego dará o melhor de si e sucumbirá aos ditames do capital porque teme perder aquele espaço que conquistou e que permite seu sustento e o de sua família. Não é raro encontrar famílias em que apenas um integrante tenha renda formal tornando-se a fonte de sustentação da família. Logo,

(...) a depender do pertencimento de classe, tem- por questões de sobrevivência - de se adaptar a essas condições, uma vez que são elas, paradoxalmente, a sua fonte de subsistência/reprodução (assalariamento), vai, ainda que resistindo e lutando contra essas mesmas condições, se encurvando e se submetendo as marcas indeletáveis do trabalho. (LOURENÇO, 2016, p. 29)

As condições de trabalho a que os sujeitos estão expostos trazem sérios danos a sua saúde física e mental, em muitos casos, há situações irreversíveis de retorno ao labor após uma exposição de risco. Assim, “Muitos acidentes de trabalho, quando não matam, podem deixar mutilações e dependências para a vida toda”. (LARA, 2016, p. 340). De acordo com a coordenação de saúde do trabalhador e do Ministério da Saúde (2001, p. 28-29), os riscos que os trabalhadores estão mais expostos são:

Físicos: ruídos, vibrações, calor, frio, luminosidade, ventilação, umidade, pressões anormais e radiação;

Químicos: substâncias químicas tóxicas, que estão presentes nos ambientes de trabalho nas formas de gases, fumaça, névoas, neblinas e poeiras.

Biológicos: bactérias, fungos, parasitas, vírus etc.;

Organização do trabalho: divisão do trabalho, pressão da chefia por produtividade ou disciplina, ritmo acelerado, repetitividade de movimentos, jornadas de trabalho extensa, trabalho noturno ou em turnos, organização do espaço físico, esforço físico intenso, levantamento Manual de peso, posturas e posições inadequadas etc.

Ergonômicos e psicossociais: decorrem da organização e gestão do trabalho, como, por exemplo: da utilização de equipamentos, máquinas e mobiliário inadequados, levando a posturas e posições incorretas; locais adaptados com más condições de iluminação, ventilação e de conforto para os trabalhadores; trabalho em turnos e noturno; monotonia ou ritmo de trabalho excessivo, exigências de produtividade, relações de trabalho autoritárias, falhas no treinamento e supervisão dos trabalhadores, entre outros;

Mecânicos e de acidentes: ligados à proteção das máquinas, arranjo físico, ordem e limpeza do ambiente de trabalho, sinalização, rotulagem de produtos e outros que podem levar a acidentes do trabalho.

Com a promulgação da Constituição de 1988, foi ampliado o acesso a direitos civis como tripé da seguridade social<sup>14</sup>, que compõe saúde, assistência social e previdência social. Como a saúde tornou-se de acesso universal<sup>15</sup> por meio da Lei 8.080 de 19 de setembro de 1990 que instituiu o Sistema único de Saúde (SUS), é

<sup>14</sup> A seguridade social compreende um conjunto integrado de ações de iniciativa dos Poderes Públicos e da sociedade, destinadas a assegurar os direitos relativos à saúde, à previdência e à assistência social (BRASIL, 1988, Art. 194).

<sup>15</sup> A saúde não era tratada como uma política de Estado, portanto, apenas aqueles que pagavam por ela, no caso, os trabalhadores que contribuía com o sistema previdenciário da época (antes de 1988) eram quem acessava a saúde. A conquista da seguridade social permitiu o acesso universal à saúde, à previdência social e à assistência social, que deixa de ser assistencialista e passa ser um modelo calcado na emancipação do sujeito e na luta por uma sociedade melhor.

a partir do 6º artigo da citada lei que a saúde do trabalhador ganhou maior visibilidade, sendo assim reconhecida como uma forma de proteção do Estado via sistema de saúde público. Através de tensionamentos dos trabalhadores junto com outros atores da sociedade, foi instituída a Política Nacional de Saúde dos Trabalhadores e Trabalhadoras (PNSTT). Conforme Gomez *et al.* (2018, p.1965) “[...] trabalho em condições dignas e o conhecimento e controle dos trabalhadores sobre processos e ambientes de trabalho são pré-requisitos para o pleno exercício do acesso à saúde”. Destaca-se a importância desta conquista para a sociedade, principalmente para os dias atuais, pois

O Trabalho, no modo de produção capitalista, é determinado pelo que processo de produção, no qual acidentar e adoecer são resultantes de relações sociais em que o trabalhador se torna apêndice da máquina. O trabalho que deveria gerar prazer, felicidade, na ordem do capital, causa fadiga, doenças acidentadas, sofrimentos físicos e mentais. (LESSA, 2016, p. 340)

Ao destacarmos a saúde do trabalhador, é importante ressaltar que os estudos desta matéria são latentes em diversas áreas. O tema está fortemente ligado à criação e maturação de uma cultura de segurança dentro das organizações, tendo em vista que a cultura de segurança é discutida desde o acidente nuclear de Chernobyl no ano de 1986. Desde então, pesquisas sobre uma cultura de segurança vêm sendo desenvolvidas por autores do mundo inteiro e, mesmo que ainda não existe um consenso sobre o conceito da cultura de segurança, destacamos que,

Cultura de segurança é um valor duradouro e prioritário atribuído à segurança do trabalhador e do público, por todos, em cada grupo da organização: refere-se ao quanto os indivíduos e grupos se comprometem com a segurança no trabalho, agem para preservar, enfatizar e comunicar a preocupação com a segurança, se esforçam para aprender ativamente, adaptam-se e modificam comportamentos aprendidos a partir dos erros. (RICHERS, 2009, p. 59-60)

A autora se refere à segurança do trabalhador e a todos os envolvidos nas atividades da organização, enfatizando a importância do cultivo de hábitos de segurança para mitigar erros e acidentes. Elementos que são importantes para uma cultura de segurança, envolvem o indivíduo (como concepções, convicções, conhecimentos em relação à cultura de segurança percebida pelo trabalhador); elementos relacionados ao trabalho (procedimentos, condutas do trabalhador sobre os riscos e a gestão de segurança); e também a organização (suportes que a

organização dá aos trabalhadores, p. ex., equipamentos de proteção individual, treinamentos, entre outros) (FILHO *et al.*, 2011). Para a maturação de uma cultura de segurança, a saúde do trabalhador deve ser uma das prioridades, assim como a segurança operacional, que está em consonância com a saúde do trabalhador.

A segurança operacional tem amparos legais através da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustível (ANP), que instituiu em 2007 uma regulamentação Técnica do Gerenciamento Técnico de Segurança Operacional (SGSO) com a finalidade de incentivar melhores condições de trabalho nas instalações marítimas e incentivar também a preservação do meio ambiente. (Ministério Minas e energia, 2020).<sup>16</sup> De acordo com a Resolução ANP nº 5, de 29 de janeiro de 2014, ANP tem “por finalidade promover a regulação, a contratação e a fiscalização das atividades econômicas integrantes da indústria do petróleo, do gás natural e dos biocombustíveis (...)”, além de ter como princípio “(...) exercer a fiscalização no sentido da educação e orientação dos agentes econômicos do setor, bem como da prevenção e repressão de condutas violadoras da legislação pertinente (...)” (ANP, 2014).<sup>17</sup> Essa elaborada regulação é importante para os trabalhos que envolvem complexidade e atuação em ambientes inóspitos. Assim como a segurança operacional não se restringe ao trabalho dentro das instalações, inclui-se também o deslocamento de trabalhadores para as instalações marítimas, conforme a Norma Reguladora nº 37 (NR-37) que tem por objetivo “(...) estabelecer os requisitos de segurança, saúde e condições de vivência no trabalho a bordo de plataformas de petróleo em operação nas Águas Jurisdicionais Brasileiras - AJB”. Neste documento consta que a responsabilidade pelo deslocamento de trabalhadores fica a cargo da empresa, como indica a NR-37.3.1:

Cabe à operadora da instalação, além do disposto nas demais Normas Regulamentadoras gerais e especiais, de outras disposições legais com relação à matéria e, ainda, daquelas oriundas de convenções, acordos e contratos coletivos de trabalho:

c) “garantir que os requisitos de segurança e saúde e as condições de acesso à plataforma, higiene e condições de vivência dos trabalhadores de empresas prestadoras de serviço a bordo sejam os mesmos assegurados aos seus empregados”.

---

<sup>16</sup><https://www.gov.br/anp/pt-br/assuntos/exploracao-e-producao-de-oleo-e-gas/seguranca-operacional-e-meio-ambiente/gerenciamento-de-seguranca-operacional-sgso>

<sup>17</sup><http://www.abeda.org.br/wp-content/uploads/2018/10/resoluo-anp-n-5-de-29.1.2014-dou-30.1.2014.pdf>

Estes perigos inerentes ao trabalho complexo e de risco do trabalhador em alto mar também reverberam nas famílias destes trabalhadores. As esposas entrevistadas para esta pesquisa reconhecem as nuances deste trabalho, os perigos intrínsecos que o meio de transporte até as plataformas, realizado via helicóptero, representa. Esta preocupação não é à toa, como bem coloca Figueiredo (2016, p. 179) ao afirmar que “[...] esta modalidade já protagonizou alguns acidentes fatais [...]”, referenciando um acidente ocorrido no Mar do Norte em 1986, que vitimou 45 trabalhadores (OIT, 1993). No Brasil também houve um acidente de helicóptero, ocorrido no dia 16 de março de 2022. Segundo a reportagem do SindiPetro<sup>18</sup>, o acidente ocorreu quando o helicóptero estava chegando na plataforma com 13 pessoas a bordo. O acidente teve uma vítima fatal e doze pessoas feridas. Estas pessoas, segundo a reportagem, eram trabalhadores da indústria de óleo e gás e estavam se deslocando para iniciar o plantão de trabalho.

Nos depoimentos abaixo, é evidente a preocupação com possíveis acidentes de helicóptero:

***Com certeza a gente fica com medo porque envolve andar de helicóptero lá na plataforma. A gente vê que acontecem acidentes, então sempre ficamos com medo, né? Mas é que até hoje nunca aconteceu nada, ainda bem, né? Mas sempre existe o medo, com certeza. (FB01)***

***Essa questão do transporte... claro, um acidente pode acontecer com qualquer pessoa, mas com voo de helicóptero você sempre fica preocupado, então eu me preocupo o tempo inteiro. Um acidente na plataforma é sempre complicado, né? A gente não sabe a dimensão, até que ponto pode ter um acidente na plataforma, um acidente grave, né? Essa questão do transporte, é muito preocupante. [...] (FB05)***

Ao mencionarmos os perigos do trabalho nas plataformas de óleo e gás, destacamos dois graves desastres que tiveram grande repercussão nos meios de comunicação. O primeiro exemplo ocorreu na plataforma de perfuração *Piper Alpha*, em seis de julho de 1988, no mar do Norte.<sup>19</sup> Conforme Fernandes (2018), o incêndio e a explosão que resultaram na morte de 167 pessoas foram causados por decisões gerenciais inadequadas e outros fatores, como deficiências na cultura de segurança. Já o segundo acidente aconteceu em 15 de março de 2001, na plataforma P-36, localizada na Bacia de Campos. Além da morte de 11 brigadistas

<sup>18</sup> <https://sindipetro.org.br/queda-s-76/>

<sup>19</sup> O Mar do Norte está localizado no Oceano Atlântico Norte, entre as costas da Noruega e Dinamarca (leste) e Ilhas Britânicas (oeste), França, Alemanha, Holanda e Bélgica (sul). [https://www.suapesquisa.com/geografia/mar\\_norte.htm](https://www.suapesquisa.com/geografia/mar_norte.htm)

e do derramamento de óleo diesel e petróleo bruto, a plataforma afundou. As investigações das causas do acidente conduzidas pela Diretoria de Portos e Costas (DPC) e da Agência Nacional do Petróleo (ANP) revelaram “[...] não conformidades quanto a procedimentos regulamentares de operação, manutenção e projeto” (ANP E DPC, 2001, p. 16). Em vista dos riscos e da complexidade do trabalho *offshore*, ele é considerado potencialmente perigoso à integridade física, psíquica e social dos trabalhadores (FIGUEIREDO, 2016).

A ANP divulga dados anuais a respeito das fiscalizações, bem como, os incidentes nas plataformas. No ano de 2020 ocorreram 1.632 incidentes *offshore*, sendo os mais recorrentes os princípios de incêndio, descargas menores de material com alto potencial de dano, descargas menores de óleo, entre outros, tendo ocorrido uma fatalidade, como descreve o documento “[...] durante uma operação de mergulho na P-33” (ANP, 2020, p. 36). Neste mesmo documento são citados os principais ferimentos graves, entre eles fraturas, amputação, perda de consciência devido à asfixia ou à exposição a substâncias nocivas ou perigosas, lesão de órgãos internos, deslocamento de articulações entre outros (ANP, 2020). No relatório referente ao ano de 2021, foram 1.640 incidentes nas plataformas brasileiras, e entre os principais estão exatamente os mesmos mencionados no ano de 2020, ocorrendo uma fatalidade “[...] devida à queda em altura de cerca de 18 metros, durante trabalho de inspeção e medição de espessura em tanque de carga no FPSO Cidade de Mangaratiba (Petrobras)” (ANP, 2021, p. 40). Essa exposição ao risco, unida à experiência de presenciar um colega sofrendo um acidente reverbera para além do trabalho, invade a vida social e familiar deste trabalhador, como evidenciado no trecho da entrevista abaixo:

*Quando fala em **relação à segurança**, é uma coisa com a qual **ele tem uma preocupação muito grande**. **Ele até relatou um incidente**, não sei ao certo em qual plataforma que ocorreu, **mas um incidente com perdas**. **Teve um óbito**, um trabalhador caiu no poço, alguma coisa assim. [...] então ele é muito preocupado com estas questões de segurança. (FB03)*

As entrevistadas desta pesquisa afirmaram que seus companheiros não sofreram nenhum incidente/acidente, mas que eles relatam situações que vivenciaram ou souberam de colegas da mesma plataforma ou de outra plataforma. Ainda que tenham treinamentos atualizados e anos de experiência, os trabalhadores estão expostos a riscos não previstos e o seu local de segurança emocional, é na sua rede de apoio.

A segurança operacional é composta por fatores humanos que influenciam no desempenho das atividades do trabalhador, como, por exemplo, o uso de equipamentos de trabalho (máquinas em bom estado de funcionamento, ferramentas etc.), a organização interna da empresa (pressão da chefia, jornada de trabalho) e questões individuais. Essas são interações que influenciam no cotidiano laboral e que devem estar em confluência para um desempenho de trabalho seguro. O Relatório de Sustentabilidade 2021, informa

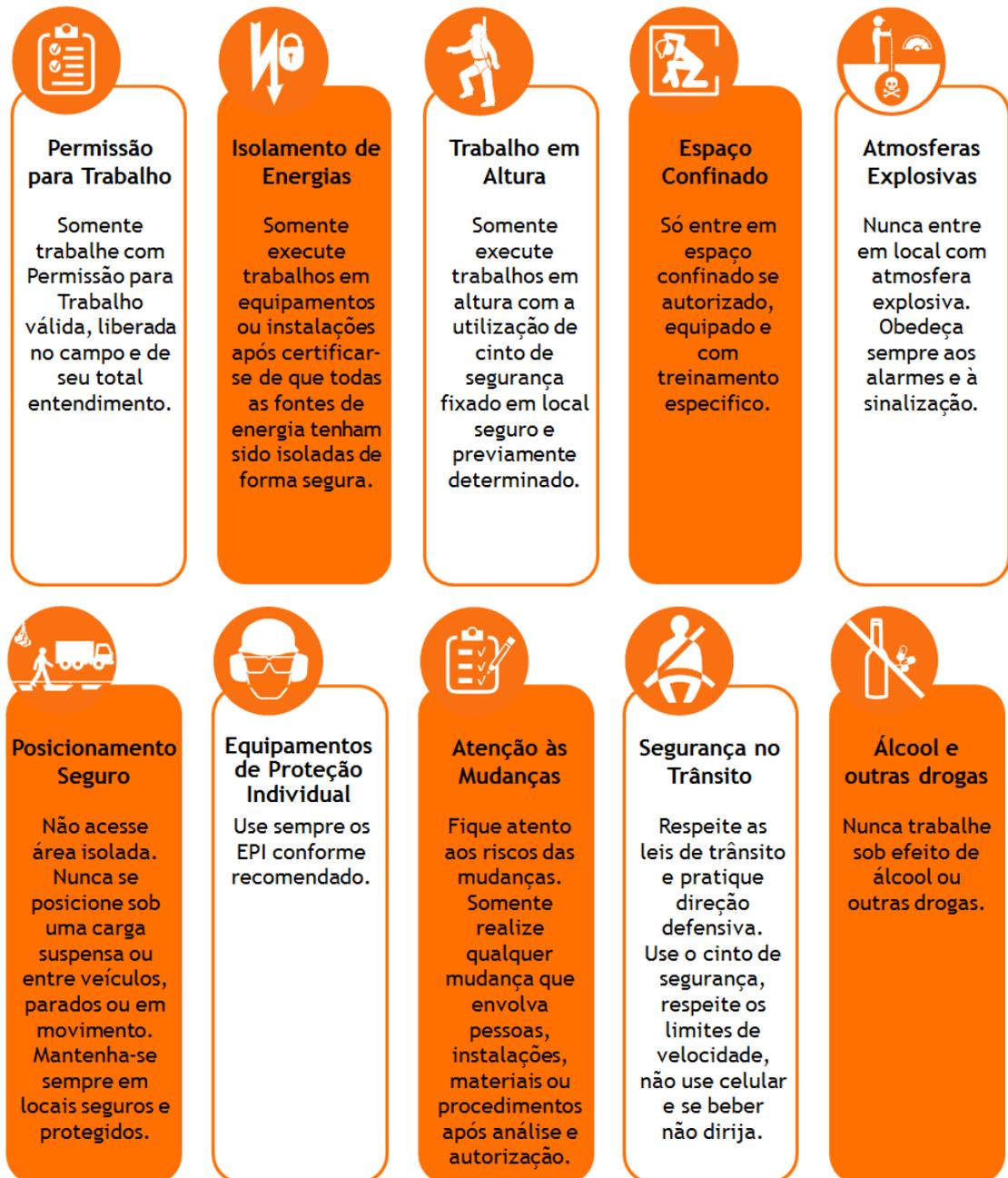
Visando à melhoria contínua do nosso sistema de gestão de SMS, são desenvolvidos programas e iniciativas estruturantes específicas, tais como o Programa Compromisso com a Vida, as Regras de Ouro e os Fundamentos de Segurança de Processo. (RS, 2021, p. 180)

Neste trecho em que são destacados os programas oferecidos, salientamos o programa Regras de Ouro, composto por normas e preceitos que o trabalhador deve seguir ou em cima dos quais deve se orientar para uma melhor segurança laboral.

A fim de apoiar a cultura de segurança, em 2016, foram definidas dez Regras de Ouro de Segurança a partir dos acidentes mais recorrentes na indústria de óleo e gás e no nosso histórico. O treinamento nas Regras de Ouro, obrigatório para todos os nossos colaboradores no Brasil e no exterior, é uma das ações previstas no Programa Compromisso com a Vida. (RS, 2021, p. 182)

Os trabalhadores devem ter acesso a treinamentos que auxiliem em suas atividades laborais, bem como, em situações críticas que envolvem riscos, possíveis incidentes e acidentes. Também, estes trabalhadores devem ter bem definidas suas responsabilidades e funções dentro de um processo de trabalho para uma boa segurança operacional (FERNANDES, 2018).

**Figura 4:** Regras de Ouro



Fonte: ANEXO CONTRATUAL DE SMS – SST – Nº 2967/2019<sup>20</sup>

Na análise documental realizada, de todos os documentos que se referiam à segurança, ao meio ambiente e à saúde, as Regras de Ouro ganham destaque. Há um esforço por parte da empresa em prevenir os incidentes/acidentes de trabalho, elaborando regras e programas que fomentem a segurança no trabalho. Nesses documentos também há uma série de treinamentos aos quais os trabalhadores são convocados a participar, mas no que se refere a um sistema sóciocomplexo, apenas

<sup>20</sup> Documento fornecido pela Petrobrás para a pesquisa HF.

treinamentos de habilidades técnicas não são suficientes, e seria necessário expandir esse conhecimento para além do saber técnico.

Destacamos as habilidades não técnicas (HNT) que complementam o rol de capacidades para um comportamento seguro, como Consciência situacional (decisões que serão tomadas baseadas nas percepções, interpretações do sujeito); Tomada de decisão (acompanhada da consciência situacional, consiste na competência e experiência do trabalhador em avaliar uma situação e decidir a melhor escolha); Comunicação (informações trocadas entre os trabalhadores sobre o trabalho executado, assegurando alcance destas informações entre os envolvidos na operação); Liderança e trabalho em equipe e gerenciamento de estresse e fadiga (estes dois fatores influenciam nas demais HNT, tornando esta essencial para o desenvolvimento assertivo das demais) (WACHS, 2011).

O cuidado com a saúde do trabalhador não se restringe a acidentes/doenças físicas ou riscos eminentes, também se refere a saúde mental, pois o “Desgaste mental não significa necessariamente doença. Significa, essencialmente, **perda** – provisória ou definitiva – de algo que antes **fazia parte** do trabalhador e do seu mundo mental”. (SELIGMANN-SILVA, 1994, p. 18, grifo do autor). Cansaço mental, desânimo, irritação, estafa são alguns sintomas associados a desgaste mental que reverberam no bem-estar físico e social. A família, pertencente ao mundo social deste trabalhador, observa estes agravamentos, principalmente em um trabalho que exige atenção plena porque o trabalhador exerce um labor que o expõe a riscos e a insalubridades, porém não somente ele, como seus colegas também ficam expostos. Uma das participantes da pesquisa informa que o esposo tem o hábito de fumar, mas quando está embarcado, torna-se diário o uso de nicotina

*[...] quando ele fuma é porque tipo, ele tentou falar com as crianças, ele não conseguiu. **Ele vai, acende um cigarro e fica lá no canto dele, mas assim, aqui em casa ele não fuma. E no trabalho, quando o navio estava fora, ele comprava trinta maços de cigarro para dar os trintas e cinco dias que ele ficava fora. Era praticamente um por dia. (FA04)***

Estudos indicam o uso do tabaco como uma forma de aliviar a ansiedade, principalmente quando o usuário fica exposto a uma situação de estresse. Os autores Bettio *et al.* (2018, p. 8) comparam a sua pesquisa ao estudo *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (2002), que relaciona uso do tabagismo e os fatores emocionais, associando o tabagismo ao efeito ansiolítico

[...] que os fumantes geralmente lhe atribuem, e encontrou que o efeito calmante do tabagismo é real, principalmente para pessoas mais ansiosas diante de situações estressantes do cotidiano, o que fortalece os resultados encontrados no presente estudo, no qual 82,7% dos participantes fumam mais quando estão ansiosos e 78% dizem ter a sensação de que o cigarro acalma. (BETTIO *et al.*, 2018, p. 8)

Neste mesmo estudo, os autores identificaram que o grau de dependência do tabagismo está relacionado diretamente com os fatores emocionais do sujeito, como ansiedade e depressão (BETTIO *et al.*, 2018). É importante ressaltar que o trabalhador *offshore* fica em um ambiente confinado, caracterizado como “[...] uma vivência total no local de trabalho, que estabeleceria, para o trabalhador, uma rotina de vida profissional e pessoal diferenciada da maioria das pessoas” (SALLES; COSTA, 2013, p. 231). Este confinamento é dentro de um sistema de produção em que as máquinas trabalham por 24 horas (LOSICER, 2010), e os trabalhadores são submetidos a turnos de 12 horas, “descansando” nas outras 12 horas, durante 14 dias, com alternância de turnos. Os primeiros sete (7) dias geralmente são pelo turno do dia e os demais no turno da noite. Esse descanso dentro da plataforma pode ser interrompido “por um barulho causado pelo retorno inesperado da pessoa com a qual se divide o camarote, de algum chamado em função de uma situação atípica no curso do trabalho, ou pelo alarme de emergência, a qualquer hora” (FIGUEIREDO, 2016, p. 186). Toda esta dinâmica que envolve o trabalhador *offshore* pode desencadear agravos a sua saúde mental.

Ansiedade, aflição e irritabilidade são sentimentos atribuídos ao período que antecede o embarque do trabalhador e é denominado de Tensão pré-embarque (TPE) conforme os estudos voltados ao trabalho (ALVAREZ *et al.*, 2010; FIGUEIREDO, 2016; FREITAS *et al.*, 2001; LEITE, 2006; SALLES, 2006). Em nossas análises observamos que a família percebe uma mudança emocional e comportamental no companheiro e, mesmo que não a nomeie como TPE, fica tácito na fala da participante:

*Então principalmente quando está chegando bem próximo dele embarcar, nossa, é um estresse, ele fica mais irritado. Mas assim, ele também tem essas ansiedades assim, de comer muito, e ele também não quer fazer nada, ele só quer ficar com a gente em casa. (FA04)*

As condições a que os trabalhadores da indústria de óleo e gás são submetidos afetam o seu emocional, e a tensão é sentida antes da partida para o trabalho. O trabalhador não sente somente no físico, o psíquico também fica em

alerta, como afirma Dejours (1992, p. 68) “[...] mesmo durante as atividades onde a carga de trabalho é pouco elevada (mas nunca eliminada, pois sem esforço aparente os operadores continuam a identificar os ruídos específicos de certos alarmes), os trabalhadores jamais abandonam a “tensão nervosa””.

No depoimento de FB02, a tensão cresce antes do embarque e realça a importância do fortalecimento da saúde mental dentro da organização

*Aí eu falo “vai embarcar, né?”. Digo para ele respirar fundo que vai dar tudo certo. Então é nesse sentido, eu acabo percebendo que ele fica mais quietinho, mais na dele, aí já percebo que é o momento em que vai embarcar. Dois, três dias antes. (FB02)*

Com a exposição a perigos, medos e ansiedades, com o adicional do confinamento, com o tempo, as sensações dentro deste espaço se tornam mais intensas, pois quem está trabalhando na plataforma deve estar atento ao trabalho e, ao mesmo tempo, deseja estar próximos dos seus familiares, das suas rotinas e atividades, quer ter uma participação mesmo que seja a distância nas decisões do seu núcleo familiar

Prolongamento do tempo de trabalho; falta de tempo livre, de repouso e de descanso; ausência de local para se respirar, para se trabalhar e para conviver. Tempo de vida convertido em tempo de trabalho: excesso de trabalho. (LOURENÇO, 2016, p. 32)

As novas formas de trabalho e a precariedade a qual os trabalhadores estão submetidos, que visa sempre a busca por acúmulo de capital, tem custado a saúde, a psique e a vida dos trabalhadores. É necessário investir e disseminar as práticas de autocuidado pessoal e profissional entendidas como atividades desenvolvidas para o próprio bem-estar do trabalhador, objetivando uma melhor qualidade de vida e saúde, tanto no âmbito pessoal e como no profissional, resguardando suas necessidades no que consiste família, religião e emocionais (ARENA; BELLINI, 2022). Essas estratégias de autocuidado que foram identificadas nos depoimentos podem estar associadas a esportes “*ele vai jogar tênis ou ele vai remar. [...] Ele usa aquela de prancha, stand up. Gosta de andar de bicicleta e a mais nova coqueluche dele é a gaita. Ele agora virou gaitista.*” (FB02); a prática de exercícios físicos “*às tardes ele faz a atividade física dele*” (FC05); e inclui práticas religiosas, como a meditação, uma alimentação balanceada e uma boa noite de sono. Essas práticas

auxiliam na proteção contra estresse, fadiga e síndrome de Burnout<sup>21</sup>, doenças ocupacionais que podem repercutir em incidentes de trabalho e são oriundas de

[...] salários e benefícios inadequados; maquinários e instalações impróprios, principalmente em setores de produção que se utilizam de recursos da terceirização, quarteirização; descumprimento da legislação de saúde e segurança do trabalho; programas de prevenção de risco desconectados da realidade das empresas; cultura do equipamento de proteção individual e de mudanças de comportamento humano. (LARA, 2016, p. 348)

A PNSTT, Política Nacional de Saúde dos Trabalhadores e Trabalhadoras, surge como uma proteção no campo da saúde do trabalhador na atual conjuntura de exploração da mão-de-obra, das terceirizações e da desproteção trabalhista. A PNSTT é composta por princípios e diretrizes, contribuindo com estratégias e deveres em relação a saúde do trabalhador no Brasil, bem como apontamentos para avaliação, financiamento e monitoramento da política “[...] como garantia da integralidade da atenção, esta política assume referências da promoção e da proteção da saúde, da vigilância epidemiológica dos agravos à saúde [...]” (POLÍTICA...). A política prevê centros de referências a saúde do trabalhador (RENAST) e centros com a vigilância à saúde do trabalhador nas esferas estaduais e municipais. A política surge com a possibilidade de conscientização, proteção e prevenção de doenças e agravos, mas também contraditoriamente contribuirá para potencialização da produção e mais valia. Mesmo com desmantelamento da PNSTT pelos baixos investimentos e a agudização da precarização do trabalho que são atacados pelo neoliberalismo, é importante ressaltar a criação da PNSTT para a promoção e prevenção na saúde do trabalhador. Como parte da cultura de segurança, a saúde do trabalhador é essencial para os trabalhadores da indústria de O&G, pois

[...] elementos com grau de qualidade do compromisso desses serviços e programas, os recursos de que dispõem, os valores e competências de suas gerências e técnicos, o monitoramento, avaliação e retroalimentação das ações, a sustentabilidade das propostas e especialmente, sua permeabilidade e estímulo à participação e autonomia dos diversos

---

<sup>21</sup> A Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou Síndrome de Burnout como doença ocupacional, a partir de 01 de janeiro de 2022, com o CID-11. “Burnout é uma síndrome conceituada como resultante do estresse crônico no local de trabalho que não foi gerenciado com sucesso. É caracterizada por três dimensões: sentimentos de exaustão ou esgotamento de energia; aumento do distanciamento mental do próprio trabalho, ou sentimentos de negativismo ou cinismo relacionados ao próprio trabalho; e redução da eficácia profissional” (OPAS, 2019). Disponível em <https://www.paho.org/pt/noticias/28-5-2019-cid-burnout-e-um-fenomeno-ocupacional>.

sujeitos sociais no diagnóstico da situação e no encontro dos caminhos para sua superação, são elementos fundamentais no enfoque da vulnerabilidade. (Ayres *et al.*, 2009, p. 397-398)

A insuficiência de uma cultura de segurança contribui para uma maior vulnerabilidade do trabalhador. O comprometimento da empresa com os trabalhadores, fomentando este compromisso com a qualidade laboral, traz vantagens individuais e coletivas. Uma vez que o risco é reduzido, a resposta dos trabalhadores é um desempenho mais significativo e de qualidade.

### 2.3 A busca pelo ouro negro: a indústria petrolífera brasileira

Antes de abordarmos questões relacionadas especificamente ao trabalho *offshore* na indústria de óleo e gás, consideramos relevante contextualizar as condições históricas e econômicas que influenciaram o processo de extração de petróleo. Ao refletir sobre a exploração contínua do petróleo pelos diferentes países, Figueiredo (2016) acredita que o período posterior à Segunda Guerra Mundial (1939-1945) solidificou a percepção das grandes potências mundiais de que a exploração do petróleo era essencial não somente para suprir as demandas econômicas do sistema capitalista, mas também a manutenção das Forças Armadas.<sup>22</sup> Assim, fecha-se um ciclo: “À era do carvão e da energia a vapor se superpõe a era da eletricidade, do aço e do petróleo” (GASPAR, 2015, p. 267). Assim, a citada fonte de energia não renovável assumiu um papel essencial porque acelerava

[...] a reprodução ampliada do capital das grandes corporações. Constituiu-se na mais líquida e difundida dentre todas as commodities, ganhando forte impulso com a utilização generalizada de seus derivados (como gasolina, diesel e querosene) no transporte rodoviário, ferroviário, naval e aéreo, assim como na fabricação de vários outros bens de consumo e produtos industriais gerados pela cadeia petroquímica (FIGUEIREDO, 2016, p. 43).

Do ponto de vista histórico, Vilarino (2011, p. 93) ressalta que as civilizações antigas orientais e ocidentais já utilizavam o petróleo de variadas formas, “[...] até como remédio ou mesmo como parte em rituais religiosos. Porém, foi na

<sup>22</sup> Ao ressaltar a importância estratégica do suprimento do petróleo, Bertonha (2011, p. 2) ressalta a necessidade da “[...] habilidade técnica e outros elementos para fazer o óleo negro se converter em dinamismo industrial ou poder de fogo militar. No entanto, para uma sociedade industrial moderna, tentar manter a sua economia funcionando ou seus militares em combate sem um abastecimento adequado do produto é suicídio, como demonstra, por exemplo, a experiência do Eixo durante a Segunda Guerra Mundial”.

contemporaneidade que o homem deu-lhe um destino em meio ao capitalismo, industrializando e dando-lhe um valor comercial em escala global”. Conforme Sauer (2011, p. 15), a predominância da utilização do petróleo criou condições para o capitalismo “[...] incrementar a produtividade do trabalho fez a população pular de 1,7 bilhão, em 1990, para 6 bilhões de pessoas, 100 anos depois. Produz-se em escala sem precedentes, circula-se em escala sem precedentes”. Em outras palavras, a utilização do petróleo foi deveras importante no processo de acumulação financeira dos grandes capitalistas há pelo menos um século, além de aumentar o número de habitantes (trabalhadores).

No Brasil, conforme Júnior (1989), a história do petróleo começou ainda no Período Imperial (1822-1889), através das assinaturas, por Dom Pedro II, dos decretos que autorizavam a exploração de petróleo e de outros minerais pelo capital estrangeiro. Entretanto, as zonas petrolíferas não foram exploradas, e o império se tornou o principal responsável pelos levantamentos e reconhecimentos geológicos, além da seleção das áreas a serem exploradas: “Aqui o Estado se notabilizou por ter expedido verbas e formado quadros de pessoal especializado para explorar e descobrir petróleo, em colaboração com o setor privado ou mesmo sozinho” (JÚNIOR, 1989, p. 271). Para Peyerl (2017, p. 9), a criação do Conselho Nacional do Petróleo (CNP), em 1938, foi um episódio importante porque iniciou

[...] uma nova fase política e econômica, voltada à exploração e à indústria do petróleo. Este foi nacionalizado antes de sua descoberta, em uma fase caracterizada por conflitos externos e internos entre os interesses nacionais e os dos grandes grupos petrolíferos internacionais em relação à sua exploração e ao seu refino.

Um dos maiores obstáculos enfrentados foi a ausência de brasileiros qualificados (p. ex., geólogos, operadores de patrola) na indústria do petróleo (PEYERL, 2017). Uma das soluções foi a busca por ajuda de empresas internacionais que pudessem treinar pessoal adequado, sendo que também brasileiros realizavam cursos no exterior. Outro capítulo importante do petróleo no Brasil ocorreu depois do Estado Novo (1937-1945), quando o Congresso Nacional alterou a legislação que permitia a ação de capitais internacionais na exploração petrolífera. Em 1947, o presidente da República Eurico Gaspar Dutra (1946-1951) foi responsável pela criação de

[...] uma comissão para rever as leis existentes à luz da nova Constituição e definir as diretrizes para a exploração do petróleo. O anteprojeto que dela

resulta conhecido como Estatuto do Petróleo, considerava impossível a completa nacionalização, por falta de verbas, de técnicos especializados e de condições gerais. Conseguiu desagradar a todos: dos nacionalistas, que defendiam o monopólio estatal integral, aos grandes trustes, interessados na exploração do petróleo brasileiro à maneira do venezuelano. (MOREIRA; NIEMEYER, 2022, s.p)

Ainda no decorrer do governo Dutra, em 1948, surgiu uma das campanhas mais famosas da história do Brasil: “O petróleo é nosso”. Além de uma parcela dos militares nacionalistas, a citada campanha também envolveu a classe dos “[...] estudantes, que através da União Nacional dos Estudantes, a UNE, desbravava a bandeira do monopólio e da luta anti-imperialista, como categorias profissionais reunidas em seus órgãos representativos, tais como a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) [...]” (PENNA, 2003, p.88-89). A repercussão da Campanha “O petróleo é nosso” no cenário político da época foi sentida, de forma mais perceptível nas eleições presidenciais realizadas em 1950. A vitória de Getúlio Vargas foi “[...] motivada pelo seu imenso carisma, e pela identificação que as camadas populares tinham para com ele, bem como o discurso nacionalista empreendido pelo então candidato, colocaram novamente o ex-chefe do Estado Novo no centro das decisões sobre o assunto” (IVO, 2008, p.35).

Desde a década de 1940, a exploração do petróleo causou debate nacional envolvendo dois grupos com concepções diametralmente opostas: “Um, que defendia a abertura do setor petrolífero à iniciativa privada, nacional e estrangeira – chamados de “entreguistas”, e outro, que desejava o monopólio estatal do petróleo – os nacionalistas” (MOREIRA; ROXO; TOMAZ, 2013, p. 33). Neste sentido, nota-se o interesse de grandes empresas multinacionais no petróleo nacional. Conforme Sodré (1983, p. 400-401), os países imperialistas perceberam a urgência de “[...] liquidar a parcela nacionalista da política de Vargas. Para isso, montou, à base das agências de publicidade, gigantesca e persistente campanha antinacionalista, visando impossibilitar a solução estatal do petróleo”. Apesar disso, Martins (2015, p. 403) afirma que o projeto de criação da Petrobrás foi apresentado pelo Presidente da República Getúlio Vargas em 1951, período em que o Brasil ainda não possuía a dependência econômica do petróleo. Afinal,

[...] contribuía apenas com 10% dos gastos energéticos brasileiros e o seu emprego pelo Brasil era relativamente baixo. Além do mais, o país praticamente não extraía óleo cru de seu solo, existindo somente um poço em funcionamento, situado em Lobato, na Bahia, com capacidade de produção de 2,5 mil barris diários para um consumo de aproximadamente 100 mil barris. A iniciativa de Vargas tinha em vista, ainda, o futuro imediato

da nação, pois o nosso dispêndio de petróleo subia em média 20% ao ano desde o fim da Segunda Guerra Mundial, comprometendo aproximadamente 13% do que importávamos em 1951. (MARTINS, 2015, p. 403)

Entendemos que a indústria de óleo e gás supriu uma lacuna no processo de industrialização brasileira, uma vez que o petróleo havia se tornado indispensável para o desenvolvimento econômico de um país. Como a demanda por profissionais não foi suprida pela iniciativa privada, o CNP criou, em 1952, o Setor de Supervisão do Aperfeiçoamento Técnico (SSAT). “Essa iniciativa acarretaria profundas mudanças nos rumos do ensino das geociências no Brasil. No mesmo ano, o SSAT criou o primeiro curso de refinação do petróleo em parceria com a Universidade do Brasil” (PEYERL, 2017, p.10). Assim, o Brasil avançava rumo a uma maior profissionalização da indústria petrolífera.

Após debates políticos no Congresso Nacional, a Petróleo Brasileiro S.A (Petrobrás) foi criada por Getúlio Vargas em outubro de 1953. Antes disso, a campanha “O petróleo é nosso” tornou-se recorrente no território nacional, atraindo a atenção dos meios jornalísticos, intelectuais e parcelas da população. Figueiredo (2016, p. 29-30) acredita que havia um forte sentimento nacionalista<sup>23</sup> por trás da criação da Petrobrás que, mesmo nas décadas seguintes, não seria incomum na história da empresa. Ela foi estruturada “[...] como sociedade de economia mista, e não como empresa pública (100% estatal). Visava assegurar ao Estado controle extração, refina transporte petróleo no Brasil. Monopólio que perdurou por quase 43 anos [...]”. Apesar dos problemas políticos e econômicos do período (em 1954, o presidente Vargas cometera suicídio), a Petrobrás aumentou a produção de petróleo. “Em 1954, esta era de 2.700 bpd<sup>24</sup>, suficiente para atender apenas 27% do consumo e, no ano seguinte, chegou-se à marca de 5,5 mil bpd, largamente superada em 1963, quando se chegou a 97,8 mil bpd” (JUNIOR, 2005, p.168). Nas décadas seguintes, a empresa passou por inúmeras turbulências (a crise que culminaria na ditadura militar), houve o período do chamado “milagre econômico”,

---

<sup>23</sup>O próprio presidente Getúlio Vargas enfatizou essa interpretação: “Constituída com capital, técnica e trabalho exclusivamente brasileiros, a Petrobras resulta de uma firme política nacionalista no terreno econômico, já consagrada por outros arrojados empreendimentos, em cuja viabilidade sempre confiei. É, portanto, com satisfação e orgulho patriótico que hoje sancionei o texto de lei aprovado pelo legislativo, que constitui novo marco da nossa independência econômica” (VARGAS, 1964, p. 59).

<sup>24</sup> A sigla bpd significa barris de petróleo por dia

as duas crises do petróleo<sup>25</sup> na década de 1970 e o descontrole econômico da década de 1980. Hoje considerada a maior empresa petrolífera nacional, a Petrobrás expandiu os negócios para outros países, como a Colômbia, Argentina, Holanda e os Estados Unidos.

Em 2007, os maiores veículos de informação do Brasil noticiaram a descoberta dos reservatórios de petróleo no pré-sal. Do ponto de vista geológico, Figueiredo (2016, p. 71) afirma que as jazidas do pré-sal se estendem por “[...] uma área total de 112 mil km<sup>2</sup>, em uma faixa de 800 km de extensão e 200 km de largura que vai do norte de Santa Catarina ao sul do Espírito Santo, com lâminas d’água que variam de 60 a 2.300 metros e profundidade total entre 5.300 e 7.000 metros”. Além disso, Souza (2012, p. 97) ressalta que “[...] a camada pré-sal é composta por uma formação rochosa porosa e localiza-se imediatamente após uma extensa camada de sal, de até dois mil metros de espessura. Nesse ambiente de altíssima pressão e temperatura – cerca de 100°C, o petróleo e o gás ficam armazenados justamente nos poros das rochas. Ocorre que essas condições de extremo calor e alta pressão contribuem para um estado deformativo das rochas, tornando-as maleáveis e elásticas, dificultando a perfuração e manutenção do poço”.

Souza (2019) destaca que a exploração do pré-sal viabilizou que o trabalho *offshore* fosse executado com considerável diminuição

[...] dos riscos exploratórios, a partir do alto sucesso nas perfurações, da redução do custo de produção, da alta produtividade dos poços produtores e do aperfeiçoamento dos processos de produção, somado ao volume e a qualidade do óleo e do gás natural. (SOUZA, 2019, p. 21)

No *site* da Petrobrás<sup>26</sup>, encontramos inúmeros dados que apontam para o aumento da eficiência e produtividade da empresa na fase do pré-sal. Em 1984, a exploração dos 4.108 poços produtores de petróleo atingia a produção diária de 500 mil barris. Trinta e quatro anos depois, apenas 77 poços produziam 1,5 milhão de barris. Além da segurança na realização das operações *offshore*, também é enfatizada a diminuição do tempo de perfuração dos poços do pré-sal: “O tempo médio para construção de um poço marítimo no pré-sal da Bacia de Santos, por exemplo, foi reduzido em 2,5 vezes entre 2010 e 2018, com o avanço no

<sup>25</sup> Para Ruaro e Proença (2015, p.269), “A segunda crise do petróleo (1977-1978) ocorre em meio a uma crise política no Irã, que refletiu diretamente nos preços. Também comumente aponta-se o aumento do consumo mundial dos derivados do petróleo como estopim para este segundo choque”.

<sup>26</sup> Disponível em <<https://petrobras.com.br/pt/>>

conhecimento da geologia, a introdução de tecnologias de ponta e o aumento da eficiência dos projetos”.

Além da perspectiva econômica, também é possível refletir sobre o impacto social do pré-sal. Para Sauer e Rodrigues (2016), a descoberta do pré-sal foi interpretada por parcelas da população como uma verdadeira promessa de prosperidade econômica que resultaria, num espaço de poucos anos, em maiores investimentos na saúde e na educação. No ano de 2013, o governo federal realiza um leilão para exploração do pré-sal. Um grupo de empresas (Shell, Total, CNOOC, Corporação Nacional de Petróleo da China – CNPC) juntamente com a Petrobrás formaram o Consórcio Libra e ganharam como únicos interessados na proposta do leilão “Estão em vigor no Brasil 17 contratos em regime de partilha”<sup>27</sup>. O Contrato de Libra foi o primeiro a ser assinado, em 2013, fruto da 1ª Rodada de Partilha de Produção promovida pela Agência Nacional de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (ANP)” (Site Pré-sal petróleo)<sup>28</sup>. As empresas que compõem o Consórcio Libra, além da Petrobrás, têm extensões multinacionais e empregam milhares de trabalhadores. A empresa Shell<sup>29</sup> está atuando no Brasil desde 1913 e foi a primeira empresa estrangeira a atuar em solo brasileiro desde a abertura da exploração de petróleo ao mercado, tendo atualmente 900 funcionários contratados no Brasil, além de atuar em 70 países e ter uma média de 92 mil trabalhadores empregados. A Total<sup>30</sup> é uma empresa francesa considerada a sétima maior empresa de petróleo do mundo, na época do Leilão, atuando em 130 países e com uma média de 97 mil trabalhadores contratados (BARBOSA *et al.*, 2013). Outras duas empresas que fazem parte deste consórcio são: a *China National Offshore Oil Corporation* (CNOOC) e a Corporação Nacional de Petróleo da China (CNPC). Ambas as companhias são chinesas, e a CNOOC era considerada na época a terceira maior empresa de petróleo do mundo, possuindo em seus recursos humanos cerca de 92 mil trabalhadores ativos, com sede em Hong Kong. (*site* G1, 2013; BARBOSA *et al.*, 2013). A CNPC fica localizada em Pequim e “é a controladora da PetroChina, maior

<sup>27</sup> Lei nº 12.351/2010. Marco Regulatório da Partilha do Pré-sal.

<sup>28</sup> “Contrato de partilha assinado em 02/12/2013. A 170 quilômetros do litoral do estado de Rio de Janeiro, a área é explorada por um consórcio formado pela Petrobras (operadora, com 40%), Shell (20%), Total (20%), CNPC (10%) e CNOOC (10%). A União recebeu R\$ 15 bilhões como bônus com a assinatura do contrato. O excedente em óleo lucro é de 41,65%”. Disponível em: <https://www.presalpetroleo.gov.br/contratos-de-partilha/>. Acesso em 30 jul. 2022.

<sup>29</sup> <https://www.shell.com.br/sobre-a-shell/quem-somos.html>

<sup>30</sup> <https://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2013/10/conheca-quem-sao-empresas-que-formam-consorcio-vencedor-de-libra.html>

petroleira do país asiático. A companhia, por sua vez, é controlada pelo governo chinês, que detém metade de suas operações por lá.” (BARBOSA *et al.*, 2013), configurando a décima segunda maior petroleira do mundo, segundo o ranking da Platts<sup>31</sup>. Mas estas organizações, incluindo a Petrobrás, contratam outras empresas (terceirizadas) para execução de determinadas atividades, como perfurações, mergulhadores, concessão de navios entre outros.

Se por um lado há expectativas de aumento dos maiores lucros da Petrobrás em virtude da exploração do pré-sal, por outro a corrupção<sup>32</sup> mostrou-se um enorme problema que não afetou somente os negócios da empresa, gerando a diminuição de investimentos e desvalorização do seu valor de mercado, como também danificou a imagem pública da multinacional para o mundo. Em março de 2014, a imprensa forneceu amplo espaço midiático para as investigações da Polícia Federal (PF) sobre um amplo e complexo esquema de corrupção que causou enormes prejuízos aos cofres da Petrobrás. Foi a partir da Operação Lava Jato (OLJ) e de suas operações consequentes que os brasileiros descobriram que várias empreiteiras (p. ex., *Odebrecht, Galvão Engenharia, OAS, Queiroz Galvão, Camargo Corrêa, Andrade Gutierrez, Toyo Setal, UTC, Mendes Júnior*) formaram um cartel que

[...] se aliou de maneira criminosa a políticos de diversos partidos e diversas instâncias do poder, cooptou agentes públicos como altos executivos da Petrobras, da Eletrobras e de diversas outras estatais e órgãos da administração pública e, através da ação de doleiros e de outros agentes, pôs em prática um grande e complexo esquema de desvio de recursos públicos, considerado o maior esquema de corrupção já desvendado no Brasil. (SILVA, 2016, p.17)

O escândalo de corrupção da Petrobrás também envolveu os maiores partidos políticos do Brasil da época, como o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e o Partido Progressista (PP). Apesar dos escândalos de corrupção e do discurso de uma empresa endividada, o período posterior ao *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff foi seguido pelo governo do Presidente Michel Temer. Em 2016, ele mudou a política de preços da empresa através do

<sup>31</sup> S&P Platts é uma revista eletrônica que tem a finalidade de publicar notícias, negociações sobre commodities de petróleo, gás, carvão etc. no mundo. Encontra maiores informações em: <https://www.spglobal.com/commodityinsights/pt>

<sup>32</sup> Gonçalves e Andrade (2019, p.286) salientam que, além do prejuízo financeiro do Estado, a corrupção é “[...] incide em consequências extremamente danosas para a sociedade, pois atinge diretamente o sistema democrático, objetivando ganhos privados em detrimento da prática de ações em prol do interesse público”.

método de paridade com o dólar e mercado externo, através do Preço de Paridade de Importação (PPI) (InfoMoney, 2022). Harvey (2016, p. 69) sinaliza para a potência do capital de criar as suas crises, principalmente quando os trabalhadores “ganham o poder em relação ao capital”, reivindicando melhores condições de trabalho e salários. A forma como os capitalistas respondem a uma ascensão dos trabalhadores é negar investimentos “e deliberadamente criar desempregos para disciplinar o trabalho” (HARVEY, 2016, p. 69) Na prática, o Estado não intervém mais nos preços dos combustíveis, isto é, não subsidia estes preços para mantê-los dentro da capacidade econômica da moeda real e do poder de compras dos brasileiros. Assim, com o PPI, paga-se pelo preço do barril de Petróleo baseado em dólar. Uma política que há muito vinha se desejando pelos também acionistas da Petrobrás, afinal, esta política de preços aumenta os lucros, atraindo investidores sedentos por acumulação. E não à toa, desde a criação desta política de preços, a empresa tem batido recordes de lucro. Inclusive no primeiro trimestre do ano de publicação desta dissertação, 2022, a empresa aparecia em uma manchete intitulada “Lucro histórico: Petrobras lidera lista das mais lucrativas do 1º tri” (RAMOS, 2022), matéria na qual é comparada com as demais empresas de capital aberto e atinge o primeiro lugar em lucratividade., como aponta Ramos (2022): “Foram R\$ 44,5 bilhões de lucro líquido, comparado aos R\$ 1,1 bilhão apurado no mesmo período no ano passado”. Com a valorização do petróleo, a desvalorização do real e a criação do PPI, os acionistas e investidores dobraram suas arrecadações às custas dos consumidores e dos funcionários da petrolífera que trabalharam a todo vapor mesmo com a pandemia.

No que diz respeito à pandemia, é impossível não mencionar os impactos que a COVID-19 trouxe para o mundo, e em especial sobre a indústria de óleo e gás. Em 2020 fomos surpreendidos por uma pandemia que nos levou a questionar e confrontar os paradigmas da saúde mundial. A humanidade se viu diante de dados, condições, eventos sem precedentes e que desenharam novos cenários na realidade social: Máscaras, álcool em gel nas bolsas e mochilas, distanciamento e isolamento social foram realidades impostas. Para os trabalhadores da indústria de O&G, não foi diferente, principalmente porque trabalhadores *offshore* não puderam ficar em casa, eles fizeram parte da parcela da população que não parou de trabalhar, tinham que estar na plataforma e em treinamentos e reuniões *online*, mesmo em seu dia de descanso, conforme o relato a seguir “[...] uma coisa que **eles**

**têm que fazer uma semana, é trabalhar em casa” (FB02).** E a família tem que se adaptar a esta nova modalidade, pois, além dos dias de trabalho fora do lar, o trabalho também invade as esferas da casa **“É aquele horário dele então a gente já sabe, tá planejado aquilo ali. Então a gente sabe que naquela semana, ele vai trabalhar o dia todo” (FB02).** Na pandemia, o trabalho já precarizado se agudiza e estes trabalhadores, que não puderam ficar em casa, tiveram uma redução na equipe. A análise dos documentos aponta medidas que foram tomadas para minimizar os riscos de uma possível contaminação na plataforma

Além de reforçar as medidas de higiene e rotinas de limpeza em nossas instalações, orientamos continuamente o distanciamento seguro entre as pessoas. Adotamos teletrabalho para colaboradores com atividades administrativas que podem ser realizadas de forma remota e para profissionais do grupo de risco em qualquer atividade. **Nas nossas unidades operacionais, reduzimos o efetivo ao mínimo necessário para a garantia da continuidade das operações e da segurança, com ajustes nas escalas de trabalho.** (RS, 2019<sup>33</sup>, p. 9)

Mesmo com a redução da equipe, como mencionado no documento, a demanda permaneceu a mesma e houve aumento de tempo de escala, mantendo os trabalhadores nas plataformas por até 30 dias. Como declarado por uma das entrevistadas, **“parecia que ele estava mais embarcado do que estava em casa, porque ele de fato ele ficava, quando estava embarcando por período maior por conta da pandemia” (FB01).** Assim, como todos os brasileiros tiveram que se adaptar e se reorganizar com a chegada da pandemia, os trabalhadores *offshore* também tiveram suas rotinas modificadas, ficando mais tempo em seus locais de trabalho do que em casa. Estes trabalhadores têm as suas aflições duplicadas neste período, além dos riscos iminentes do trabalho, somam-se o medo de ser contagiado e de contagiar sua família, como reforçado por Souza “[...] deve-se reconhecer que a pandemia tem gerado graves problemas psicoemocionais, desde o medo do trabalhador em se infectar até o fato de levar o vírus aos familiares [...]” (SOUZA, 2021, p. 9). O medo de se infectar e desenvolver o quadro mais grave da doença assombrou a população. Frisamos que no momento das entrevistas a primeira dose da vacina estava sendo aplicada. As participantes das entrevistas relatam como a pandemia covid-19 impactou a vida dos trabalhadores e repercutiu para além do confinamento nas plataformas: **“a gente ficou mais recluso” (FB01); “Ele gosta de sair, e hoje a gente não já não pode mais. [...] Ele ficou mais**

<sup>33</sup> Este documento é referente ao período de 01/01/19 a 31/12/19.

*paranoico com a mudança, às vezes acabou de passar álcool em gel, mas só de puxar a maçaneta do carro e sentar no carro, ele já vem com vidrinho de novo “vamos passar de novo”. **Ele tem medo de pegar o vírus e passar para gente” (FA04).*** O trabalhador fica isolado e confinado, sem contar com o apoio da família, acentuando a insegurança no trabalho, pois também prevalece a preocupação com a sua família e no auxílio em casos de emergência. (LARENTIS *et al.*, 2020).

Além da mudança de escala, o tempo de quarentena em hotéis ou mesmo em casa agravou a mudança da rotina, impondo ao trabalhador a estadia em hotéis durante uma semana antes do embarque, tempo retirado da folga deste trabalhador, diminuindo o período em que ele poderia ficar com a família e na segurança do lar *“Ele ficava antes vinte e um dias, só que essa questão da quarentena, ela acabou pegando uma parte da folga. Ele acaba ficando menos dias em casa. **Uma média de duas semanas e viaja novamente, que é o tempo que ele fica no hotel.” (FB02).*** No Relatório de Sustentabilidade de 2021, o setor *offshore* tem “medidas mais rigorosas”

**Implementamos isolamento domiciliar monitorado** e triagem por profissionais de saúde no pré-embarque em plataformas, com suspensão do embarque de quem apresentar qualquer sintoma nos catorze dias antecedentes, bem como a realização de testes diagnósticos antes do embarque. (RS, 2021, p. 173)

Consoante com o exposto acima, no monitoramento domiciliar o trabalhador receberá documentos e formulários que precisam ser preenchidos, estes documentos são: Formulário de Termo de Consentimento Informativo da Quarentena, Formulário Médico de Quarentena, Formulário de triagem Pré-embarque e Formulário Diário de Contatos Próximos. Uma das participantes relata o novo cotidiano imposto pela pandemia e pelas diferentes formas de organização da família perante novas normativas das empresas: *“Quando ele está na quarentena, **ele fica muito tenso, não posso sair, eu praticamente não posso nem ir ao mercado” (FA04).*** Essa situação reforça a precarização do trabalho no Brasil, em que o trabalhador não pode correr o risco de adoecer, primeiro por ficar impossibilitado de ir trabalhar e, assim, colocar em “risco” o emprego.

A emulação pelo medo é um dos modos espúrios de construção dos consentimentos nos locais de trabalho. Por isso, o desemprego em massa possui uma função psicológica (ou simbólica) na sociedade do capital: criar as condições psíquicas para a “captura” da subjetividade do trabalho. (ALVES, 2008, p. 232)

A lucratividade financeira conta com os trabalhadores que “vestem a camisa”, que “deem seu próprio sangue”, alimentados pelo discurso neoliberal do homem-empresa, pela narrativa do enriquecimento individual. O trabalhador é educado mentalmente como um homem ideal, o *sujeito produtivo* (DARDOT; LAVAL, 2016). Este trabalhador adestrado para o poder econômico, deve ser bem-sucedido em todas as esferas da vida e, para isso, a racionalidade neoliberal interioriza nas pessoas a crença de que o sujeito deve trabalhar para empresa como se fosse para si.

Ele deve trabalhar para a sua própria eficácia, para intensificação de seu esforço, como se essa conduta viesse dele próprio, como se esta lhe fosse comandada de dentro por uma ordem imperiosa de seu próprio desejo, à qual ele não pode resistir. (DARDOT, LAVAL, 2016, p. 327)

Essa construção do subjetivo do trabalhador é alvo de investidas por parte da empresa, ao criar discursos de colaboração, de pertencimento à empresa, de uma narrativa em que a empresa só atingirá o sucesso através dos esforços dos seus trabalhadores. E com isso, a manutenção do sistema capitalista perpetua a concentração dos lucros a um pequeno grupo dominante.

Este trabalhador faz parte de uma família, de uma rede de apoio que o fortalece e o apoia, assim como manter-se dentro desta rede é o seu pertencimento dentro da sociedade. No próximo capítulo resgataremos o percurso da construção social da família na sociedade até os tempos atuais, bem como as nomenclaturas e suas composições.

### 3 FAMÍLIA: uma construção social

A família existe e resiste secularmente com transformações geracionais, em concordância com as mudanças da sociedade. Assim ocorre desde os primeiros achados sobre família que Friedrich Engels (1820-1895) traz em sua obra intitulada “A Origem da Família, do Estado e da Propriedade Privada” (1884) até os tempos atuais, com o conceito da família moderna e sua pluralização. A família é transversal aos séculos, e ela cria, se adequa e reproduz os costumes e valores priorizados pela moralidade social. Neste capítulo nos debruçamos sobre as metamorfoses que a família ocidental sofreu ao longo da história e sobre as transformações societárias que incidiram nos princípios e constituição da família.

#### 3.1 Família ou famílias: As transformações ao longo dos séculos

Abordamos elementos que consideramos essenciais para entender as diferentes transformações da família nas últimas décadas do século XX. O entendimento social sobre a instituição família está profundamente ligado aos conceitos de matrimônio e parentesco. De acordo com Canut e Faquim (2014, p. 64),

Matrimônio significa a união ou vínculo estabelecido entre duas pessoas, mediante o reconhecimento governamental, religioso ou social e que pressupõe uma relação interpessoal de intimidade embora possa ser visto por muitos como apenas um contrato. Parentesco está relacionada à co-sanguinidade existente entre gerações, fruto ou não de um processo matrimonial e de constituição familiar.

Durante séculos, a composição da instituição da família foi bem delineada: pai (provedor da casa), mãe (submissa às regras dos maridos e responsável pelos afazeres domésticos) e os filhos (futuros herdeiros da família). Conforme olhares mais conservadores e segundo Lerner (2019), nas famílias a figura masculina é responsável pela proteção e sustento, pois há uma divisão sexual do trabalho “assim, vê-se a divisão sexual do trabalho com base em diferenças biológicas como justa e funcional” (LERNER, 2019, p. 43). No entanto,

A complexidade de tal definição ganha novos contornos à medida que novas configurações familiares vão sendo absorvidas pela cultura e os modelos tradicionalmente aceitos não mais correspondem à diversidade de possibilidades de organização dos núcleos familiares. (ZAMIGNANI; BANACO, 2021, p. 176)

As famílias foram se transformando até formar um núcleo, que cria um elo através de um forte sentimento mútuo. Santos (2021, p. 24) afirma que “As transformações que ocorrem na sociedade e nas relações sociais estão diretamente ligadas à história da instituição família”, ou seja, as mudanças na sociedade interferem e modificam as estruturas e configurações familiares. Mas afinal, o que é família? Para Zamignani; Banaco (2021, p. 183) “As pessoas envolvidas nessas relações são unidas por múltiplos laços, que mantêm os membros da família moralmente, materialmente e afetivamente de forma recíproca durante uma vida e ao longo das gerações”. Ao entrarmos no século XXI, as configurações de família foram se transformando e passaram a formar núcleos extremamente unidos. A pluralidade presente nesses núcleos vai além de laços consanguíneos e matrimônios, é o pertencimento que o mantém como referência para cada membro dele.

De acordo com Benedito (2021, p. 106) a “Família é o primeiro e mais importante núcleo humano para formação e desenvolvimento da pessoa, ou seja, para sua identidade pessoal. Em **Para o bem e para o mal**, Donati (2008, p. 51) enfatiza “Em resumo, a família é aquele “sistema social vivente”, que preside a reprodução primária da sociedade”, ambiente por vezes caracterizado por desigualdades e rompimento de vínculos. Cervený (2004, p.17) pontua a família “como um sistema<sup>34</sup> de relações que opera de acordo com certos princípios básicos e que evolui no seu desenvolvimento, de um modo particular e complexo determinado por inúmeros fatores [...]”, neste sentido, entende que a família pertence a um sistema familiar “composto por indivíduos que podem também ser considerados sistemas por si sós e ainda uma parte de um sistema, ou seja um subsistema” (CERVENY, 1994, p. 25). Este sistema pode pertencer a um sistema maior, com abrangência para outros sistemas familiares, outras extensões que vão além da consanguinidade, como a esfera sociocultural (CERVENY, 1994).

Para Roudinesco (2003, p. 16) “[...] a família pode ser considerada uma instituição humana duplamente universal, uma vez que associa um fato de cultura, construído pela sociedade, a um fato de natureza, inscrito na lei da reprodução

---

<sup>34</sup> O sistema familiar pode “ser visto como um conjunto que funciona como uma totalidade e no qual as particularidades dos membros não bastam para explicar o comportamento de todos os outros membros” (CERVENY, 1994, p. 24-25).

biológica”. Portanto a instituição familiar é milenar e culturalmente tem em seu eixo principal a procriação de descendentes para a continuidade da história e propagação de seus genes. Ainda para a autora (2003, p. 16) “Num sentido amplo, a família sempre foi definida como um conjunto de pessoas ligadas entre si pelo casamento e a filiação, ou ainda pela sucessão dos indivíduos descendendo uns aos outros [...]”. O surgimento do conceito de família se ancorava na perpetuação dos genes, bens e nomes, como uma transmissão da vida. Para Campos e Matta (2007, p. 114), esse conceito “[...] por muito tempo limitou-se aos nobres, aos burgueses, aos artesões e aos lavradores ricos”. A evolução da sociedade da centralidade na família para a vida dos indivíduos, tornando-a privada, veio após uma organização da família cujo foco era a criança, uma vez que “a descoberta da infância tem seu início no século XIII, quando gradativamente surge um sentimento mais próximo ao sentimento moderno, e que no século XV começa a se fortalecer, continuando a evoluir ao longo do século XVI [...]” (CAMPOS; MATTA, 2007, p. 109). Em suma, a família é uma instituição secular que, apesar das intensas mudanças culturais, políticas e econômicas, permanece a “[...] célula do organismo social que fundamenta uma sociedade. *Locus nascendi* de histórias pessoais, é a instância predominantemente responsável pela sobrevivência de seus componentes” (LOSACCO, 2018, p.80).

Voltamos ao passado e, com Engels, conhecemos os primórdios da família com base nas investigações do americano Lewis Morgan sobre uma análise materialista da história. Dando continuidade ao trabalho que Marx vinha executando, ele afirma que as premissas históricas da sociedade são divididas em três fases: Estado Selvagem, Barbárie e Civilização. Segundo os relatos de Morgan citados por Engels (2021, p. 27),

A superioridade e o domínio do homem sobre a natureza, por causa de sua habilidade de produzir aquilo que precisa para viver: o homem é, de todos os seres, o único que obteve controle quase absoluto da produção de alimentos. Todo progresso da humanidade coincide, de modo mais ou menos direto, com as épocas em que se ampliam as fontes de existência.

Neste sentido, o homem dotado de consciência, sua habilidade que o diferencia de outros animais, transforma a natureza para a sua subsistência e com o passar do tempo, há a evolução dos seres em comunidade. Engels, como já mencionado, propõe três fases: o Estado Selvagem, “período em que predomina apropriação de produtos da natureza, prontos para ser utilizados” (ENGELS, 2021,

p. 34); a Barbárie “período em que aparecem criação de gado e a agricultura e se aprende a incrementar a produção da natureza por meio do trabalho humano” (ENGELS, 2021, p. 34); e a Civilização, que Engels afirma ser um “período em que o homem continua aprendendo a elaborar os produtos naturais; período da indústria propriamente dita e da arte” (ENGELS, 2021, p. 34). Esse resgate dos primórdios da sociedade é realizado para compreender a formação da família. Como ela surgiu? Como eram as primeiras composições familiares? O surgimento do patriarcado, da propriedade privada e do Estado? Esse conhecimento histórico nos trará subsídios para a discussão foco deste capítulo.

Engels (2021) cita um princípio de família, baseando-se nos registros de Lewis Morgan, a família sindiásmica, que tinha uma regra de consanguinidade entre os seus pares “Os sistemas de parentescos e as formas de família a que nos referimos diferem dos de hoje no seguinte fato: cada filho tinha vários pais e mães” (*Ibid.*, p. 37). A poligamia e a poliandria eram práticas comuns nesta época. O matrimônio entre grupos consanguíneos era presente nas relações, como clarifica Engels, afirmando que “Irmãos, irmãs, primos e primas, em primeiro, segundo e restantes graus, são todos entre si, irmãos e, *por isso mesmo*, maridos e mulheres uns dos outros” (ENGELS, 2021, p. 45). Com o passar do tempo, a família consanguínea foi diluída e outras formas de família vão sendo construídas. Ainda destacamos que destes matrimônios em grupos, a descendência era considerada pela linhagem da mulher, sendo assim, considerado um sistema matriarcal (ENGELS, 2021). No entanto, Lerner (2019) rebate esta ideia com o argumento de que a mulher nunca ocupou um espaço de poder sobre o homem, o que entraria em conflito com esta afirmação do patriarcado. Nesta época, o patriarcado não era uma ordem social e as mulheres e os homens cooperavam entre si para o sustento da família

Penso que só podemos falar em matriarcado quando as mulheres têm o poder *sobre* os homens, não ao lado deles; quando esse poder inclui o domínio público e as relações exteriores, e quando as mulheres tomam decisões essenciais não apenas para seus parentes, mas para a comunidade. (LERNER, 2019, p. 59)

O matriarcado seria uma forma feminina equivalente ao poder patriarcal, o qual surgiu com os casamentos monogâmicos e com a proteção ao patrimônio, que deveria permanecer entre os herdeiros. Com o surgimento da propriedade privada, o homem passou a ter um poder social nos grupos e na comunidade e a mulher, foi

retirada para os cuidados domésticos. Ao resgatarmos as raízes desse sistema secular na história, buscamos referências na Grécia antiga, no entanto é importante entender que o sexo – entendido na oposição entre o masculino e o feminino – possuía um peso ainda maior do que nos dias de hoje. O conceito de feminismo ainda não existia e determinadas obrigações eram definidas pelo sexo do indivíduo e chanceladas pelas leis e poderes constituídos que garantiam o que podemos chamar de ordem vigente naquele contexto histórico. Na perspectiva de Tiburi (2018, p. 105) “Na equação política de Aristóteles, *Polis*, é a cidade-Estado e *Óikos*, o território da casa. O primeiro é reservado aos homens e o segundo, às mulheres, aos escravos e aos animais”. Nas casas gregas, as mulheres possuíam um cômodo especial: o Gynaikeion. É, portanto, através do confinamento doméstico que adentramos a experiência feminina em Atenas.

O casamento era essencial na organização social de Atenas, visto que era assim que a linguagem nobre era perpetuada, ou seja, a herança continuaria na família

As meninas casavam cedo, entre 15 e 18 anos. O casamento precoce era justificado com base na crença de que as mulheres eram lascivas e pouco hábeis em conter seus impulsos sexuais, o que - juntamente com a necessidade de que se casassem virgens - tornava iminente a sua realização. A jovem passava assim de forma abrupta da infância ao mundo da sexualidade adulta. (SILVA,2011, p. 38)

O ato do casamento, significava que “[...] o controle legal sobre a mulher passasse do pai ou guardião para o marido. Em seguida, esperava-se que ela tivesse filhos; se isso não acontecesse, o divórcio podia ser pedido” (RATHBONE,2011, p. 144). Na sociedade patriarcal, existe anulação da vontade feminina e a submissão ao homem. Há centralidade na autoridade do pai com relação aos filhos e filhas. Se o poder de mando termina num momento em que o filho assume o papel de provedor de sua própria família, a filha não possui tal condição. Da filha exigia-se o aprendizado doméstico desde a infância como forma de preparo para o casamento. Ao atingir determinada idade, a filha se casa e fica sob a responsabilidade/proteção do marido que usufruí do poder consentido da família para fazer o que bem desejar. As mulheres de Atenas sofriam com as limitações que atingiam diretamente sua liberdade de ir e vir. Elas não participavam de reuniões, nem cultos de adoração aos diferentes deuses da mitologia grega. Seu papel consistia em servidão sexual e serviço doméstico não remunerado, o que

podemos considerar como formas de controle sobre o corpo feminino. Aquelas que desejavam ser protegidas por estes homens, terem um lar e procriar, deveriam ser resguardadas. Ao não questionar o processo de opressão a qual foram expostas gerações de mulheres, elas acabam cúmplices de sua subserviência. Fazem exatamente como o homem deseja. Tratando-se, portanto, de uma espécie de poder simbólico que é imposto sobre o seio familiar “[...] esse poder invisível o qual pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2000, p. 7). No entanto, como poderiam entender o processo que estão inseridas se não recebiam uma educação que pudesse ser utilizada para questionar sua realidade? Enquanto os meninos estudavam, frequentavam aulas de filosofia, história, as meninas tinham aulas de tarefas domésticas, porque as mulheres “[...] por serem psicologicamente moldadas de modo a internalizar a ideia da própria inferioridade” (LERNER, 2019, p. 268).

A família não permaneceu estática no decorrer dos séculos, ou seja, trata-se de uma construção histórica e passa por significativas mudanças. Campos e Matta (2007) afirmam que um dos elementos mais destacados na família moderna é o afeto entre seus membros. Mas nem sempre foi assim, pois entre os séculos XIII (Idade Média) e XVIII (Idade Moderna) ocorreu a ressignificação do papel da criança.

No livro *História social da criança e da família* (1978), o historiador francês Philippe Ariés investigou as concepções de família na Europa entre o período feudal e a consolidação do capitalismo. A criança tinha a mesma responsabilidade de ajudar a família em variadas tarefas, como a criação de animais, agricultura ou artesanato. As crianças das camadas populares integravam o mundo dos adultos no momento que eram julgadas aptas a dispensar o auxílio materno

[...] ou das amas, pouco antes depois de um desmame tardio - ou seja, aproximadamente, aos sete anos de idade. A partir desse momento, ingressaram imediatamente na grande comunidade dos homens, participando imediatamente na grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens ou velhos dos trabalhos e dos jogos de todos os dias. [...] A família cumpria uma função - assegurava a transmissão da vida, dos bens e dos nomes - mas não penetrava muito longe na sensibilidade. (ARIÉS, 2014, p. 193)

Uma mudança importante ocorrida no começo dos tempos modernos envolveu o entendimento de “[...] que a criança não estava madura para vida, e que

era preciso submetê-la a um regime especial, a uma espécie de quarentena antes de deixá-la unir-se aos adultos” (ARIÈS, 2014, p. 194). Assim, a responsabilidade e um maior cuidado pela educação dos menores seriam divididos entre a família e a escola. O século XV é apontado como o início de uma intensa alteração das relações de afeto entre os membros da família, que ocorreu de forma

[...] profunda e lenta, mas percebida tanto pelos contemporâneos como pelos historiadores, e difícil de reconhecer. [...] A substituição da aprendizagem pela escola exprime também uma aproximação da família e das crianças, do sentimento da família e do sentimento da infância, outrora separados. A família concentrou-se em torno da criança [...] O clima sentimental era agora completamente diferente, mas próximo do nosso, como se a família moderna tivesse nascido ao mesmo tempo que a escola, ou, ao menos, que o hábito geral de educar as crianças na escola (ARIÈS, 2014, p.159).

Sob a perspectiva da divisão sexual das tarefas na sociedade da época, o vínculo de amor entre mães e filhos passou a ser interpretado como algo inerente à mulher. “Assim, durante a maior parte de sua vida, as mulheres burguesas estavam confinadas ao lar como nunca o haviam estado antes” (POSTER, 1979, p. 188). Com isso, as mulheres passaram a cuidar seus filhos, de suas casas, de seus maridos. As justificativas que levam a maternidade como algo natural à mulher focalizam a reprodução feminina e endossam o discurso da divisão sexual do trabalho (LERNER, 2019). Do ponto de vista da família, os filhos não eram somente herdeiros de posses e do sobrenome, mas também seres que necessitavam de ensinamentos espirituais e morais.

O amor é uma construção social que, no século XIX, passou a ser incentivado pelos médicos higienistas devido às doenças venéreas e a mortalidade infantil de forma a conter o sexo extraconjugal e impor uma disciplina higiênica. Assim, a satisfação sexual era responsabilidade somente do casal

A higiene retomou a problemática sexual religiosa em outro estilo e com novos fins. Continua reprimindo o prazer gratuito e irresponsável [...] O sexo, dentro da legalidade do matrimônio, tornou-se objeto de regulação médica, não por seus excessos, mas por suas deficiências. (COSTA, 1999, p. 227)

A partir disso, a medicina higienista propaga o discurso sobre a representação paterna e materna, tornando a continuidade da família uma finalidade na vida do casal. Acreditava-se que o amor entre o casal e entre seus filhos era uma sintonia perfeita para servir de exemplo e execrar os desvios antes sustentados. O homem era responsável pelo sustento da família e tinha seu papel social exaltado

como principal membro do seio familiar, dizendo-se que “Esposo e pai é quando o homem se julgar feliz; é quando a razão se esclarece mais e robustece as doutrinas moralizadoras do dever [...]” (COSTA, 1999, p. 238-239). A mulher condiciona-se ao papel de mãe e esposa, mas o amor ao seu filho era seletivo, pois o primogênito menino recebia a herança, que por sua vez, recebia atenção especial principalmente da mãe, e “Assim, a mãe conserva junto de si o mais velho durante a primeira infância. Amamenta-o e cuida dele pessoalmente” (BADINTER, 1985, p.92), enquanto os outros filhos eram enviados para casas de outras pessoas, amamentados por amas de leite e permaneciam por anos vivendo com elas (BADINTER, 1985). As amas de leite, vistas como um recurso para as mães burguesas, que não praticavam a amamentação, assumiam o papel que as mulheres burguesas rejeitavam. As explicações para rejeitar a amamentação eram físicas e místicas, pois as mulheres acreditavam que o ato de amamentar era tão precioso que, se o bebê se alimentasse daquele líquido, elas poderiam adoecer, então consideravam não amamentar como uma questão de sobrevivência. Além disso, acreditavam que amamentação interferia na estética, na beleza de seus corpos (BANDITER, 1985).

A partir da revolução industrial europeia, as famílias em busca de melhores condições de vida migraram para as grandes cidades. Conseqüentemente, as condições do proletariado eram precárias, pois não havia saneamento básico ou moradias decentes. O Brasil – iniciou no governo do presidente Getúlio Vargas a expansão da industrialização –, porém antes de 1930 já existiam famílias que saíam do interior em busca de trabalho nos centros urbanos. Além dos migrantes, as cidades brasileiras são “invadidas” por imigrantes, “os trabalhadores provenientes da Europa, brancos e civilizados como desejará, trazem consigo não apenas uma força de trabalho, mas todo um conjunto de expectativas, de valores e de tradições culturais” (RAGO, 1985, p. 17). Ao mesmo tempo em que os imigrantes atraíam atenção da burguesia, eles também despertavam um receio sobre modo de vida que levavam, dizia-se que era necessário discipliná-los para manter o controle, como já faziam com outros trabalhadores, (p. ex., fiscalizar, doutrinar para que sigam regras de boa conduta) para que estes imigrantes não fossem uma ameaça com um novo estilo de vida europeu. Tudo deveria ir ao encontro da expansão do capital e estavam incluídas aí as relações familiares que “também devem ser produzidas a partir da constituição de um novo modelo normativo de família”

(RAGO, 1985, p. 18). Com isso, qualquer relacionamento ou comportamento desviante do considerado ideal, deveria ser evitado para que fosse construída uma classe operária moralizante. (RAGO, 1985). Toda esta movimentação tinha como objetivo desmistificar a imagem da fábrica como um lugar ruim, para uma nova ideia, uma mudança no imaginário que visa “[...] um mundo da produção harmonioso, onde ritmos e os regulamentos do trabalho fariam parte da própria natureza do processo produtivo e não mais dependeriam da mera vontade patronal de dominação” (RAGO, 1985, p. 19).

Nesta perspectiva disciplinar, despolitizar os movimentos operários é, até hoje, uma estratégia utilizada para controle, funciona como apassivamento destes trabalhadores através de discursos “inclusivos” que penetram no inconsciente do trabalhador como partícipe da produção, para que ele não se veja explorado e sim, se enxergue como um colaborador do processo. As empresas surgem então com incentivos financeiros, benefícios atrativos e discursos de que todos são como uma família “com a qual cada trabalhador se identificaria, no mesmo momento em que se domesticavam as relações da família operária e em que se destilava o gosto pela intimidade do lar no proletariado” (RAGO, 1985, p. 41). Esta representação imaginária não se restringia ao interior das fábricas, as famílias dos proletariados também deveriam ser disciplinadas e não podia haver nenhuma conduta desviante, criando um modelo de família baseada no imaginário da sociedade burguesa da época, a família nuclear (RAGO, 1985). A estratégia de impor ao imaginário do proletariado a busca pelo modelo de família nuclear iria ao encontro da dissolução da luta de classes e, com isso, a mulher deveria sair da fábrica e se tornar uma esposa dedicada às tarefas domésticas “e atentar para os mínimos detalhes da vida cotidiana de cada um dos membros da família, vigiar seus horários, estar a par de todos os pequenos fatos do dia a dia, prevenir a emergência de qualquer sinal da doença ou desvio” (RAGO, 1985, p. 62). Novamente, a medicina higienista coopta a mulher como aliada para as práticas higiênicas e disciplinares dentro dos lares. A necessidade das crianças por cuidados maternos, como o aleitamento, não tinha apenas o objetivo de baixar as taxas de mortalidade infantil, ela tinha outro propósito, sendo este o controle da vida da mulher, pois “A mulher que não amamentasse isentava-se, automaticamente, de uma ocupação indispensável à redefinição de seu lar no universo disciplinar” (COSTA, 1999, p. 258). Acreditava-se que a mulher não deveria ter um período de ócio, pois isso seria ameaçador aos

bons costumes da família, ela poderia desviar-se das atividades atribuídas esposa-mãe-dona-de-casa. Havia também ameaça de concorrência com os homens. A urbanização favoreceu as mulheres nas conquistas e emancipações quando, por exemplo, possibilitou o acesso aos estudos, depois passando a exigir mais privilégios do marido, já que “o desenvolvimento econômico, alterando as regras da sociabilidade, conferiu-lhe um papel decisivo na promoção social do marido” (COSTA, 1999, p. 259).

### 3.2 Família e trabalho: transições e contradições

O trabalho tem valor ontológico para o ser humano, é inerente a ele. Como vimos no capítulo 2, o trabalho exercido pelo homem nos seus primórdios e até meados do séc. XV tinha uma utilidade, a subsistência. Trabalhar para manter o seu próprio sustento, o sustento de sua comunidade, da sua família. Dissociar o trabalho da família não condiz com a história da humanidade. Apesar do conflito trabalho *versus* família, as duas esferas contraditoriamente, constituem a vida de um sujeito. Ao analisarmos a família, também observamos, que fatores externos, como o Estado, as leis e as políticas públicas, impactam na construção e na dinâmica da família (MIOTO, 2010).

No decorrer do século XX, o conservador conceito de família no Brasil era reforçado pelos meios de comunicação, pela Igreja Católica e pelo Estado – e hoje é contestado pelas minorias que não se vêm representadas dentro deste molde de família heteronormativa e nuclear<sup>35</sup>. Através do casamento entre indivíduos de sexos diferentes era perpetuada uma forma de organização na qual o masculino era responsável pelo sustento material da família e o feminino pela manutenção do lar. Entretanto, ressaltamos que enquanto os homens tinham seus direitos assegurados pela carteira de trabalho (p. ex., férias, décimo terceiro salário), as tarefas executadas pelas mulheres nem mesmo eram consideradas como trabalho. Tal fato é exemplo de como a estrutura capitalista estimulava a opressão às mulheres. E

---

<sup>35</sup> Famílias compostas por um homem, uma mulher e filho(s).

não podemos dissociar a procriação<sup>36</sup> como elemento fundamental do entendimento da ideia de família.<sup>37</sup>

Se por um lado é possível relacionar que o sexo, dentro da visão tradicional de família, estava profundamente ligado à ideia de ter filhos, é muito interessante notar que a revolução sexual que marcou a década de 1960 deu às mulheres uma forma de liberdade mais garantida do que outros tipos de contracepção: a pílula anticoncepcional. Para Priore (2011, p. 194), “O ato sexual deixou de servir exclusivamente à procriação. Abriu-se uma brecha no mandamento divino: doravante, a mulher poderia escolher entre ter filhos ou não”. Ao impedir a ovulação, a pílula anticoncepcional proporcionou maior controle da própria mulher sobre seu corpo e, conseqüentemente, sobre sua vida. Outras mudanças também ocorreram no âmbito profissional, as mulheres estavam ocupando espaços de trabalho tanto como forma de auxílio nas despesas, como forma de crescimento pessoal. Deve ser ressaltado que essa busca ao mercado de trabalho não foi fácil, as mulheres enfrentavam cada vez mais resistências e a opressão apresentava-se através do assédio moral e sexual, além da discrepância dos salários entre os sexos. Com o advento da mulher trabalhadora assalariada, fora de casa, a família também vai se moldando ao novo movimento da sociedade.

No tocante das famílias contemporâneas do final do séc. XX, as transformações da sociedade e do Estado, com influência do neoliberalismo, modificaram a atuação governamental e as políticas públicas voltadas à família. O neoliberalismo respinga em várias esferas da sociedade e, como mencionado no capítulo anterior, influencia e transforma o mundo do trabalho. A atuação do Estado também é modificada após a nova constituição de 1988, momento em que o Estado deve atuar entre os interesses do povo e os preceitos de uma nova lógica de mercado que estava em plena expansão no mundo. O curto governo do presidente da República Fernando Collor de Mello foi essencial para refletir sobre a ascensão do neoliberalismo brasileiro na década de 1990. Para Melo (2007, p. 170), a eleição

---

<sup>36</sup>Não podemos deixar de ressaltar a secular ligação entre virilidade e masculinidade na história. Por exemplo, no Brasil Colônia, Priore (2011, p.36) afirma que “[...] a impotência era considerada verdadeira maldição. Desde sempre, ela promoveu profundo sofrimento, quando não situações de humilhação entre os homens. [...] A obrigação da virilidade já estava profundamente arraigada em nossa cultura”.

<sup>37</sup>Assim como na Grécia antiga, as famílias abastadas partiam do princípio que gerar filhos eram fundamentais para a estrutura social porque perpetuava o sobrenome e garantia a posse dos bens materiais obtidos pela geração anterior.

de Collor, em 1989, foi interpretada pela elite como uma oportunidade de implantar medidas que pudessem modernizar o Estado e, conseqüentemente, percebia “[...] as possibilidades de negócios com as privatizações cogitadas durante a campanha eleitoral que indicavam o início de período de extraordinária transferência patrimonial das mãos do Estado para a iniciativa privada”. Neste sentido, Almeida (2010, p. 28) ressalta que o governo Collor desejava reformar as finanças do Estado através da

[...] i) redução dos gastos públicos; ii) fim da concessão de benefícios; iii) reformas fiscal, patrimonial e administrativa; iv) redefinição do papel do Estado; v) defesa da economia de mercado e da abertura ao capital externo; vi) modernização econômica através da privatização como elemento gerador de receita e redutor do déficit público.

Mas as dificuldades políticas (o presidente não possuía uma base política forte no Congresso) e econômicas (os fracassos dos planos de combate à inflação enfraqueceram a imagem do Poder Executivo) foram obstáculos para a total implantação das medidas neoliberais. Mesmo com a saída de Collor da presidência, através de um processo de *impeachment*, não houve alteração da percepção das elites de que o neoliberalismo era viável no Brasil – mesmo que houvesse outra opção. Na eleição presidencial de 1994, o candidato Luiz Inácio Lula da Silva apresentou um plano de governo que incluía a ampliar a participação estatal “[...] nos setores fundamentais e estratégicos. O outro plano, do FHC, era o continuador do projeto neoliberal – e, por isso, contou com uma gama impressionante de apoios entre os partidos e setores conservadores da sociedade” (NEGRÃO, 1996, p. 7). Eleito presidente ainda no primeiro turno, Fernando Henrique Cardoso, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), pode ser apontado como uma forte liderança que, através de acordos políticos, favoreceu a adoção de postulados neoliberais de forma mais consistente do que o governo anterior. Entretanto, Sá (2016) afirma que as conseqüências foram negativas para a maioria da população, pois houve aumento da dívida pública interna, houve flexibilização do trabalho – o que gerou alta nos índices de desemprego –, impactou os investimentos em educação, moradia e saúde e, por fim, aprofundou o abismo entre ricos e pobres. Foi uma época em que o grande capital internacional obteve lucros altíssimos: “Assim, o Estado reduziu seus gastos sociais para que o setor financeiro e o grande capital fossem remunerados adequadamente” (SÁ, 2016, p. 202). No decorrer, dos

próximos governos, o neoliberalismo passaria por mudanças que não alteraram a lógica capitalista de exploração dos trabalhadores.

O presidente Luís Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), assumiu um posicionamento que diferia do governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC). De acordo com Keller (2019, p. 70), “Foi proposto um modelo de desenvolvimento que alinhasse crescimento econômico com menor desigualdade, com base no resgate do papel do Estado, demandando maior eficiência de suas instituições e mudando estrategicamente sua relação com o mercado”. Poderíamos indagar: seria uma nova proposta de *welfare state*? Na concepção de Esping-Andersen (1991, p. 101), “O *welfare state* não pode ser compreendido apenas em termos de direitos e garantias. Também precisamos considerar de que forma as atividades estatais se entrelaçam com o papel do mercado e da família em termos de provisão social”. No governo Lula – que é considerado de esquerda –, foi criado o programa de distribuição de renda denominado Bolsa Família. Através da transferência de renda, as famílias brasileiras mais vulneráveis tiveram acesso ao mínimo de dignidade. Por outro lado, o citado programa também favorecia o capital financeiro, uma vez que movimentou a economia que estava estagnada

Ao assumir a presidência em 2002, o caminho neoliberal estava consolidado no Brasil, e nem mesmo um partido considerado de esquerda como o PT conseguiu ou quis alterá-lo. O governo Lula (2003-2010) manteve a situação econômica estabilizada, com a inflação controlada, que herdou do governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2003). Ao suprir as expectativas da maior parte da população, Lula alcançou bons níveis de aceitação do seu governo nas pesquisas de opinião [...]. (JUCHEM, 2012. p. 55)

A política econômica adotada pelo governo do PT não almejou o rompimento com os propósitos neoliberais, mas o governo foi bem-sucedido ao atenuar as desigualdades sociais surgidas no capitalismo e que estavam, até então, fortalecendo a desestatização.

Os treze anos de governos petistas, aqui denominado neodesenvolvimentismo, representaram uma das mais emblemáticas contradições do Brasil recente: por um lado, tem-se a continuidade e aprofundamento de elementos próprios da política neoliberal vigente desde a década de 1990 e, por outro, respondeu-se, até certo ponto, às necessidades imediatas das classes subalternas. (KELLER, 2019, p. 17)

Salientamos que as contribuições para uma proposta de *welfare state* nos governos do PT causou o apassivamento da participação política da classe trabalhadora. Mesmo com denúncias de corrupção em seu governo, não ruiu a

reputação do ex-presidente: “Mesmo nos momentos mais delicados, quando o próprio presidente foi alvo de duras críticas, seu governo não perdeu a legitimidade” (JUCHEM, 2012, p. 55). O neodesenvolvimentismo seguia seu fluxo, em uma linha tênue entre bem-estar social favorecendo os mais vulneráveis e a mitigação da exploração predatória do capital.

Quando se afirma que o neodesenvolvimentismo é o que caracteriza o período de Lula e Dilma no poder, não significa, necessariamente, que houve uma ruptura com o neoliberalismo antecessor. Apenas denota que não se pode tratar fenômenos distintos como se fossem a mesma coisa, ainda que partilhem da base material comum aos projetos políticos: o modo de produção capitalista e sua lógica de acumulação/ reprodução. (KELLER, 2019, p.70)

Podemos afirmar que o neoliberalismo se adapta frente a possíveis contradições políticas e econômicas. No caso brasileiro, ele logrou êxito ao conciliar a presença do Estado e do capital financeiro. Contudo, entende-se que tal modelo de gestão começou seu processo de declínio a partir de decisões governamentais que impactaram diretamente nos direitos sociais, no aumento da violência policial e, não menos importante, na ascensão do conservadorismo, que se fortaleceu através de eventos midiáticos. (KELLER, 2019). Com o aumento da instabilidade política após o *impeachment* de Dilma Rousseff, o neoliberalismo aliou-se ao neoconservadorismo<sup>38</sup>, evocando uma alternativa supostamente correta e sensata para responder aos anseios populares, acenando com um discurso fundamentalista religioso e heteronormativo, culpabilizava a pluralidade social pela situação da crise brasileira. Em vista disso, não podemos desconsiderar que nesse contexto histórico ocorria uma

[...] mudança progressiva das relações humanas, a transformação das práticas cotidianas induzidas pela nova economia, os efeitos subjetivos das novas relações sociais no espaço mercantil e das novas relações políticas no espaço da soberania. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 323)

Ao refletirmos sobre o impacto das ideias neoliberais na sociedade brasileira, Casara (2021) afirma que o neoliberalismo atua através de três potências (racionalidade, normatividade e imaginário) que são consideradas pilares da formação de uma nova ordem societária que mantém a estratégia secular de

---

<sup>38</sup> Neoconservadorismo é uma ideologia em que estimula o sujeito ao consumismo e, através deste movimento, busca “[...] formas de controle das tensões sociais e de reprodução do *modo de ser* necessário à apologia do capital [...] busca legitimação pela repressão dos trabalhadores ou pela criminalização dos movimentos sociais, da pobreza e da militarização da vida cotidiana” (BARROCO, 2015, p. 209).

exploração dos trabalhadores. No que se refere à racionalidade neoliberal, o autor citado (2021, p. 30) afirma que ela “[...] produz uma mutação de sentido, de cultura e de norma. Cada racionalidade, portanto, estabelece os novos limites do aceitável e a esfera do absurdo”.

O discurso neoliberal abordado por Dardot e Laval (2016, p. 32) afirma que a racionalidade neoliberal seria responsável pelo surgimento de um novo sujeito na sociedade, que pode ser descrito da seguinte maneira: “[...] o homem neoliberal é o homem competitivo, inteiramente imerso na competição mundial.” E que este perfil de racionalidade deve ser interiorizado como um mantra, cuja estratégia é interiorizar uma nova moralidade aceitável em termos sociais que, ao atuar como mecanismo de separação entre os sujeitos, glorifica a atuação individual para facilitar o funcionamento do sistema. Trata-se, portanto, de um processo de “[...] individualização radical que faz com que todas as formas de crise social sejam percebidas como crises individuais, todas as desigualdades sejam atribuídas a uma responsabilidade individual”. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 349). Dentro dessa ótica, a superação de problemas sociais (desemprego, fome, exploração capitalista) não é conquistada de forma coletiva, mas pela ação do sujeito. É próprio do pensamento neoliberal querer dividir a classe trabalhadora, dificultar o surgimento de movimentos reivindicatórios e a mobilização coletiva através da desarticulação política gerada pela sujeição do assalariado ao capital, ou seja, a necessidade de trabalhar para sobreviver (ESPING-ANDERSEN, 1991). Para o sistema capitalista, a individualidade fomenta a extração de mais-valia, quanto mais poder, mais “[...] submissão dos interesses da população diante da sedução do dinheiro, ao surgimento de oligarquias industriais e à primazia das oligarquias financeiras, que lucram a partir do fenômeno do capitalismo improdutivo (rentismo)” (CASARA, 2021, p. 37). Assim, o corte nas políticas públicas reforça a ideia de que o próprio indivíduo deve suprimir suas necessidades (educação, saúde) sem necessitar ou mesmo culpabilizar o Estado. Do ponto de vista neoliberal, a desmercantilização dos direitos sociais não interessa aos detentores do poder, pois ela “fortalece o trabalhador e enfraquece a autoridade absoluta do empregador” (ESPING-ANDERSEN 1991, p. 102).

As famílias produzem e reproduzem transformações culturais, políticas e econômicas ocorridas num determinado recorte temporal. Para Horst e Miotto (2021, p. 36):

A família se tornou uma instituição essencial para a reprodução do sistema sociometabólico do capital, de tal modo que vem assumindo lugar central em momentos nos quais grupos dominantes precisam enfrentar as crises e construir ideologicamente os fundamentos que explicam as mesmas, bem como as saídas da crise.

O discurso conservador é crítico com relação aos novos arranjos familiares (p. ex., casais homossexuais adotando crianças), uma vez que a família tradicional é vista como a solução para a superação da crise social e econômica. É secular a narrativa religiosa de padronizar as famílias como forma de controle e organização da sociedade, baseada em moralidades e proteção à propriedade privada<sup>39</sup> (HORST; MIOTO, 2021). O Estado surge como mediador no conflito de classes, porém não se culpabiliza como a principal esfera responsável pelas mazelas das desigualdades – o que sobrecarrega as famílias: “A política pública considera – na verdade insiste – em que as unidades familiares devem assumir a principal responsabilidade pelo bem-estar de seus membros” (ESPING-ANDERSEN, 1999, p. 05). Esta afirmação nos remete ao familismo, que é a centralidade das políticas públicas na família, e que para Alves; Miotto (2015, p.209), “[...] vem ganhando força no contexto do debate da política social, particularmente, a partir dos anos de 1990, e caracteriza-se pela máxima designação de obrigações à unidade familiar”. A tendência familista corrobora para sustentação da família patriarcal, pois cria

[...] conflitos de gêneros. À medida que o familismo recai sobre as mulheres, a responsabilidade de cuidar dos membros familiares dependentes torna incompatível a inserção profissional e a vida familiar para as mulheres; reduz a fecundidade, o tamanho das famílias, favorece as rupturas geradas pelos conflitos de não poder atender às expectativas e aos papéis atribuídos aos gêneros. (TEIXEIRA; CRONENBERGER 2012, p. 219)

Além disso, estão as políticas públicas promovidas pelo Estado que não almejam a emancipação dos sujeitos, uma vez que reproduzem o conceito conservador de cuidado voltado ao sexo feminino. Para atingir a autonomia dos sujeitos, a desmercantilização dos direitos é inegociável, e o Estado deve atuar como principal provedor do bem-estar social: “A desmercadorização ocorre quando a prestação de um serviço é vista como uma questão de direito ou quando uma pessoa pode manter-se sem depender do mercado”. (ESPING-ANDERSEN, 1991, p. 102). Mas é o contrário que ocorre na prática. As Políticas para Crianças e

---

<sup>39</sup> Nos tempos das famílias aristocráticas, o casamento possuía extrema importância, pois as famílias uniam-se em prol da linhagem e do futuro dos bens (POSTER, 1979).

Adolescentes, Política Nacional do Idoso, Política de Saúde e Política de Assistência Social legitimam a família como a principal provedora de direitos e deveres. Na concepção dos programas de transferência de renda, verifica-se que o valor recebido pelas famílias “supre” o mínimo das necessidades básicas, mas não as possibilita uma oportunidade de mudança real das condições sociais. Para Esping-Andersen (1991, p. 102) “A assistência aos pobres pode oferecer uma rede de segurança de última instância. Mas quando os benefícios são poucos e associados a estigma social, o sistema de ajuda força todos, a não ser os mais desesperados, a participarem do mercado”.

O tipo de pensamento expressado acima corrobora com a racionalidade neoliberal de que todos devem servir ao mercado. Já os indivíduos que não conseguem se enquadrar são considerados “[...] indesejáveis, aqueles que não interessam à sociedade de mercado” (CASARA, 2021, p. 81). É lamentável perceber que nessa “categoria” de seres humanos considerados “indesejáveis” estão as famílias que não se enquadram na concepção de heteronormatividade. Neste sentido, o Estado torna-se uma espécie de “polícia das famílias”, pois observa e vigia “[...] condutas populares, de base de lançamento de táticas próprias para contrariar seus efeitos socialmente negativos e reorganizar a família popular em função de imperativos econômico-sociais”. (DONZELOT, 1986, p. 30). Evocação da família como partícipe desta ordem social é uma mistificação aos sujeitos, pois lhe é repassado uma responsabilidade pela condição de vida de seus membros, pelos cuidados e proteção, solucionando problemas que transcendem a instituição familiar (HORST; MIOTO, 2021).

A família tradicional nuclear, que o neoconservadorismo exalta como solução para os problemas sociais, é formada por casais monogâmicos heterossexuais com filhos, e podemos pensar nela de forma que “A primeira divisão do trabalho é a que se faz entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos” (ENGELS, 2021, p. 79). Seguindo esse raciocínio, Engels (2021, p. 79) argumenta que com advento da propriedade privada e da família monogâmica, a mulher passou a ser designada por suas condições biológicas e ao cumprir “[...] os seus deveres no serviço privado da família, fica excluída do trabalho social e nada pode ganhar; e se quer tomar parte na indústria social e ganhar sua vida de maneira independente”. Na lógica capitalista, quem lucra com essa situação? O próprio sistema, pois quem cuidaria da casa e dos filhos se o trabalho doméstico não fosse executado pela mulher? “[...]”

o capital movimenta, por fios invisíveis, um outro exército: o dos trabalhadores domiciliares, espalhados pelas grandes cidades e pelo campo” (MARX, 2013, p. 650).

O trabalho doméstico não remunerado é rentável aos olhos dos detentores do poder, pois assim o foco principal do trabalhador masculino ocorre fora de casa. As mulheres deveriam apoiar seus maridos, sendo parte do processo de produção, gerando filhos, e esses filhos deveriam servir ao capital em forma de mão-de-obra (FEDERICI, 2017). O trabalho doméstico era visto como uma atividade do lar, e não como um trabalho despendido “[...] e até mesmo quando feito fora de casa era pago a um valor menor do que o trabalho masculino – nunca o suficiente para que as mulheres pudessem sobreviver” (FEDERICI, 2017, p. 184). Assim, o casamento era uma solução, uma salvação para a mulher devido a impossibilidade de sua subsistência “tudo que ela tem a fazer é compreender a importância de sua missão de mãe, aceitar seu campo profissional: as tarefas domésticas, encarnando a esposa-dona-de-casa-mãe-de-família” (RAGO, 1997, p. 75). O neoliberalismo aliado ao neoconservadorismo proclama por esta família ideal a fim de saciar seus desejos de exploração do capital e um controle sobre a sociedade.

Com as transformações que a sociedade obteve, as famílias do séc. XXI são compostas de diversas formas e, conseqüentemente, recebem variadas nomenclaturas. Os autores Carnut e Faquim (2014) afirmam que, além da família nuclear, existem as **famílias extensas**, que são as composições que podem incluir até quatro gerações, que podem residir na mesma residência ou não, conhecidas como parentes de primeiro grau. Existem também as **famílias adotivas**, pessoas que adotam um novo integrante ao seu lar, composição que pode ser nuclear, homoafetiva (Lei 12.010, de 3 de agosto de 2009) e monoparental. Estas composições de famílias também podem ser birraciais e multirraciais. Existem ainda famílias sem filhos, compostas somente pelos **casais** e que vem crescendo com o passar dos anos. Elas são compostas por casais que não desejam ter filhos por diversos motivos, como o desejo de não ser mãe, pai entre outros. Há também arranjos de **Famílias monoparentais** compostas pela presença da mãe ou do pai. Com o advento do divórcio, esta tipologia é uma das realidades de milhares de pessoas, no entanto, é mais comum encontrar a mãe como chefe da família.

A existência e reconhecimento das **Famílias Homoafetiva**<sup>40</sup> compostas por casais do mesmo sexo, cabendo nessa descrição somente o casal ou casais com filhos adotivos, casais com filho do relacionamento anterior e até quando um dos membros gera um filho, por meio de uma **barriga solidária**<sup>41</sup> ou por meios médicos através de inseminações e fertilizações. Cabe ainda citar as **Famílias reconstituídas**, que são casais que já tiveram uma relação, se separam, retomaram a relação e reconstituíram então um novo núcleo familiar, sendo o casal e os filhos do casamento anterior, ou somente o casal. Com os divórcios, as pessoas passaram constituir novas nomenclaturas familiares, buscando através disso a felicidade e o pertencimento do seu próprio conceito de família. No que se refere às famílias *offshore* desta pesquisa, elas são famílias nucleares, reconstituídas e de casais com ou sem filhos. No capítulo seguinte abordamos a sua organização familiar, papéis familiares e a rede de apoio.

---

<sup>40</sup> O Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu em 5 de maio de 2011 a união estável de casais homossexuais. Barroso (2011, p. 135) assinala “De fato, os elementos essenciais da união estável, identificados pelo próprio Código Civil – convivência pacífica e duradoura com o intuito de constituir família – estão presentes tanto nas uniões heterossexuais, quanto nas uniões homoafetivas. Os elementos nucleares do conceito de entidade familiar – afetividade, comunhão de vida e assistência mútua, emocional e prática – são igualmente encontrados nas duas situações. Diante disso, nada mais natural do que o regime jurídico de uma ser estendido à outra”.

<sup>41</sup> No Brasil não há uma lei sobre a barriga solidária, mas resoluções do Conselho Federal de Medicina afirmam serem permitidas apenas mulheres parentes em primeiro grau.

#### 4 “VOCÊ FEZ UMA ESCOLHA E EU ABRACEI ESSA SUA ESCOLHA, ENTÃO ESTOU AQUI PARA LHE APOIAR”: a família e a segurança do trabalhador offshore

O trabalho em uma empresa *offshore* tem suas características e singularidades que o diferenciam dos demais trabalhos em terra. Entre estas características está o período dedicado ao trabalho e a distância que o trabalhador fica de sua família, tanto em questão de quantidade de dias ou semanas, quanto geograficamente. Estas famílias têm uma organização diferenciada, pois não possuem um cotidiano em que o trabalhador sai de sua residência para a labuta e, após a sua jornada, retorna ao lar. Esses trabalhadores voltam depois de dias, e esta família precisará lidar com a ausência de um de seus membros e seguir com a sua rotina, assim como, renovar a rotina com o retorno deste ao núcleo familiar. É um ciclo que se repete de quinze e quinze dias, assim renovando a rotina.

##### 4.1 Os trabalhadores *offshore* pelo olhar da família

Este título faz referência especialmente às famílias participantes da pesquisa inicialmente indicadas na técnica bola de neve. Os trabalhadores poderiam indicar quem eles quisessem da sua rede de apoio, e foram as esposas, suas companheiras, as escolhidas. No quadro abaixo, algumas características das participantes e como é o seu núcleo familiar.

**Quadro 1** — Caracterização das participantes (*Continua...*)

CÓDIGO	IDADE	TEMPO DE RELACIONAMENTO	FILHOS/ ENTEADOS	FORMAÇÃO PROFISSIONAL	VÍNCULO EMPREGATÍCIO
FB01 <sup>42</sup>	31 anos	7 anos de casamento, 16 de relacionamento)	Sem filhos	Superior completo	Trabalho informal
FB02	48 anos	22 anos	2 filhos (18 e 14 anos)	Superior completo	Sem vínculo
FB03	43 anos	5 anos	4 filhos (4, 10, 25 e 27 anos); 2 enteados (17 e 24 anos)	Superior completo	Trabalho formal

<sup>42</sup> A codificação ficou desta maneira: F representa o sujeito entrevistado (família ou rede de apoio); as letras A, B ou C representam a empresa a qual o trabalhador está vinculado e os números de 1 a 5 são referente às participantes.

(Continuação)

FA04	32 anos	7 anos	1 filho (6 anos); e enteados (9 e 18 anos)	Curso técnico e superior em andamento	Sem vínculo
FC05	46 anos	13 anos de casamento, 22 de relacionamento	1 filho (4 anos)	Curso técnico e superior completo	Trabalho formal

Fonte: Elaborado pela autora (2022) com base nas informações coletadas nas entrevistas

O quadro acima apresenta uma família de casais sem filhos (até o momento da entrevista); 2 (duas) famílias nucleares e 2 (duas) famílias reconstituídas. Quanto ao nível de educação, as mulheres desta pesquisa têm, em sua maioria, ensino superior. Quanto à vida profissional, as participantes que não exercem trabalho formal, são trabalhadoras do lar. Das mulheres que trabalham fora de casa, uma trabalha em dois empregos e a outra trabalhava também em dois e empregos, mas ficou incompatível manter esta dinâmica após o nascimento do filho. A participante **FB01**, que não tem filho, escolheu trabalhar na empresa de um familiar, conciliando principalmente a convivência com o marido quando ele está em terra:

*Porque se ele já fica embarcado todo esse tempo, e se quando ele desembarca eu também tiver trabalhando no escritório em horário fechado, acaba que nossa vida iria ser um inferno. Então por isso **a gente optou por eu ter essa liberdade também de não ter um horário fixo. (FB01).***

A liberdade mencionada se refere ao trabalho dela ser compatível ao estilo de vida *offshore*. Ao mencionar a “vida iria ser um inferno”, é no sentido de o marido não ser capaz de acompanhar a sua vida, dos dois não conviverem, de ela não estar presente quando o marido retorna do embarque. O momento do desembarque é muito esperado pela família, como menciona a participante **“Quando ele volta é praticamente festa né? A gente sente muita falta dele, nesse período que ele está embarcado” (FB03)**. “Ausência” é palavra muito repetida nas entrevistas, e a do trabalhador *offshore* é uma ausência presente, pois os membros da família sabem que ele naquele período o trabalhador não está, mas ainda na ausência ele tem o seu lugar. Tanto que, como mencionado, os membros da família comemoram o retorno do trabalhador ao lar aliviados, tanto pelo fim dos dias afastados quanto pelo retorno de um local de alta periculosidade. Esses quinze dias de ausência, quando incorporados ao cotidiano destas famílias, têm seu tempo redimensionado.

O cotidiano é uma categoria importante na vivência das famílias *offshore*. A cotidianidade é complexa, envolvendo uma troca entre o eu da pessoa e a coletividade da sociedade. Heller (2021, p. 35) afirma que “A VIDA COTIDIANA é a vida de *todo* homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico” (grifos do autor). Heller menciona que o cotidiano é heterógeno, isto é, mescla vários aspectos da vida cotidiana como, por exemplo, trabalho, família, descanso, prazeres (HELLER, 2021). E o eu da vida cotidiana está inserido na rotina que se apresenta fragmentada e superficial. Não há tempo de reflexão dentro da cotidianidade, portanto, a espontaneidade – uma característica importante – caracteriza “tanto as motivações particulares (e as formas particulares de atividade) quanto as atividades humano-genéricas<sup>43</sup> que nela têm lugar” (HELLER, 2021, p. 52). Os sujeitos são individuais e coletivos e já nascem dentro de uma cotidianidade, tendo como seus primeiros aprendizados na família, escola e comunidade (HELLER, 2021). A família é a rede de apoio dos sujeitos e é nela que o pertencimento social é construído como primeira instância de vida “Quando buscamos o suprimento de nossas necessidades individuais, a rede sempre nos acolhe com o significado de sujeito coletivo” (KERN, 2012, p. 47). Assim, a família exprime para aquele sujeito os valores morais e éticos, que serão confrontados com os valores na coletividade da sociedade. É da condição humana construir uma rede de apoio e pertencimento, assim como a família (de nascimento) contribuiu para o desenvolvimento do sujeito, ele passa a construir a sua própria família como rede de apoio. E toda esta dinâmica faz parte do cotidiano em que todo o ser poderá fazer escolhas que atendam às suas necessidades, dentro de um determinado modo de produção, de uma determinada forma de sociabilidade buscando respostas para os problemas que surgem de forma pragmática. Na família *offshore* a cotidianidade é a mesma expressa em outros estilos de vida, as mesmas repetições, com nuances e desafios a serem encarados como a distância, que para as famílias é que a principal fonte estressora antes do embarque, porque mudanças comportamentais ocorrem e são percebidas, como menciona a seguinte participante:

---

<sup>43</sup> A autora se refere ao humano-genérico, pois “[...] é um produto e expressão de suas relações sociais, herdeiro e preservador do desenvolvimento humano; mas um representante humano-genérico não é jamais um homem sozinho, mas sempre a integração (tribo, demos, estamento, classe, nação, humanidade)” (HELLER, 2021, p. 40).

**“Eu sinto. É assim a minha relação com ele, é muito interessante, é de sentir mesmo. Parece que eu consigo ouvir. Aí eu falo “você não está bem, né?” Aí ele está mais quieto, mais calado ou fica mais irritadiço em algumas coisas. (FB02)**

Os sentimentos que precedem o embarque são desencadeados tanto pela distância da família como pelas preocupações referentes ao trabalho: **“Acho que se ele pudesse, ele botava a gente no potinho e levava junto” (FA04).** **“Não, porque ele vai ficar afastado da família mesmo. Ele fala assim “estava tão bom, né?”” (FB02).** A família é o local de pertencimento, é o núcleo em que estão os seus amores, seus medos, sonhos e anseios “O homem sente a necessidade de se relacionar socialmente [...] A sociedade do afeto é construída pelo homem, seja através de suas ações, de suas atitudes, de seus gestos, seja através de suas concepções, de seus valores e princípios” (KERN, 2012, p. 46). A família tem um papel fundamental na vida dos trabalhadores *offshore*, e as participantes têm em comum o apoio ao estilo de trabalho e vida que o trabalho *offshore* oferece, o que é evidente em trechos como **“particularmente, preferia que ele não embarcasse, mas para ele eu sei que é o melhor, sei que ele prefere assim. Então desde que ele entrou na empresa, eu sabia que isso era uma vontade dele, trabalhar assim” (FB01).** Mesmo considerando que o trabalho *offshore* não é ideal para seu companheiro, respeitar a decisão dele, sabendo que esta escolha fará bem, é o aporte que estes trabalhadores necessitam quando encaram o cotidiano *offshore*, mesmo com algumas participantes renunciando suas carreiras profissionais para a dinâmica familiar ficar consoante.

Também partilham das dificuldades que este trabalho exerce sobre as famílias, principalmente as mulheres, que no caso desta pesquisa, são as que organizam o cotidiano da família na ausência do trabalhador

**Às vezes a gente também se sente sobrecarregada né? Porque ficamos sozinhas em casa. A gente ainda não tem filhos nem nada. Mas também nos sentimos sobrecarregadas, um pouco pela situação assim, né? Justamente, e se acontecer alguma coisa? Se acontecer alguma coisa como é que vou lidar? Como é que eu vou lidar? Essa é uma preocupação que a gente sempre tem (FB01)**

São incertezas de quem passa muito tempo afastada do companheiro, sozinha nas decisões e com poucas informações. As angústias refletem a vivência destas famílias em seu cotidiano, pois este trabalho tem as suas imprevisibilidades. A responsabilidade da casa, dos filhos e alguns casos, de demais integrantes da

família, como mãe, pai, sogra, sogro, irmãos ficam com as esposas, o que é um desafio que estas famílias encaram dentro desta dinâmica do trabalho *offshore* na ausência de um de seus membros “*Eu sou **multiuso**, digamos assim. Eu sou **mãe**, eu sou **filha**, sou **esposa**, sou **estudante**” (FB02). Na ausência deste integrante, o outro assume temporariamente este espaço com as responsabilidades acrescidas “A função “papel social” não nasce casualmente, nem do nada, mas resulta de numerosos fatores da vida cotidiana dados já antes da existência dessa função e que continuarão a existir quando ela já estiver se esgotado” (HELLER, 2021, p. 125). Todos fazem parte de um papel social dentro da família, e isso é histórico e foi dissertado na primeira parte deste capítulo. Quando um membro não exerce este “papel”, o outro membro assume temporariamente as habilidades e responsabilidades, como coloca Heller: “Quando os papéis são múltiplos e intensamente mutáveis, a situação exige do homem uma rica e mutável explicitação de suas habilidades técnicas, de sua capacidade de manipulação” (HELLER, 2021, p. 134). Assumir um papel de integrante ausente temporariamente é desafiador, necessitando contar com uma rede de apoio extensa, pois algumas situações podem ser resolvidas individualmente, enquanto “outras são enfrentadas e assumidas com os familiares, os parentes, os amigos, os vizinhos, ou seja, com os membros da rede primária ou pelo acesso autônomo a serviços externos” (SANICOLA, 2015, p. 117). Nessa pesquisa, 4 (quatro) participantes afirmaram contar com a rede de apoio extensa, principalmente as mulheres com filhos, que contam com apoio da mãe, da sogra e dos filhos mais velhos.*

A rede de apoio social é considerada primordial entre as participantes, principalmente as que têm filhos, que assim podem ser colaboradoras *offshore* porque, para que o trabalhador exerça seu labor, a esposa auxilia na dinâmica familiar, nos problemas a serem resolvidos, nas decisões a serem tomadas no período em que trabalhador está embarcado, assim, colaborando com o funcionamento deste trabalho. Ao abraçarem a escolha do marido em trabalhar em um regime que necessita de afastamento, esta família necessita de pessoas que possam apoiar e contribuir para o funcionamento do sistema familiar. Uma substituição temporária do papel que é exercido pelo trabalhador que acaba por delegar “[...] para outro familiar a reponsabilidade e a possibilidade de intervir e resolver as demandas e necessidades que se apresentam no cotidiano da família” (BELLINI *et al.*, 2023, p. 8). Há estudos que afirmam a possibilidade de uma

disrupção familiar, pois não conseguem se adaptar ao regime de embarque/desembarque ou o desgaste desta rotina singular (PARKS *et al.*, 2005; LEITE, 2006). As famílias, por vezes se constituem antes do trabalhador vincular-se a indústria de óleo e gás. Na pesquisa, 3 (três) famílias se constituíram antes da experiência do trabalho *offshore*. Duas destas famílias se constituíram quando o trabalhador já exercia a sua atividade em alto mar. Não observamos se uma família constituída antes do trabalho *offshore* tenha passado por maior facilidade ou se as novas famílias também se adaptaram melhor à dinâmica embarque/desembarque. Os desafios de resolver as dificuldades que emergem no cotidiano familiar enquanto o marido está em alto mar são diversos, mas as participantes relatam o maior desafio para si: o adoecimento de um filho

*Essa é a maior dificuldade. Por exemplo, num momento de doença do – Nome filho – eu tenho que resolver sozinha, eu tenho que levar ao médico já aconteceu de eu ter que ir para uma emergência com ele sozinha. Então isso é uma coisa um pouco mais difícil né? Porque você sempre quer um apoio ali. Mas eu entendo que eu tenho que resolver. (FC05)*

Enfrentar alguma enfermidade é um momento muito delicado, principalmente quando se trata de um membro mais vulnerável da família, como crianças e idosos, que necessitam de ajuda para serem atendidos. Há sempre o medo de a enfermidade ou doença ser grave, o que fazer em uma situação assim? As dúvidas que circundam o pensamento de quem aguarda um diagnóstico são intensas até que ele chegue. E então, com quem se pode dividir esta responsabilidade do cuidado? Novamente a rede de apoio social é o alicerce para estas famílias, que é a base do sujeito trabalhador *offshore*.

Para estas esposas, além do apoio ao trabalho do seu marido e das responsabilidades assumidas, há no horizonte a preocupação com a segurança do trabalhador na plataforma. Elas tomam para si a responsabilidade de garantir a segurança do trabalhador na plataforma mantendo os problemas de casa longe e se sobrecarregando com as demandas da família para poupar o outro

*O que é mais importante para mim é tentar não levar o problema que está em casa para o marido que está lá, para alguém que está lá. [...] O importante, a gente precisa do trabalho dele, ele precisa estar bem no trabalho dele. [...] tem coisa que acontece aqui que eu não falo para ele. Já estivemos apertados, sem dinheiro para pagar alguma conta, e eu dou o meu jeito aqui. Depois eu falo com ele "peguei empréstimo" (risos). Mas eu não falo na hora porque senão a pessoa fica pensando. E ele trabalha numa coisa perigosa, pode acontecer um acidente, e se*

***acontecer? Não só pode ser fatal, no caso dele que iça carga, pode custar o emprego dele por uma cabeça quente minha. Pode custar a vida ou o emprego dele. Então eu acho que é isso. A gente pode fazer com que as pessoas que a gente ama se sintam um pouco melhores no trabalho, consigam manter a cabeça ali no trabalho. (FA04)***

Ao assumir toda a carga, a esposa parece retirar da empresa a responsabilidade pela proteção do trabalhador. A atenção que o trabalhador deve ter durante seu trabalho é primordial para segurança dele, uma vez que “Os acidentes neste setor costumam ser graves e/ou fatais. A literatura internacional demonstra que esta indústria apresenta altas taxas de letalidade, bastante superiores a outras indústrias [...]” (GUIDA *et al.*, 2020, p.2), e a família também entende que este trabalho requer foco e atenção plena para que o trabalhador siga com os métodos e procedimentos, pois na dimensão individual da vulnerabilidade, o modo de vida do trabalhador pode contribuir para uma exposição de risco ou para protegê-lo (Ayres *et al.*, 2009). Estas mulheres, ao abraçarem a escolha do marido como a melhor para prover à família, também lidam com as suas escolhas individuais e profissionais. Após o embarque do trabalhador, uma participante relata a ausência do marido como oportunidade para focar seus objetivos profissionais, ainda que não seja na profissão em que se graduou

***Normalmente eu levo ele para o aeroporto e tudo mais, deixo ele lá. Enquanto ele está embarcado eu aproveito para trabalhar em coisas minhas. Eu ajudo a minha irmã aqui na clínica dela, trabalho na clínica dela. Então foco nessas duas semanas que ele fica embarcado, é os 14 dias, eu foco bastante lá na clínica ajudando ela e fazendo coisas para mim. (FB01)***

Em sua pesquisa Parkes *et al.* (2005) menciona as estratégias das esposas, sem filhos, para lidar com ausência do companheiro. Uma delas é a busca pelo trabalho remunerado, no entanto, por vezes não é pelo crescimento financeiro na renda da família ou por dedicação profissional, mas como uma forma de preenchimento para os dias em que o marido está embarcado. O que é relatado a seguir “Durante a semana é mais tranquilo, né? **Porque eu já tenho uma rotina, tenho as coisas para fazer da casa, da clínica e tudo mais. Então durante a semana, durante o dia não dá muito tempo de ficar pensando nisso, se preocupando com isso**” (FB01). No entanto, a entrevistada relata que o final do dia e nos finais de semana são os momentos mais críticos por causa da ausência do marido

***À noite, quando dá o horário que teoricamente ele chegaria em casa, ele não chega em casa né? Porque ele está embarcado, o que faz eu me***

***sentir mais sozinha. Seria de noite e no final de semana os períodos mais críticos para mim. (FB01)***

Os períodos citados são os momentos em que geralmente a família se reúne após o período de afastamento, para compartilhar as experiências vividas do dia. E quando não ocorre este momento, mesmo que seja conhecida a realidade e compreendidas as condicionantes do trabalho *offshore*, “[...] a mulher se vê sozinha no gerenciamento de tudo, além de muitas vezes trabalharem fora do lar. [...] No caso das esposas dos petroleiros ainda têm a ausência temporária do marido, o que as impedem de dividir tarefas por um período” (BARTOLOTTI, 2002, p. 69). No entanto, as participantes desta pesquisa afirmam que o distanciamento/ausência também é compartilhado pelo trabalhador

***A dificuldade é sempre esta questão de estar longe, de não estar presente, e assim, tem alguns momentos que são importantes, várias datas que são importantes que a pessoa não está presente, [...] É um pouco sofrido, vamos dizer assim, ai gente não é tão fácil, né? Acho que mais difícil inclusive é para ele do que para a gente. Para mim, por exemplo, que estou aqui, eu estou no meu convívio, no meu núcleo familiar, então acho que até é mais difícil para ele do que para gente aqui. (FC05)***

A família que fica em terra sente a falta do familiar, sente ausência em momentos de confraternização, mas compreende que, para o trabalhador que está submetido a este sistema de trabalho, em um local inóspito com seus pensamentos, ideias e projeções sobre a vida, passar por esses momentos é mais difícil porque este trabalhador sabe que esta data não voltará. Podem acontecer outros eventos, mas aquele momento único não volta. A compreensão, por parte dos familiares, de que esta separação é temporária e que o trabalho exercido é essencial para o sustento da família, tem um papel importante na vida do trabalhador, atenuando a aflição no momento do isolamento (BARTOLOTTI, 2002), e fica evidente em relatos de conversas como ***“Não te estressa aí no trabalho porque quem te ama está aqui fora, tá? Você vai aí para trabalhar, quem te ama está aqui fora” (FA04).***

Esse apoio exercido por parte da família é uma proteção e cuidado em relação àquele trabalhador, porque o cuidado é “[...] o tipo de relação social que se dá tendo como objeto outra pessoa” (HIRATA, 2010, p.48). O cuidado é a intenção de proteção, como alimentar os filhos, ter ações que os mantenham com saúde e que garantam que se desenvolvam de forma saudável. No caso das famílias *offshore*, o cuidado transcende o espaço doméstico, pois as ações são pensadas

na proteção do trabalhador. Tendo o conhecimento da periculosidade a qual o trabalhador está exposto, a família, as esposas nesta pesquisa, traçam estratégias que estimulam este trabalhador a seguir com a sua rotina laboral confiando que a família ficará bem sem a presença dele, como na fala da participante

***Eu dou o suporte quando ele está fora de casa, então eu sou aquele porto seguro que ele vai, mas sabe que vai seguro. Ele vai sair de casa sabendo que não vai ter nada que venha a transcorrer né? Que venham a fazer algo que o preocupe. Ele vai sabendo que vai seguro, que vai voltar quando do mesmo jeito. (FB02)***

A família compõe as forças ou fraquezas que impactam a vida do sujeito, significando que ela também afetará no aumento ou na diminuição nos fatores de risco. (JULIANO; YUNES, 2014). O trabalhador, sentindo a segurança de que sua família estará bem, que enfrentará os desafios que se apresentarem, seguirá mais confiante em se dedicar ao seu trabalho para, quando desembarcar, voltar para a mesma família, preservada e cuidada. Faz parte da proteção do trabalhador em sua atividade *offshore* o cuidado que a família assume por ele e pelo coletivo.

#### 4.2 O ciclo de chegadas e partidas e a segurança do trabalhador

As famílias participantes da pesquisa vivenciam um ciclo de despedidas com retorno marcado para cada duas ou três semanas, ou seja, “o estilo de vida *offshore* exige que as famílias lidem com as ausências regulares (geralmente do marido), e as demandas emocionais de despedidas repetidas e reencontros”<sup>44</sup> (PARKES *et al.*, 2005, p. 414, tradução nossa).

O núcleo familiar dos trabalhadores *offshore* possui características na sua organização que refletem na rotina doméstica, nas relações entre os membros da família, no exercício de papéis e particularidades que as diferenciam das demais famílias, aquelas em que o trabalhador retorna para a sua residência ao final de um expediente de trabalho, pois “[...] o trabalho *offshore* se realiza em um sistema sociotécnico complexo com particularidades em que estão presentes risco, medo, insegurança, formas específicas de controle do tempo e do espaço com lacunas nas possibilidades de participação coletiva” (BELLINI *et al.*, 2023, p. 4). Pescadores, trabalhadores da marinha mercante, trabalhadores de plataformas de petróleo e/ou

---

<sup>44</sup> Tradução da autora. Original, em inglês: *The offshore lifestyle requires families to cope with regular absences (usually of the husband), and the emotional demands of repeated partings and reunions.*

de energia eólica desenvolvem seu labor por dias em alto mar, longe da convivência social e familiar, ou seja, um estilo de vida que impõe às famílias momentos sem a presença do trabalhador na convivência familiar “[...] com limitadas possibilidades de participação nos eventos e rituais familiares, com possíveis repercussões na qualidade das relações afetivas, sociais, laborais e, portanto, na segurança operacional [...]” (BELLINI *et al.*, 2023, p. 4).

O medo de um acidente ou a impossibilidade de encontrar seus entes remete a um sentimento de perda, de estar em saída para uma missão, o que torna possível fazer analogia a uma saída para a guerra, pois o trabalhador sai de seu espaço de pertencimento para uma situação em que fica exposto a diversos riscos. A família percebe e sente estas tensões e medos e, buscando uma forma de amenizar este sentimento, recorre a estratégias de cuidado, como é exemplificado por uma entrevistada quando diz que “*quando ele vai viajar até o café da manhã a gente faz questão de ficar junto para dar este apoio, já que no dia seguinte a gente sabe que ele está mais fragilizado*” (FB02). Essa tensão identificada pela família nem sempre é verbalizado pelo trabalhador porque “o trabalhador offshore opta por poupar sua família, seus amigos e sua rede de relações sociais dos conflitos que assolam os “iguais”” (LEITE, 2009, p. 75).

Acrescenta-se a esses sentimentos, a vivência do pré-embarque do trabalhador, momento em que, segundo familiares, é quando os sentimentos de tristeza pela separação e ausência se manifestam. Ainda que com data marcada para o reencontro, a preocupação com a segurança do trabalhador, seja pelo transporte até a plataforma, seja pelo trabalho de risco, se acentua tanto por parte da família quanto pela do trabalhador. Essas vivências já foram discutidas na literatura como resultados de outras pesquisas e estudos (LEWIS *et al.*, 1988; MORRICE *et al.*, 1985; PARKES *et al.*, 2005; TAYLOR *et al.*, 1985), com ênfase no ciclo embarque/desembarque e as repercussões na família pois “além de desorganizar a vida social, cultural, educacional, esportiva e o lazer, também interfere de modo incisivo no relacionamento conjugal” (LEITE, 2009, p. 2188).

Essas ansiedades podem ser desencadeadas pelo afastamento do núcleo familiar, aliado às preocupações referentes ao trabalho *offshore* “O estado de ansiedade que assola os dias de pré-embarque invade não somente a vida do trabalhador, alterando seus comportamentos e rotinas, mas afeta também suas relações sociais e afetivas” (LEITE, 2006, p. 102). O desconhecido diante do qual o

trabalhador é colocado no período que está longe de casa e o sentimento de abandono, de que o tempo com os familiares não foi o suficiente, reflete em suas ações, reações e anseios

***O humor dele muda, é, a rotina dele assim, parece que o mundo está se acabando, sabe? Parece que ele faz uma retrospectiva da folga dele, como se dissesse "nossa, a gente não fez nada. Eu queria ter passeado com vocês, eu queria ter aproveitado mais o tempo com vocês,". Mas às vezes eu brinco "meu amor, você não está indo pra guerra não, daqui a pouco você está de volta. (FA04)***

A repercussão da tensão pré-embarque ressoa na forma como os familiares se organizam, dando suporte neste momento, que para ambos é uma fonte de preocupação, e "vão compartilhando de forma intermitente essas vivências subjetivas" (LEITE, 2006, p. 104). *"Então é isso, organização no sentindo de preparação a gente não tem, acho que por conta desse estresse dele. Se a gente se programar muito, eu acho que aumenta essa ansiedade nele, sabe?" (FA04).* Esse cuidado que a esposa tem é voltado para o núcleo familiar, mas principalmente para o trabalhador, seja pela separação ou pelo receio de que, se ele não estiver tranquilo, isso poderá afetar a qualidade das atividades no período embarcado e a segurança no trabalho. Algumas famílias *offshore* utilizam estratégias de acolhimento e conforto no pré-embarque do trabalhador, por exemplo, no preparo de comidas preferidas

*Quando ele está em casa principalmente, no último dia dele tem uma comida especial, a gente sempre faz uma coisa diferente. Mas como eu gosto de fazer sempre que ele está em casa, não existe um dia especial, sempre é um especial, qualquer dia é um dia. (FB02)*

Essa percepção de "qualquer dia é um dia especial" reflete a dinâmica familiar em torno do trabalho *offshore*.

Neste regime de trabalho a família tem um papel importante visto que quando existe um apoio e maior por parte dos familiares, o sofrimento atenua um pouco pelo entendimento da separação temporária devido a necessidade do emprego para o sustento familiar. (BARTOLOTTI, 2002, p. 68)

A família reconhece que, para o trabalhador, a saída de seu espaço social para o seu local de labor é mais difícil.

*A gente fica e ele é quem vai, né? Então a mudança é dele. A minha rotina não muda, a dele muda, então a gente precisa fazer ele sentir*

**esse apoio. É aquela história, ele vai, mas vamos estar aqui de novo quando ele voltar, estaremos do mesmo jeito esperando por ele. (FB02)**

Essa preocupação em demonstrar apoio é instigada pelo distanciamento que ocorrerá nos dias seguintes e para afirmar que a família estará bem, e assim, o trabalhador ficará tranquilo para se ocupar apenas com o trabalho enquanto estiver embarcado. Essa estratégia de proteção da família com o trabalhador reverbera na segurança operacional, pois “a segurança de cada trabalhador depende de um compromisso com segurança e cumprimento dos regulamentos de segurança por todos a bordo” <sup>45</sup> (PARKES *et al.*, 2005, p. 431, tradução nossa). Assim a família compreende que está auxiliando no processo de segurança do trabalhador no período em que a está a bordo

**A gente não tem, não é aquela coisa fechadinha, que é padronizada porque quando você tem alguma coisa muito padronizada assim, você foge do controle e tudo desanda. Então se você tem essa flexibilidade de saber lidar com as mudanças, você viaja sabendo que dentro desta perspectiva as coisas vão se resolver. (FB02)**

Em algumas famílias, na proximidade do embarque, há preocupação com os cuidados dos filhos, com a organização da casa, com os demais parentes, pai, mãe, sogro, sogra e com a escala do trabalho, portanto o período que precede o embarque serve para deixar tudo preparado para que ambas as partes (trabalhador e família) se sintam mais confiantes em relação aos dias que virão.

Para as participantes que têm filhos pequenos e exercem uma atividade laboral remunerada, a preocupação é constante com os cuidados dos filhos no momento pré-embarque, bem como em relação a quem dará suporte na ausência do familiar.

**“É o preparo em si, principalmente a estrutura de apoio durante o período em que ele está afastado, porque eu trabalho o dia praticamente inteiro, né? [...] E quando ele vai viajar eu preciso estruturar quem vai ficar comigo. A gente mora em uma área, assim, bem grande. Eu fico meio receosa de ficar sozinha com o - Nome Filho -. Então é questão de estrutura, de quem vai me dar este suporte” (FB03)**

Também há preocupação em conciliar a vida profissional com o trabalho do cônjuge e em contar com a rede de apoio social para auxiliar nesta questão, pois as mulheres acabam moldando seu trabalho ao estilo *offshore* “O padrão

---

<sup>45</sup> Tradução da autora. Original, em inglês: *the safety of each worker depends on a commitment to safety, and adherence to safety regulations, by everyone on board.*

intermitente de trabalho offshore tende a restringir os tipos de emprego aberto aos cônjuges do pessoal *offshore*".<sup>46</sup> (PARKES *et al.*, 2005, p. 426, tradução nossa)

**“Eu trabalho numa forma de escala, faço plantão. São plantões de vinte e quatro horas, só que dividido de doze em doze porque eu só trabalho durante o dia. Aí eu já entro em contato com a minha chefia, que é ótima, diga-se de passagem, e comunico a ela, que me dá uma escala prévia, e eu já aviso a ela os dias que a minha mãe pode, os dias que a minha mãe não pode, porque a minha mãe se divide também entre mim e a minha irmã. A minha irmã tem uma filha especial. Minha mãe também ajuda a minha irmã. Enquanto a minha mãe não está aqui, ela fica com a minha sobrinha. Então eu tenho que passar esses dias para ela né? Para minha mãe, os dias que estou trabalhando, minha mãe vem no dia anterior, fica com a minha filha, então tem sempre uma organização prévia”.**(FC05)

Em nossos levantamentos bibliográficos, localizamos majoritariamente estudos internacionais voltados às famílias de trabalhadores *offshore*. No Brasil, há lacunas a respeito deste tipo de pesquisa. Destacamos as obras de pesquisadores brasileiros de grande relevância na área *offshore*, como Alvarez *et al.* (2010), Bartolotti (2002), Figueiredo (2016), Leite (2006, 2009), entre outros, em que a família *offshore* é transversal e não o foco principal das pesquisas. A maior parte das pesquisas realizadas com famílias *offshore* é oriunda da Noruega e Dinamarca, com ênfase na cidade portuária Aberdeen, localizada no mar do Norte, no nordeste da Escócia. Os autores se debruçam sobre esta cidade porque ela é conhecida como a “Capital Europeia Offshore” devido à concentração de empresas de O&G, além das sedes administrativas, tornando-a base da indústria *offshore* britânica (BORBA *et al.*, 2007). Dos autores estrangeiros, destacamos Rex Taylor, Ken Morrice, David Clark e Kathryn McCain, que desenvolveram pesquisas voltadas às famílias *offshore* desde o final dos anos 70. Parkes *et al.* (2005) na esteira dos autores mencionados acima, pesquisa sobre as famílias offshore no Mar do Norte.

Em 1978, os autores Taylor e Morrice, através dos resultados de suas pesquisas, intitularam um ciclo de mudanças de humor nas esposas de trabalhadores *offshore*, chamando-a de “síndrome do marido intermitente”, mas não identificamos sinais ou sintomas dessa síndrome entre as participantes desta pesquisa. Os autores mencionam que esta síndrome é provocada pelo estilo de trabalho *offshore*. Em suas pesquisas, 10% das mulheres apresentaram sintomas como ansiedade, depressão e dificuldades sexuais, estavam em um casamento de

---

<sup>46</sup> Tradução da autora. Original, em inglês: *The intermittent pattern of offshore work tends to constrain the types of employment open to the spouses of offshore personnel.*

poucos anos, e/ou o marido não tinha experiência de trabalho *offshore* anteriormente e não tinham suporte familiar próximo. Em outro estudo, anterior a este, em 1968, estes mesmos autores, mencionam que as esposas apresentaram sentimentos como raiva e sentimento de abandono na partida do trabalhador, com momentos de tensão e choro, “Mas, além disso, e paradoxalmente, ela pode expressar ressentimento com o retorno dele, forçando a perda de seu papel responsável e independente na casa e na família<sup>47</sup> (MORRICE *et al.*, 1985, p. 479, tradução nossa). Os autores também apontaram que as esposas referiram a um sentimento de luto sem morte quando seus maridos partiam para o trabalho. As preocupações em relação à síndrome do marido intermitente, para além dos sintomas já mencionados, envolvem “o abuso de álcool, doenças relacionadas ao estresse e problemas comportamentais em seus filhos<sup>48</sup>” (MORRICE *et al.*, 1985, p. 479, tradução nossa). Na época, foram encontradas respostas para a pesquisa realizada: uma delas é que, para algumas esposas, o ritmo do trabalho *offshore* de seus respectivos maridos era de difícil adaptação, provocando sentimentos de solidão, ansiedade, abandono (MORRICE *et al.*, 1985); a outra resposta encontrada foi a respeito da adaptação de algumas mulheres na ausência de seus maridos, buscando alternativas de ocupar o seu tempo e desfrutando de um “senso de liberdade e responsabilidade”<sup>49</sup> (MORRICE *et al.*, 1985, p. 479, tradução nossa). A síndrome do marido intermitente foi pesquisada durante a década de 80 (CLARK *et al.*, 1985; TAYLOR *et al.*, 1985; MORRICE *et al.*, 1985; Parkes *et al.*, 2005). As autoras Lewis *et al.* (1988) do estudo intitulado “Experiência de membros da família no trabalho de petróleo offshore em Terra Nova (Canadá)”<sup>50</sup> refutam a ideia da síndrome do marido intermitente, pois acreditam que os sentimentos e atitudes em questão são ações e reações decorrentes do estilo de vida e trabalho *offshore*, portanto não devem ser reduzidas a uma “inadequação feminina, ainda menos patologizada<sup>51</sup>” (LEWIS *et al.*, 1988, p. 186, tradução nossa). O estilo de vida familiar com um trabalhador *offshore* é um desafio para ambos os lados, família e

<sup>47</sup> Tradução da autora. Original, em inglês: *But in addition, and paradoxically, she might express resentment at his return, forcing as it did a loss of her responsible and independent role in household and Family.*

<sup>48</sup> Tradução da autora. Original, em inglês: *among them of alcohol abuse, stress-related illnesses, and behavioural problems in their children.*

<sup>49</sup> Tradução da autora. Original, em inglês: *the sense of freedom and responsibility.*

<sup>50</sup> Tradução da autora. Original, em inglês: *Women, Work and Family in the British, Canadian and Norwegian Offshore Oilfields.*

<sup>51</sup> Tradução da autora. Original, em inglês: *female inadequacy, still less pathology.*

trabalhador, e acrescentar que a mulher possui uma inadequação a isso, é minimizar os efeitos que este trabalho exerce sobre as famílias, com organizações que necessitam de amparo de uma rede de apoio extensa, além de diminuir os efeitos da periculosidade que o trabalho *offshore* oferece aos seus trabalhadores. A síndrome do marido intermitente foi apontada em algumas pesquisas e refutada em outras como apontada acima, em nossa pesquisa não observamos nada semelhante desta síndrome.

#### 4.3 “Se você tiver uma boa estrutura familiar, família é base. E a empresa que entende isso, ela entendeu tudo”: a relação empresa-família na indústria de óleo e gás

O trabalho *offshore* ocasiona “[...] afastamento por longos períodos, com limitadas possibilidades de contato as quais ocorrem em horários específicos, geralmente à noite e dependente do funcionamento adequado da tecnologia” (BELLINI *et al.*, 2023, p. 9). A comunicação realizada entre os membros da família no período embarcado acontece pelo celular, mas essa comunicação é condicionada ao tempo disponível do trabalhador para realizar a ligação ou responder mensagens, e também pelo sinal disponível, que nem sempre é bom o suficiente “**Tem embarques que são mais corridos, tem muita coisa para fazer. Então depende, às vezes ele demora pra ver, às vezes a ligação também não está boa. Depende muito disso**” (FB01). A comunicação é uma ferramenta importante para a interação social, seja com a família ou no trabalho, portanto “A comunicação é intrínseca ao comportamento humano e permeia todas as suas ações no desempenho de suas funções” (ANDRADE *et al.*, 2013, p. 2524). É a troca de informações, a partilha de momentos, a reprodução da ideia em falas: para estas famílias, a comunicação é que os liga (MAFFESOLI, 2003), e a Internet é uma importante ferramenta que permite a comunicação entre as famílias. Nesta pesquisa, todas as participantes relataram utilizar o aplicativo *WhatsApp* para se comunicar, afirmando que “**Antes, quando a Internet estava boa, a gente conseguia fazer chamada de vídeo, como agora a Internet não é tão boa, aí eu ligo para ele, nem que seja pelo WhatsApp.**” (FB02). O desafio decorre nas oscilações no acesso para os trabalhadores *offshore*. Em sua pesquisa do ano de

2002, Bartelotti relata como era o sistema de comunicação na plataforma que se dava

Através da sala de rádio possuindo comunicação via satélite, onde mensagens em caso de emergência é muito utilizado; [...] ligações internas e externas feitas, recebidas e encaminhadas através de telefone, rádio ou sistema chamado “boca de ferro” que quando acionado permite que o som chegue em todos os setores da plataforma servindo para uma comunicação mais geral ou para chamar alguém especificamente que não esteja sendo localizado. (BARTELOTTI, 2002, p. 45)

Com a evolução da tecnologia, a internet se tornou uma realidade e o celular, juntamente com o *WhatsApp*, se tornaram os meios de comunicação mais usados. E esta comunicação entre a família e o trabalhador não gira em torno de um assunto específico, ela ocorre por diversos motivos porque “cada um está ligado a outro pela mediação da comunicação” (MAFFESOLI, 2003, p. 13). Esta comunicação mantém o trabalhador inserido em seu mundo privado mesmo estando distante, como um processo de presença/ausência, em que por questões de distanciamento, ele torna-se ausente da rotina familiar, mas por conta da comunicação com a família, se sente pertencente ao seu núcleo.

*É a gente fica **se comunicando pela Internet**. E faz chamada de vídeo e fica falando, aí eu pego, para **ele me dar uma orientação** em relação a mãe dele, até porque **para ela, para ele lidar com ela é mais fácil, normalmente é diário, a gente tenta fazer uma comunicação diária.** (FC05)*

Como no relato acima, a comunicação família-trabalhador tende a ser rotineira porque “A comunicação, antes de tudo, remete ao estar-junto.” (MAFFESOLI, 2003, p. 14), no entanto nem sempre é possível devido às demandas do trabalho, das falhas da Internet e das demandas familiares que ficam sob responsabilidade das esposas

***A gente tenta fazer uma comunicação diária, mas nem sempre dá porque eu tenho os dias do plantão, nesses dias fica muito apertado, porque eu já chego à noite, e aí já tem a demanda - Nome filho -. Eu chego em cima da hora da rotina de sono, e ela demanda muito de mim porque eu tenho que ficar com ela, pela rotina do sono.** (FC05)*

Assim como o trabalhador tem as suas demandas, a família tem as suas necessidades, e quem fica com a responsabilidade, de acordo com esta pesquisa, são as esposas, que filtram o tipo de informação a ser compartilhada com o trabalhador no período em que ele está embarcado, assim pensando na segurança dele “Quando os sentimentos causados em casa são posteriormente expressos no

trabalho, seus efeitos podem ser vistos no desempenho e na motivação da pessoa no trabalho, bem como no nível interpessoal<sup>52</sup> (GUERRERO, 2003 p. 75).

***Eu entendo o que é o trabalho offshore, e eu tento passar para ele durante o período que ele está embarcado, o mínimo de situações problemáticas possíveis. Até porque tem coisas que ele não vai poder fazer nada de lá, e acabaria tirando o foco dele no trabalho, causando uma preocupação que não seria necessária. Sempre que tem algo que está sob controle, que eu consigo manejar sem que tenha que passar para ele, mesmo sendo relacionado a problemas de saúde. (FB03)***

A família tem um breve entendimento do trabalho do marido e percebe as dimensões de um possível acidente de trabalho. Podemos considerar a ocultação de situações corriqueiras que estão sob controle da família e que podem ser uma fonte de preocupação para o trabalhador, como uma estratégia de proteção. Há pesquisas sobre como comportamentos e sentimentos influenciam os demais membros da família e o quanto isso impacta no trabalho “Os processos de socialização implicam que os valores, habilidades e atitudes aprendidas em casa influenciam o comportamento do trabalhador no local de trabalho” (GUERREIRO, 2003, p. 75).

***Uma vez, eu acho que explodiu lá uma sala ou pegou fogo. Eu não lembro especificamente se ele estava nessa plataforma ou se foi depois dele embarcar, ou se foi antes. Mas é uma plataforma que eu sei que trabalhava, mas já faz algum tempo, então eu não sei, não me recordo assim, detalhes. (FB01)***

Mesmo quando questionadas sobre adoecimento ou acidentes envolvendo o trabalhador, as participantes negam vivenciar estas situações, mas relatam ouvir dos maridos experiências próximas a eles e que os deixaram preocupados.

***Lá na plataforma ele já teve que lidar algumas vezes (com acidentes). O acidente de trabalho, quando acontece, acho que em qualquer setor, mas na plataforma fica tudo aumentado, né? Porque o impacto de um acidente de trabalho na plataforma é muito grande e em vários setores, gera um impacto em coisas muito grandes. E aí então, obvio que teve um impacto muito grande para ele, gerou sim ansiedade. (FC05)***

Os impactos que os acidentes geram em uma plataforma são expressivos, pois como já afirmamos, é um local em que a ajuda vem por via aérea e/ou pelo mar. Quando algum equipamento explode ou incendeia, a saída de emergência é o mar, então a dimensão do acidente é considerada maior. Assim como na aviação,

---

<sup>52</sup> Tradução da autora. Original, em espanhol: *Cuando los sentimientos engendrados en casa son más tarde expresados en el trabajo, sus efectos pueden observarse en el desempeño y motivación de la persona en el trabajo, así como en el nivel interpersonal.*

as saídas de emergências são mais restritas comparadas ao trabalho terrestre, o que impacta muito os trabalhadores. Em 2020, a pandemia covid-19 foi outra fonte de preocupação, pois todos estavam expostos, mesmo com as medidas de prevenção estabelecidas pelas empresas, como uso de máscara, quarentena pré e pós-embarcação e testes de covid, houve casos da doença.

***Aconteceu, agora recente que eu me lembre, a situação do amigo que trabalha com ele na equipe e pegou Covid. E ficou muito mal no hospital. Precisou fazer hemodiálise, precisou ir para a respiração artificial, ficou muito ruim. [...] Ele se sentiu culpado e isso eu acho que mexeu com ele porque é um amigo que trabalha com ele ali. (FA04)***

Ao ver o amigo se infectar com a doença e ficar ruim, o sentimento de culpa e medo de contágio se manifestaram, compartilhar do mesmo local, mesmo sabendo que nesta situação todas as pessoas são possíveis vítimas e transmissores, faz parte do processo de uma doença com uma intensidade alta de transmissão. Em janeiro deste ano, 2022, o SindiPetro<sup>53</sup> fez uma reportagem denunciando o aumento exponencial de casos a bordo. De acordo com os dados da ANP<sup>54</sup>, até agora foram confirmados 14 (catorze) óbitos de trabalhadores offshore que acessaram as instalações. Uma preocupação compartilhada por todas as participantes é o que fazer em casos de contaminação do marido?

***Sabe outra situação? Mandaram uma vez ele para casa sem fazer um teste de covid nele, ele teve contato de novo no navio, com pessoas que tiveram covid, testaram positivo e ele não fez teste nenhum e veio para casa. Mas eu falei "meu amor, e se você tiver com covid? Você tá aqui em casa, como é que a gente vai fazer?" Aí ele "mas pra onde que eu vou?". (FA04)***

Algumas esposas relataram pensar constantemente nesses riscos, outras relataram que as empresas não demonstraram preocupação com a família neste momento, contudo é importante se pensar: como as famílias lidariam com esta situação se a casa não tem estrutura para isolar uma pessoa?

***Sim é claro que eu me preocupo que ele possa se contaminar lá com outra pessoa, e enfim, ele já vai estar em outra cidade, né? Vai estar distante, se eventualmente tiver que ser internado, ele está lá e eu estou aqui, isso eu já pensei com certeza. Isso me dá um medo. E até se eventualmente ele vai pro hotel lá ficar em quarentena e o teste der positivo, o que a gente faz? Ele vai ficar lá sozinho? Eu vou para lá? Não vou para lá? Eu busco ele de carro? Não busco ele de carro?***

<sup>53</sup> <https://sindipetro.org.br/casos-de-covid-explodem-nas-plataformas/>

<sup>54</sup> <https://www.gov.br/anp/pt-br/centrais-de-conteudo/paineis-dinamicos-da-anp/paineis-dinamicos-sobre-exploracao-e-producao-de-petroleo-e-gas/painel-dinamico-de-dados-de-covid-de-instalacoes-de-exploracao-e-producao>

**Como é que vai ser? Porque de avião ele com certeza não poderia andar, né? Então são questionamentos que me vêm na cabeça. (FB01)**

Esse medo do imprevisto que assola estas famílias de rotina *offshore*, tem o acréscimo de mais uma fonte de preocupação, a covid. Essa desconexão da empresa em relação às famílias gera insegurança e reverbera nas relações família e trabalho. Nos documentos analisados, as empresas não fazem nenhuma menção sobre os protocolos a serem feitos pós-contaminação, o que gera insegurança tanto nos trabalhadores quanto nas famílias, as orientações são

O isolamento é usado para separar as pessoas infectadas pelo vírus (aquelas que estão doentes com COVID-19 e as que não apresentam sintomas) das pessoas que não estão infectadas. **As pessoas que estão isoladas devem ficar em casa até que seja seguro estarem perto de outras pessoas. Em casa, qualquer pessoa doente ou infectada deve se separar dos outros ficando em um “quarto de doente” ou área específica.** (MC1TO, 2020, p. 9, grifo nosso)

Como demonstrado, a empresa desconhece a realidade dos trabalhadores. Ela incorpora manuais de prevenção e orientação, mas não se aprofunda sobre os desafios destas regras. No documento da empresa, a orientação que conclui o manual é “Desembarcaremos todas as pessoas com sintomas parecidos com os da gripe para prevenção de possível contaminação a bordo e daremos suporte aos nossos colegas se estiverem doentes” (MC1TO, 2020, p. 22). O suporte mencionado não é especificado nas orientações, assim como não há menção de como a empresa procederá no auxílio ao trabalhador infectado e à família dele, sendo este mais um ponto que aparece na pesquisa, a comunicação família-empresa.

Como já dissertamos, a comunicação é importante para a interação interpessoal, bem como é fonte de informação que “[...] também liga, une, junta” (MAFFESOLI, 2003, p. 14). Nos documentos examinados, não há menção da comunicação empresa-família ou família-empresa, isto é, a comunicação nos documentos é restrita ao labor dos trabalhadores, então como estas famílias se comunicam com as empresas? Algumas participantes relataram nunca terem telefonado para o local de trabalho do marido e, mesmo se quisessem, desconhecem o número de telefone

**Eu precisava falar com ele e não conseguia, então fui atrás do celular, atrás de pessoas que ele já tinha me dado o número que sabia que poderiam estar lá. Aí eu lembro que na época era muito restrito, porque, como eu posso te dizer, não são todos que tem os mesmos direitos. (FB02)**

Neste caso, a participante informa ser de um período em que os celulares não eram permitidos para todos na plataforma. Sem suporte da empresa, a família busca estratégias de comunicação com o trabalhador, já que a comunicação família-empresa não é eficaz. No próximo relato, a participante corrobora sobre “*não são todos que tem os mesmos direitos*”

*Quando eu conheci ele, **ele estava trabalhando como operador**. Ficava muito tempo na parte de operação. E **nesses momentos ele não tinha acesso ao celular, então, às vezes eu mandava uma mensagem, e aí só quando ele ia para o camarote é que conseguia visualizar e responder.** [...] **atualmente ele trabalha como fiscal, então ele fica mais é no escritório** mesmo, dentro da plataforma onde eu consigo ter acesso a ele mais fácil. [...] **ele sempre deixa um ramal de comunicação** caso eu precise entrar em contato **direto com a plataforma.** (FB03)*

A plataforma tem um ramal de comunicação externo, mesmo não sendo de conhecimento de todos. Uma das esposas expressou sua preocupação sobre isso, afirmando que “***Eu não sei como eu faria isso. Eu sei que ele tem o telefone acessível, o celular, o WhatsApp, mas e se acontecer alguma coisa e eu precisar acionar a empresa?***” (FA04). Novamente ressaltamos o distanciamento que as empresas têm com as famílias dos trabalhadores. O trabalho *offshore* é diferenciado pela periculosidade e insalubridade, e determinadas atividades não podem ser interrompidos devido à atenção plena demandada. É necessário questionar e refletir sobre como o trabalhador deve receber uma notícia de adoecimento ou falecimento de familiares. O celular é fonte principal de comunicação entre trabalhador e família, como se deve agir nestes momentos? A quem recorrer para não gerar risco de acidente por causa de sentimentos como desespero e aflição? Essas dúvidas ecoam entre familiares e refletem na segurança no trabalho

***Eu fico com essa dúvida, como que eu faria isso? Será que não teria uma forma de, sei lá, eu falar com a empresa? Comunicar à empresa, por exemplo, um falecimento ou alguma coisa assim? E a empresa já articular esta questão de dar a notícia para ele? Não sei se era melhor eu mesma porque sou próxima, mas enfim. A gente tem muito medo, eu pelo menos eu tenho muito medo em relação a isso.*** (FC05)

Na fala da participante, há o questionamento sobre a empresa atuar como mediadora em momentos delicados, e a esposa reflete sem ter conhecimento de se existe esta possibilidade. Os documentos analisados corroboram as indagações da esposa, não há nenhuma menção a respeito da comunicação com a família. A falta

de comunicação com a empresa é considerada um desafio frente a possíveis notificações de adoecimento ou falecimento de familiares.

Por outro lado, as famílias reconhecem pontos positivos do trabalho *offshore*, como o salário, as folgas estendidas de 14 e 21 dias e a satisfação do trabalhador em desenvolver o seu labor neste tipo de trabalho.

***É um trabalho que teve um plano de crescimento bom na carreira né? Ele tem muito orgulho em relação a isso, ele é nível – cargo – né? Então ele não tem formação superior, mas devido à experiência que ele teve na empresa onde teve possibilidade de crescimento, ele trabalhou muitos anos como – cargo - e ocupa hoje um cargo onde só ele com o nível técnico trabalha, todos os demais tem uma formação superior. Então a empresa proporcionou para ele esse processo de crescimento na carreira. (FB03)***

No depoimento acima, há indicação de melhorias na carreira e reconhecimento da empresa.

***“Primeiro ele ter trabalho, ele estar empregado, o salário dele é bom, então ele não conseguiria ter um salário desse em terra. O plano de saúde para mim, vamos dizer assim, é uma das qualidades desse trabalho”. (FA04)***

A boa condição salarial parece diferenciar o emprego nas plataformas de outros.

***Agora, uma coisa que eu acho bacana, é que ele gosta muito desse trabalho, então o fato de ele gostar, mesmo longe, é uma compensação. Eu sei, eu entendo que ele tá fazendo uma coisa que ele gosta. E aí ele volta, eu vejo que ele está satisfeito, que ele volta tranquilo. Ele vai sentir falta da gente, claro, sente falta da família, e estar ausente é muito ruim. Mas essa coisa do preenchimento dele enquanto um profissional que está fazendo um trabalho que gosta, que faz uma coisa que completa ele, isso é uma coisa boa, né? (FC05)***

O salário do trabalhador *offshore* é acrescido devido à periculosidade e insalubridade (devido aos riscos aos quais são expostos, como acidentes, vazamentos de produtos químicos, entre outros). Conforme consta no Acordo Coletivo dos Trabalhadores de 2021, as empresas também oferecem auxílio creche até os 36 meses da criança (3 anos), auxílio ensino, que compete toda a fase escolar até o ensino médio (neste plano estão inclusos os filhos e enteados), incentivo ao ensino superior (com um reembolso de até 60% das mensalidades em universidades particulares e custeio com os materiais em caso de universidades federais), programas de readaptação funcional e benefício de afastamento ACT para empregado aposentado do INSS e afastado por motivo de doença, programa

de assistência especial (incluí filhos e enteados), planos de saúde (incluí filhos, cônjuges e enteados), auxílio cuidados (em caso de deficiência ou nos cuidados com idosos) e benefício farmácia. Todos estes programas e benefícios possuem critérios de inclusão, mas são políticas voltadas para o concílio de família e trabalho. Além, claro, de outros direitos previstos na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), como férias remuneradas, licenças maternidade/paternidade, 13º salário, entre outros. Aprimorar programas que conciliem trabalho-família traz benefícios para os envolvidos, empresa e trabalhador, porque “Todos os construtos partem da premissa de que estas duas esferas se relacionam; podendo ser afetadas, de forma negativa (ou de alguns casos positiva), uma pela outra” (FREIRE, 2017, p. 19). Quanto mais a empresa investe no bem-estar dos trabalhadores e envolve suas famílias, aumenta o grau de satisfação do trabalhador. A família é base do sujeito pois

[...] servem como fontes significativas de apoio social no enfrentamento dos eventos estressantes da vida diária. Portanto, não é de surpreender que o apoio familiar muitas vezes desempenhe um papel importante papel na vida profissional de um empregado.<sup>55</sup> (GUERRERO, 2003, p. 79)

O apoio emocional, o conforto e a segurança que os trabalhadores recebem de seus familiares são importantes para a rotina dele e reverberam na tranquilidade e segurança do trabalhador. Uma empresa que valoriza e aproxima a família e é ativa através de políticas e eventos que incentivem a participação da família no trabalho, é empresa que busca uma forma de melhorar o relacionamento com o trabalhador. Portanto, há políticas de conciliação factíveis entre trabalho e família que trariam benefícios para a empresa: redução no tempo de embarque, promoção de atividades de lazer, esportes, festas e um *blog* que envolva os trabalhadores e os familiares *offshore*, para troca de experiências, notícias ligadas às empresas; realização de formações (treinamentos) dirigidas às lideranças, chefias e pessoas dos recursos humanos para uma sensibilização a fim de promover a conciliação entre trabalho e família (HAMID, 2012). Com adoção de políticas conciliatórias, as empresas podem conquistar uma satisfação maior de seu trabalhador, o que, por consequência, diminui a rotatividade e aumenta a produção de trabalho. Assim os benefícios reverberam na cultura de segurança e reduzem custos referentes a

---

<sup>55</sup> Tradução da autora. Original, em espanhol: *sirven como fuentes significativas de apoyo social para enfrentar los eventos estresantes de la vida diaria. Por eso no es sorprendente que el apoyo familiar a menudo juegue un importante rol en la vida ocupacional de un empleado*

investimentos para qualificação de novos trabalhadores. É uma forma de conseguir maior aderência e engajamento dos trabalhadores, valorizando assim a imagem da empresa perante a comunidade, o que refletirá em uma diversidade de trabalhadores qualificados que desejam trabalhar em uma empresa que cultua a conciliação entre trabalho e família. Com a redução da rotatividade, o grupo tende a ser mais coeso, o que também pode reduzir conflitos laborais e aumentar o engajamento dos trabalhadores em questões ligadas a segurança operacional (HAMID, 2012).

Como já discutido nesta dissertação, a família é a base do trabalhador, e a segurança operacional é um componente da cultura de segurança que “[...] pode ser socialmente construída pela identificação dos fatores essenciais para sua formação e com ações planejadas para atingi-la” (FILHO, 2011, p. 85). A saúde do trabalhador é um elemento que compõe a cultura de segurança e transcende as esferas da empresa, e a família é participe destas esferas. Como referido pela participante, cuja fala é título deste subcapítulo “*a empresa que entende isso, ela entendeu tudo*” (FB03).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das bases do modo de produção capitalista é a busca da elite econômica pelo aumento substancial do acúmulo do capital. Através do planejamento e de altos investimentos em tecnologia, ela se apropria dos recursos naturais na obtenção de matéria-prima para fabricar produtos que são comercializados para o consumo da população mundial. Nessa dissertação de mestrado o recurso natural é o petróleo – também conhecido como “ouro negro” devido ao seu elevado valor comercial – utilizado na fabricação de gás de cozinha, gasolina, querosene, solventes, plásticos, cosméticos, entre inúmeros outros usos. No Brasil, esse combustível fóssil é encontrado principalmente nos oceanos – característica que torna sua extração mais complexa e custosa. Na organização do trabalho, e aqui a centralidade é o trabalho *offshore*, o trabalho é realizado por indivíduos dotados de conhecimentos técnicos que supervisionam as máquinas. Esse trabalho é considerado um dos mais perigosos do mundo.

Na introdução, propomos o seguinte problema de pesquisa: quais fatores relacionados à família e/ou rede de apoio social do trabalhador *offshore* da indústria de O&G podem contribuir como subsídios para a implementação de uma cultura de segurança operacional? O *corpus* foi composto por documentos, bibliografias e principalmente pela participação das famílias, em especial as esposas, as quais em depoimentos enriquecidos por sentimentos de preocupação, amor e admiração, relataram o seu investimento e cuidado com as famílias e com os maridos.

No decorrer dos capítulos abordamos o mundo do trabalho, bem como a estrutura da família, a partir de um resgate histórico, elencando as profundas mudanças ocorridas no mundo do trabalho desde a superação do modo de produção feudal pelo capitalismo no continente europeu. Abrangemos desde a Revolução Industrial até os novos modelos de trabalho e uma nova ordem econômica, o neoliberalismo e suas consequências devastadoras que avassalam a sociedade até os dias atuais. Tendo como sujeito da pesquisa as famílias dos trabalhadores *offshore*, dedicamos os nossos estudos a elas, constatando que essas também se modificaram em consonância com as transformações societárias, se organizando com novos arranjos e se tornando o centro dos debates em relação às políticas públicas neoliberais na busca do adensamento do nosso objeto de estudo. Escutamos as famílias dos trabalhadores, que em seus depoimentos

compartilharam sobre as repercussões do trabalho *offshore* na vida familiar e na segurança operacional.

A pesquisa desenvolvida se configura como um esforço intelectual que tornou visível uma realidade pouco conhecida e estudada pelos pesquisadores: o trabalho *offshore* e a relação com as famílias dos trabalhadores. O ambiente de plataforma (onde ocorre o trabalho) é um sistema sóciotécnico complexo que envolve a interação de trabalhadores e máquinas de alta tecnologia e que reverbera em todos os setores da própria empresa, sendo, portanto, interdependentes. O trabalho *offshore* é realizado em plataformas localizadas fora da costa do mar, no meio do oceano – o acesso ocorre através de helicópteros. Os trabalhadores permanecem no mínimo 14 dias nas instalações, com folgas que variam entre 14 e 21 dias (depende da empresa) e escalas de 12 horas com troca de turnos após sete dias trabalhados. Os trabalhadores da indústria de óleo e gás estão expostos a inúmeras situações potencialmente perigosas para sua integridade física (p. ex., excesso de barulho, ventilação inadequada, riscos de explosões) que são parte da rotina de trabalho.

A cultura de segurança adequada e funcional é essencial para evitar ou mesmo diminuir drasticamente a ocorrência de acidentes, pois esta tem como objetivo caracterizar e identificar fatores que revelem o grau de comprometimento da empresa com a segurança dos trabalhadores (FILHO *et al.* 2011). Os depoimentos das famílias explicitaram os cuidados com o trabalhador em destaque para a preocupação com o trabalho na plataforma, com os riscos, com a segurança desse trabalhador e de seus colegas.

As famílias tomam para si a tarefa solitária de proteger o trabalhador, evitando sobrecarregá-lo de responsabilidades e tomadas de decisões em prol de sua segurança no trabalho *offshore*. Essas famílias vivem um cotidiano diferenciado de rotinas em que o trabalhador retorna diariamente para casa, pois nessa atividade o trabalhador só retorna após várias semanas. Na ausência deste, a esposa necessita de uma rede de apoio para a dinâmica familiar continuar funcionando e assim garantir ao trabalhador a tranquilidade para dedicar-se ao trabalho enquanto embarcado. É importante ressaltar que o cuidado visa à proteção desse trabalhador, pois as esposas compreendem a complexidade desta atividade e apoiam a escolha do marido.

Algumas participantes pontuaram que sentem o distanciamento da empresa com relação à família e a rede de apoio. A comunicação, enquanto o trabalhador encontra-se embarcado, ocorre diretamente entre a família e trabalhador – a empresa está ausente e as participantes desconhecem o número de telefone corporativo para contato em casos de urgência. Assim, para as famílias entrevistadas, o celular é o dispositivo mais utilizado para comunicação, o que gera insegurança nas esposas quando pensam na segurança do trabalhador e em como dar uma notícia de falecimento ou doença. A comunicação é “cimento social” (MAFFESOLI, 2003, p.13), sendo essencial para as pessoas. Com relação aos documentos analisados das empresas que compõem o Consórcio Libra, não observamos menção às ações da indústria de óleo e gás que visam a fortalecer a rede de apoio do trabalhador no período em que está embarcado, os documentos abordam apenas as condutas dos trabalhadores em relação ao trabalho. Observamos a oferta de benefícios e programas como auxílios educacionais e planos de saúde que contemplam a família, mas políticas de conciliação entre trabalho e família não ficaram em evidência.

A família é primeira instância de contato com a sociedade na vida de um sujeito, sendo ela responsável por transmissões de valores, conhecimentos, ética, moral e, dependendo das relações, podem ser construtivas ou disruptivas. Essa interação corrobora para a saúde do trabalhador, no sentido de que a família é um componente da vida deste sujeito, pois não é possível separar trabalho e família, e no caso do trabalho *offshore*, isso fica mais evidente, uma vez que as famílias necessitam se organizar de acordo com o a escala do trabalhador. Uma possível estratégia para aproximar a família do trabalho *offshore* é promover ações de proteção que envolvam o trabalhador e sua família.

Ao final, a partir dos depoimentos, refletimos que as famílias se adaptam ao modelo de trabalho *offshore* e buscam estratégias de proteção e cuidado para o trabalhador e para si. O medo e as angústias cercam tanto os trabalhadores como as famílias, mas o desejo, a satisfação do trabalhador em relação ao trabalho *offshore*, forma uma camada de resistência em relação aos percalços que surgem. A família se organiza, resiste e segue, com suas estratégias e as dinâmicas de sua cotidianidade. Nessa perspectiva, entendemos que a empresa pode propor ações de apoio às famílias, que no cotidiano são quem protegem os trabalhadores no desenvolvimento de suas atividades *offshore*. Dando maior apoio às famílias, as

empresas amenizam angústias, possibilitando uma melhor comunicação entre trabalhador, empresa e família, o que contribuiria para uma melhor cultura de segurança. A aproximação e a oferta de ações que envolvam as famílias tornariam as condições de trabalho menos adversas, bem como deixaria o tempo em isolamento mais confortável, o que repercutiria na segurança desse trabalhador e no seu fazer profissional.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Elizabeth M. Avaliação da Técnica de Amostragem “Respondent-Driven Sampling” na Estimação de Prevalências de Doenças Transmissíveis em Populações Organizadas em Redes Complexas. **Dissertação (Mestrado)**. Fundação Oswaldo Cruz. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. Rio de Janeiro, 2009.
- ALMEIDA, Monica Piccolo. Reformas neoliberais no Brasil: a privatização nos governos Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso. **Tese (Doutorado)** – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1263.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2021.
- ALVES, Francielle Lopes. MIOTO, Regina Célia Tamasso. O Familismo nos Serviços de Saúde: expressões em trajetórias assistenciais. **Argumentum**, Vitória (ES), v.7, n.2, p.208-220, jul./dez, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/9038/8254>. Acesso em: 8 dez. 2021
- ALVES, Giovanni Antonio Pinto. A subjetividade às avessas: toyotismo e "captura" da subjetividade do trabalho pelo capital. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 223-239, dez. 2008. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-37172008000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172008000200007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 07 jul. 2022.
- ANTUNES, Ricardo. **A Dialética do Trabalho**. São Paulo. Expressão Popular, 2013.
- ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho; 2ª ed., 10ª reimpr. **rev. e ampl.**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita; CALAZANS, Gabriela Junqueira; SALETTI FILHO, Haraldo César; FRANCA JUNIOR, Ivan. Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde. *In: Tratado de saúde coletiva [S.l.: s.n.]*, 2009.
- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.
- AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. 3 ed. Verbete Luditas. p.284-285. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.
- BARBOSA, Daniela; Guimarães, Saulo Pereira; Juliboni, Márcio. Veja as 4 sócias estrangeiras da Petrobras no Campo de Libra. **Exame**: 21 out. 2013. Disponível em: <https://exame.com/negocios/veja-as-4-socias-estrangeiras-da-petrobras-no-campo-de-libra/>. Acesso em 20 mar. 2021.
- BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado**: o mito do amor materno. Tradução por Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARROSO, Luís Roberto. Diferentes, mas iguais: o reconhecimento jurídico das relações homoafetivas no Brasil. **Revista Brasileira de Direito Constitucional – RBDC**. V. 17, jan.-jun. 2011.

BARTOLOTTI, Loana, R. A. L. “Ihas de aço-homens de ferro: cotidiano de trabalho e vida do petroleiro offshore da Bacia de Campos dos Goytacases. **Dissertação de mestrado** em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2002.

BELLINI, M.I.B., ARENA, F., da SILVA, G.M. Trabalho offshore, Relações Familiares e Autocuidado: fatores associados na implementação de uma cultura de segurança na indústria de O&G. *In*: AUTOR (org.). **FATORES HUMANOS E RESILIÊNCIAS EM SISTEMAS SOCIOTÉCNICOS COMPLEXOS**, versão 1, Porto Alegre: EDIPUCRS, [2023?]. Em fase de publicação.

BENEDITO; Ademir C. Aspectos jurídicos – importância da proteção e o desenvolvimento da identidade de crianças e adolescentes. **Família e Identidade** (org.) Brandão, Célia. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2021. p. 105-123.

BERTONHA, João Fábio. “Notas Sobre a geopolítica Do petróleo No século XXI”. Meridiano 47 - **Journal of Global Studies** 6 (55):2-3. 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/MED/article/view/1971>. Acesso em 20 mar. 2022.

da Silva Bettio, Cíntia Juliana; Alves de Souza Bonilha, Laís; Schiaveto de Souza, Albert; Oliveira de Andrade, Sônia Maria; Pires Batiston, Adriane. FATORES EMOCIONAIS ASSOCIADOS AO HÁBITO DE FUMAR EM USUÁRIOS DE UM PROGRAMA ANTITABAGISMO. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, vol. 31, núm. 1, Janeiro-Março, pp. 1-10 Universidade de Fortaleza/Brasil. 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=40854841013> Acesso em: 14 set. 2022

BORBA, Rafael; OLIVEIRA, Vinícius M.; NETO, Romeu S. A influência do petróleo na dinâmica econômica das cidades: um estudo comparativo entre Macaé (Brasil) e Aberdeen (Reino Unido). **II Jornada Nacional da Produção Científica em Educação Profissional e Tecnológica**. São Luís/ MA, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BRASIL. Presidência da República. LEI Nº 12.010, DE 3 DE AGOSTO DE 2009. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm). Acesso em 25 de nov. 2021.

BRASIL. Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis. **Análise** do acidente com a plataforma P-36. [Brasília]: Ministério de Minas e Energia, jul. 2001. Disponível em: <https://www.gov.br/anp/pt-br/assuntos/exploracao-e-producao-de-oleo-e-gas/seguranca-operacional-e-meio-ambiente/incidentes/relatorios-de-investigacao-de-incidentes-1/arquivos-relatorios->

*de-investigacao-de-incidentes/relatorio-do-acidente-com-a-p-36/relatorio\_p-36.pdf*. Acesso em: 10 fev. 2021.

BRASIL. Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis. **Gerenciamento** de Segurança Operacional (SGSO). [Brasília]: Ministério de Minas e Energia, 17 jul. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/anp/pt-br/assuntos/exploracao-e-producao-de-oleo-e-gas/seguranca-operacional-e-meio-ambiente/gerenciamento-de-seguranca-operacional-sgso>. Acesso em 10 fev. 2021.

BRASIL. Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis. **Resolução ANP nº 5**. [Brasília]: Ministério de Minas e Energia, 29 jan. 2014. Disponível em: <http://www.abeda.org.br/wp-content/uploads/2018/10/resolucao-anp-n-5-de-29.1.2014-dou-30.1.2014.pdf>. Acesso em 15 fev. 2021.

BRASIL. Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis. **O Painel Dinâmico de Dados de COVID de Instalações de Exploração e Produção**. [Brasília]: Ministério de Minas e Energia, 08 mar. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/anp/pt-br/centrais-de-conteudo/paineis-dinamicos-da-anp/paineis-dinamicos-sobre-exploracao-e-producao-de-petroleo-e-gas/painel-dinamico-de-dados-de-covid-de-instalacoes-de-exploracao-e-producao>. Acesso em 10 fev. 2021.

BRASIL. [Comissão Tripartite Paritária Permanente]. **Portaria MTb n.º 1.186, de 20 de dezembro de 2018**. NR-37 Segurança E Saúde Em Plataformas De Petróleo. [Brasília]: Diário Oficial da União, 21 dez. 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-previdencia/pt-br/composicao/orgaos-especificos/secretaria-de-trabalho/inspecao/seguranca-e-saude-no-trabalho/ctpp-nrs/nr-37-atualizada-2022.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2020. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 14 maio 2021.

BRASIL. **Lei nº 12.351, de 22 de dezembro de 2015**. Dispõe sobre a exploração e a produção de petróleo, de gás natural e de outros hidrocarbonetos fluidos, sob o regime de partilha de produção, em áreas do pré-sal e em áreas estratégicas; cria o Fundo Social - FS e dispõe sobre sua estrutura e fontes de recursos; altera dispositivos da Lei nº 9.478, de 6 de agosto de 1997; e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12351.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12351.htm). Acesso em: 12 abr. 2022.

BRASIL. **Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8080.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm). Acesso em: 14 abr. 2021.

BRASIL. [Ministério do Trabalho]. Política Nacional de Segurança e Saúde do Trabalhador (PNSST). [Brasília]: nov. 2004. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_seguranca\\_saude.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_seguranca_saude.pdf). Acesso em: 07 de jun. 2021.

BROWN, Wendy. **Nas Ruínas do Neoliberalismo**. Tradução por Mario A. Marino, Eduardo Altheman C. Santos. - São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

CABETE, Ricardo Porto. Proposta de Métricas de Indicadores de Segurança de Processos para Instalações de Produção de Óleo e Gás Offshore. **Dissertação** (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2014.

CAMPOS, Mônica Regina de Moraes. MATTA, Gustavo Corrêa. A construção social da família: elementos para o trabalho na atenção básica. *In*: MOROSINI, Márcia Valéria G. C.; CORBO, Anamaria D'Andrea (Org.). **Modelos de atenção e a saúde da família**. Rio de Janeiro: ESPJV/FIOCRUZ, 2007. p. 107-150.

CARNUT, L.; FAQUIM, J. P. S. Conceitos de família e a tipologia familiar: aspectos teóricos para o trabalho da equipe de saúde bucal na estratégia de saúde da família. **Journal of Management & Primary Health Care**, v. 5, n. 1, p. 62-70, abr. 2014. Disponível em: <https://www.jmphc.com.br/jmphc/article/view/198>. Acesso em: 12 de set. 2021.

CASARA, Rubens. **Contra a Miséria Neoliberal**: racionalidade, normatividade e imaginário. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

Casos de COVID explodem nas plataformas. Rio de Janeiro: **Sindipetro**, 13 jan. 2022. Disponível em: <https://sindipetro.org.br/casos-de-covid-explodem-nas-plataformas/>. Acesso em: 9 mar. 2022.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **A Família como Modelo**: Desconstruindo a patologia. São Paulo: Ed. Psy II, 1994.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. Pensando a família sistematicamente. Cerveny, Ceneide Maria De Oliveira, and Berthoud, Cristiana Mercadante Esper (Org.). **Visitando a Família Ao Longo Do Ciclo Vital**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2004.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. 4ed. Rio de Janeiro: Gaal, 1999.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa**: Métodos qualitativos, quantitativos e mistos. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2ª ed Porto Alegre: Ed. Artmedes, 2007.

DAL RI, Neusa Maria; SILVA, Cláudio Rodrigues da. Princípios educativos comuns e transcendentais em movimentos sociais dos trabalhadores: owenistas, cartistas britânicos e movimento dos trabalhadores sem terra. **E-Curriculum** vol.17, n.2, São Paulo, abr./jun 2019. Disponível em:

<http://educa.fcc.org.br/pdf/curriculum/v17n2/1809-3876-curriculum-17-02-699.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2022.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEJOURS, Christopher. **A loucura do trabalho**: psicopatologia do trabalho. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 1992.

DELGADO, Josefa. Ainda Que é o "ser da família"? **Texto & Contexto - Enfermagem**. 2005, v. 14, n. spe., pp. 86-94. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072005000500011>. Acesso em 22 fev. 2022.

DONZELOT, Jacques. **A Polícia das Famílias**. Tradução M. T. da Costa Albuquerque. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

DONATI, Pierpaolo. **Família no século XXI**: abordagem relacional. Tradução: João Carlos Petrini. São Paulo: Paulinas, 2008.

DUTRA, Luís Eduardo Duque. **Capital petróleo**: a saga da indústria entre guerras, crises e ciclos. Rio de Janeiro: Garamond, 2019. Disponível em: [https://www.abdib.org.br/wp-content/uploads/2020/01/Capital\\_Petroleo\\_Capitulos\\_30\\_31.pdf](https://www.abdib.org.br/wp-content/uploads/2020/01/Capital_Petroleo_Capitulos_30_31.pdf). Acesso em 03 mar. 2022.

ENGELS, F. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. 9.ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2021.

ENGELS, F. **A Situação da Classe Operária na Inglaterra**. Trad. B. A. Shumann. São Paulo: Boitempo, 2010.

POLÍTICA DE PREÇOS DA PETROBRÁS: entenda como funciona. **InfoMoney**. 29 mar. 2022. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/mercados/politica-de-precos-da-petrobras-petr3petr4-entenda-como-funciona/>. Acesso em: 15 abr. de 2022.

ESPING-ANDERSEN, Gosta. O futuro do welfare state na nova ordem mundial. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política** [online]. 1995, n. 35, pp. 73-111. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-64451995000100004>. Acesso em: 7 dez. 2021.

ESPING-ANDERSEN, Gosta. As três economias políticas do welfare state. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política** [online]. 1991, n. 24, pp. 85-116. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-64451991000200006>. Acesso em: 2 dez. 2021.

FACIO, Alda; FRIES, Lorena. Feminismo, género y Patriarcado. **Revista sobre Del Derecho de Buenos Aires**. 2005, ano 3, n. 6, pp. 259-294. Disponível em: <https://revistas-colaboracion.juridicas.unam.mx/index.php/revista-ensenianza-derecho/article/viewFile/33861/30820>. Acesso em: 22 maio 2021.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpos e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FERNANDES, Idilia. A Dialética das Possibilidades: a face interventiva do Serviço Social. **Revista Textos & Contextos**. Porto Alegre, v. 4 N° 1, 2005.

FERNANDES, Simone Zappe. Análise da segurança de processo baseada em riscos de vida das plataformas de petróleo. **Dissertação** (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola Politécnica e Escola de Química, Programa de Engenharia Ambiental, Rio de Janeiro, 2018.

FIGUEIREDO, Marcelo. **A face oculta do ouro negro**: trabalho, saúde e segurança na indústria petrolífera offshore na Bacia dos Campos. 2 ed. Rio de Janeiro: Eduff, 2016.

FILHO Anastácio P. G; et al. Cultura e Gestão da Segurança no Trabalho: Uma proposta de modelo. **Gest. Prod.**, São Carlos, v.18, n.1, p. 205-220, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/gp/v18n1/15.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2020.

FILHO, Marcelo Soares Bandeira de Mello. A economia política do governo Reagan: Estado neoliberal, tributação e gasto público nos Estados Unidos da América entre 1981 e 1988. **Dissertação** (Economia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2010. Disponível em: <https://www.ie.ufrj.br/images/IE/PPGE/disserta%C3%A7%C3%B5es/2010/MARCELO%20SOARES%20BANDEIRA%20DE%20MELLO%20FILHO.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2021.

FLIN, R.; AGNEW, C. Human factors in safety management: safety culture, safety leadership and non-technical skills. In Samman, S.N. (ed.) **Human factors and ergonomics for the Gulf Cooperation Council**: processes, technologies and practices. Boca Raton: CRC Press [online], v. 3, 2018, pp 43-64. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/9781498781909>. Acesso em: 8 ago. 2021.

FRANÇA, Josué E. M.; SANTOS, Isaac J. L. dos. A RIO OIL & GAS EXPO AND CONFERENCE, 2014, Rio de Janeiro. **FATORES HUMANOS E GESTÃO DE RISCOS OFFSHORE** [...]. [S. l.: s. n.], 2014. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Josue-Franca/publication/281840243\\_Fatores\\_Humanos\\_e\\_Gestao\\_de\\_Riscos\\_Offshore/links/55fab2c608aeafc8ac3f0c81/Fatores-Humanos-e-Gestao-de-Riscos-Offshore.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Josue-Franca/publication/281840243_Fatores_Humanos_e_Gestao_de_Riscos_Offshore/links/55fab2c608aeafc8ac3f0c81/Fatores-Humanos-e-Gestao-de-Riscos-Offshore.pdf). Acesso em: 10 out. 2022.

FREIRE, Marcos Vinícius Soares Serra. Equilíbrio entre vida pessoal e vida profissional: existe diferença de percepção entre trabalhadores de diferentes estratos socioeconômicos? **Dissertação** (Mestrado em Administração de Empresas) - Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresa da PUC-RIO, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/30721/30721.PDF>. Acesso em: 5 set. 2022.

FREITAS, *et al.* Acidentes de trabalho em plataformas de petróleo da Bacia de Campos. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, 2001, pp. 117-130.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. *In*: FAZENDA, Ivani (org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 6ª ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2000.

CONHEÇA as empresas que formam consórcio vencedor de Libra. **G1**: São Paulo, 21 out. 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2013/10/conheca-quem-sao-empresas-que-formam-consorcio-vencedor-de-libra.html>. Acesso em: 13 jun. 2022.

GANEM, Angela. Hayek: da teoria do mercado como ordem espontânea ao mercado como fim da história. **Revista de sociologia política**, Florianópolis, vol. 11, nº 22, nov. 2012, p.93-117. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2012v11n22p93/23763>. Acesso em: 2 jun. 2022.

GASPAR, Ricardo Carlos. A trajetória da economia mundial: da recuperação do pós-guerra aos desafios contemporâneos. **Cadernos Metrópole** [online]. 2015, v. 17, n. 33, p. 265-296. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2015-3312>. Acesso em: 18 mar. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: ed. Atlas, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: ed. Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de S.Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/20595>. Acesso em 25 set. 2020.

GOMEZ, Carlos Minayo, Vasconcellos, Luiz Carlos Fadel de e Machado, Jorge Mesquita Huet. Saúde do trabalhador: aspectos históricos, avanços e desafios no Sistema Único de Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2018, v. 23, n. 6. pp. 1963-1970. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.04922018>. Acesso em: 08 ago. 2022.

GONÇALVES, Vinícius Batista; ANDRADE, Daniela Meirelles. A corrupção na perspectiva durkheimiana: um estudo de caso da Operação Lava Jato. **Rev. Adm. Pública** 53 (2), mar-abr. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-761220180192>. Acesso em: 12 mar. 2022.

GOVERNO sanciona lei que cria a Petrobrás. Memorial da Democracia. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/e-criada-a-petrobras>. Acesso em: 19 jan. 2023.

GUERRA, Yolanda. **A instrumentalidade no trabalho do assistente social**. Brasília, CFESS, ABEPSSCEAD – UNB, 2000.

GUERRERO, Juan. Los roles no laborales y el estres en el trabajo. **Revista Colombiana de Psicología**, n. 12, pp 73-84, 2003. Disponível em: <https://redalyc.org/articulo.oa?id=80401207>. Acesso em: 25 set. 2022.

GUIDA, Hilka Flávia Saldanha; FIGUEIREDO, Marcelo Gonçalves; HENNINGTON, Élide Azevedo. Perfil do trabalho fatal na empresa de petróleo no período de acidentes de 2001 a 2016. **Rev. bras. saúde ocup.**, São Paulo, v. 45, Ed. 31, 2020. Disponível em [http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0303-76572020000102406&lng=en&nrm=iso](http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572020000102406&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 3mar. 2022.

GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro; PAULA, Marlúbia Correa de. ANÁLISE de Conteúdo a partir de MORAES: abordagem metodológica. *In*: GUIMARÃES, Gleny; PAULA, Marlúbia. **Análise de Conteúdo e Análise de Discurso**: reflexões teórico-metodológicas em diferentes vertentes. 1ª. ed. São Paulo: Alexa, EDUA: Manaus, 2022.

HAMID, Femida Abdul. Prática de Conciliação Trabalho/Família em Organização de excelência. **Dissertação** de mestrado em Gestão. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2012.

HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Trad. De Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 12ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

HIRATA, Helena. Teorias e práticas do care: estado sucinto da arte, dados de pesquisa e pontos em debate *In*: NALU Faria (Org.), MORENO, Renata (Org.). **Cuidado, trabalho e autonomia das mulheres**. São Paulo: SOF, 2010. Disponível em:

[https://br.boell.org/sites/default/files/sof\\_cuidado\\_trabalho\\_e\\_autonomia\\_das\\_mulheres\\_bollbrasil.pdf](https://br.boell.org/sites/default/files/sof_cuidado_trabalho_e_autonomia_das_mulheres_bollbrasil.pdf). Acesso em: 2 nov. 2021.

HORST, Claudio Henrique Miranda; MIOTO, Regina Celia Tamasso. Crise, neoconservadorismo e ideologia da família. *In*: PAIVA, Simone Sobral Sampaio. **Serviço social**: questão social e direitos humanos. Florianópolis: Editora da UFSC, 2021. P.34-58.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. 21. ed. Revista. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

IAMAMOTO, Marilda V. **O serviço social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

IVO, Alex de Souza. Uma história em verde, amarelo e negro: classe operária, trabalho e sindicalismo na indústria do petróleo (1949-1964). **Dissertação**

(Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, Salvador, 2008. Disponível em:

[https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/2008.\\_ivo\\_alex\\_de\\_souza.\\_uma\\_historia\\_em\\_verde\\_amarelo\\_e\\_negro\\_classe\\_operaria\\_trabalho\\_e\\_sindicalismo\\_na\\_industria\\_do\\_petroleo\\_1949-1964.pdf](https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/2008._ivo_alex_de_souza._uma_historia_em_verde_amarelo_e_negro_classe_operaria_trabalho_e_sindicalismo_na_industria_do_petroleo_1949-1964.pdf). Acesso em: 28 jan. 2022.

JUCHEM, Vinícius Viana. A cobertura jornalística da revista *Veja* sobre a crise política de 1992. **Dissertação** (mestrado), Pós-graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/4405/37b.pdf?sequence=1>. Acesso em: 7. dez. 2021.

JULIANO, Maria Cristina Carvalho; YUNES, Maria Angela Mattar. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. **Ambiente & Sociedade**, v. 17, n. 3, 2014, pp. 135-154. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-753x2014000300009>. Acesso em: 02 nov. 2022.

JUNIOR, Celso Carvalho. A criação da Petrobras nas páginas dos jornais *O Estado de São Paulo* e *Diário de Notícias*. **Dissertação** (Mestrado), Faculdade de Ciências e Letras UNESP, 2005. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93426/carvalhojr\\_c\\_me\\_assis.pdf?sequence=1](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93426/carvalhojr_c_me_assis.pdf?sequence=1). Acesso em: 19 mar. 2022.

JÚNIOR, Ilmar Penna Marinho. **Petróleo**: política e poder: um novo choque do petróleo? Rio de Janeiro: José Olympio. 1989.

KELLER; Suéllen Bezerra Alves. A Ascensão do conservadorismo e o esgotamento do projeto neodesenvolvimentista: implicações profissionais ao serviço social. **Tese (doutorado)**, Pós-graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS, Porto Alegre, RS, 2019.

KERN, Francisco Arseli. A rede como estratégia metodológica de operacionalização do SUAS. **Seminário Nacional De Serviço Social, Trabalho e Política Social**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. 27 a 29 out. 2015.

LARA, Ricardo. Saúde do trabalhador: considerações a partir da crítica da economia política. *In*: LOURENÇO, Edvânia Ângela de Souza. **Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora e Serviço Social**: Estudos da Relação Trabalho e Saúde no Capitalismo Contemporâneo. Campinas: Papel Social, 2016.

LARENTIS, Ariane Leites *et al.* Parecer sobre contaminações por Covid-19 a bordo de plataformas e contribuições para investigação da caracterização do nexos causal entre a doença e o trabalho no setor de petróleo e gás. Rio de Janeiro: ENSP/Fiocruz, 2020.

LEITE, Rose M. dos S. C. O Trabalho nas Plataformas Marítimas de Petróleo na Bacia de Campos: A Identidade do trabalhador offshore. **Dissertação**. Mestrado em Serviço Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

LEITE, Rose M. dos S. C. Vida e trabalho na indústria de petróleo em alto mar na Bacia de Campos. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2009, v. 14, n. 6, pp. 2181-2189. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000600025>. Acesso em: 1 ago. 2021.

LERNER, Gelda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

LEWIS, Jane; PORTER, Marilyn; SHRIMPTON, Mark. *Women, Work and Family in the British, Canadian and Norwegian Offshore Oilfields*. London: The Macmillan Press, 1988.

LOSACCO, S. O jovem e o contexto familiar. In: ACOSTA, A.R.; VITALE, M.A.F. (Org.). **Família: redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: Cortez: PUC/SP, 2018, p.63-76.

LOSICER, E. Confinados! **Revista Lugar Comum**, UniNômade Brasil, n. 21-22, p. 185-192, 2010. Disponível em: [https://uninomade.net/wp-content/files\\_mf/113003120828Confinados%20-%20Eduardo%20Losicer.pdf](https://uninomade.net/wp-content/files_mf/113003120828Confinados%20-%20Eduardo%20Losicer.pdf). Acesso em mar. 2022.

LOURENÇO, Edvânia Ângela de Souza. Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora no Capitalismo Contemporâneo. In: LOURENÇO, Edvânia Ângela de Souza. **Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora e Serviço Social**: Estudos da Relação Trabalho e Saúde no Capitalismo Contemporâneo. Campinas: Papel Social, 2016. cap. 1, p. 29-47

LUKÁCS, G. **Os Princípios Ontológicos Fundamentais de Marx**. Ontologia do ser social. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Livraria de Ciência Humanas, 1979.

MAFFESOLI, Michel. A Comunicação Sem Fim (teoria pós-moderna da comunicação). **Revista FAMECOS**, v. 10, n. 20, pp 13-20, 2003. Acesso em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/articles/view/3198>. Acesso em: 13 set. 2022

MARCONI, Marina A; LAKATOS, Eva M. **Técnicas de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MAR do Norte. In: **Sua Pesquisa**. [S. l.: s. n.]. Disponível em: [https://www.suapesquisa.com/geografia/mar\\_norte.htm](https://www.suapesquisa.com/geografia/mar_norte.htm). Acesso em: 15 jun. 2021.

MARSIGLIA, Regina Maria G. **Serviço Social e Saúde**: formação e trabalho profissional. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MARTINELLI, Maria Lúcia; MORAIS, Josiane. A Importância da Categoria Mediação para o Serviço Social. In: **XX Seminário Latinoamericano De Escuela De Trabajo. Universidad Nacional De La Plata**: [s.n.], Argentina, Buenos Aires, 2012. Disponível em:

<http://www.cressrn.org.br/files/arquivos/Y6O09Vi7X17oOE584R0e.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2020.

MARTINS, Luis Carlos dos Passos. **Petróleo e “nacionalismo” no segundo governo Vargas**: o debate em torno da criação da Petrobrás. *Historiæ*, Rio Grande, 6 (2): 401-425, 2015.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital [1867] (trad. Rubens Enderle). São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. (trad. Maria Lucia Como) Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

MEDINA, Pedro Leonardo Neves. Uma abordagem da teoria dos jogos para ratear os benefícios oriundos da injeção de gás rico em CO<sub>2</sub> nos reservatórios do pré-sal. **Dissertação** (Mestrado), UFRJ/ COPPE/ Programa de Planejamento Energético, Rio de Janeiro, RJ, 2012. Disponível em: [http://www.ppe.ufrj.br/images/publica%C3%A7%C3%B5es/mestrado/Pedro\\_Leonardo\\_Neves\\_Medina.pdf](http://www.ppe.ufrj.br/images/publica%C3%A7%C3%B5es/mestrado/Pedro_Leonardo_Neves_Medina.pdf). Acesso em: 2 maio 2022.

MELO, Carlos. **Collor**: o ator e suas circunstâncias. São Paulo: Novo Conceito, 2007.

MINAYO, Maria C. S *et al.* **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. 21<sup>a</sup> ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MENDES, Jussara Maria Rosa; WUNSCH, Dolores Sanches. Serviço Social e a saúde do trabalhador: uma dispersa demanda. **Serv. Soc.**, São Paulo, n. 107, p. 461-481, set. 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-66282011000300005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282011000300005&lng=en&nrm=iso). Acesso em 13 out. 2020.

MINISTÉRIO da Saúde. Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde no Brasil. Brasília: Ministério da Saúde do Brasil, 2001.

MIOTO, Regina C. Família, trabalho com famílias e Serviço Social. **Serviço Social em Revista**, v. 12, n. 2, 2010. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/7584/6835>. Acesso em: 19 abr. 2022.

MORAES, R. Análise de Conteúdo: limites e possibilidades. *In*: ENGERS, M.E.A. (Org). **Paradigmas e metodologias de pesquisa em educação**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1994, p. 103 a 111.

MORAES, Roque. Uma experiência de pesquisa coletiva: introdução à análise de conteúdo. *In*: GRILLO, M.C.; MEDEIROS, M.F. (Org.). **A construção do conhecimento e sua mediação metodológica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p.111-130.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Educação-PUCRS, Porto Alegre, ano XXII (37): 7-32, março 1999.

MOREIRA, Regina da Luz; NIEMEYER, Sérgio Tadeu de. **E ele voltou...** o segundo governo Vargas. Fundação Getúlio Vargas [site oficial]. [s.a]. Disponível em:

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/EleVoltou/Petrobras>. Acesso em: 20 mar. 2022.

MOREIRA, Denise Wolffenbüttel; ROXO, Nara Soter; TOMAZ, Susana (Org.). **Sindipetro-RS – 50 Anos - Resgatando o passado, fortalecendo o presente e projetando o futuro**. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

MORRICE, J. K. W; TAYLOR, R. C; CLARCK, D; MCCANN, Kathryn. Oil Wives and Intermittent Husbands. **British Journal of Psychiatry**. v. 147, 1985, p. 479-483.

MORRICE, J. R. TAYLOR, R.; MCCANN, K. Oil wives and intermittent husbands. **Br J Psychiatry** .1985, pp. 147:479-83.

NEGRÃO, João José de Oliveira. O governo FHC e o neoliberalismo. **Lutas sociais**, 1996. Disponível em:

[http://www4.pucsp.br/neils/downloads/v1\\_artigo\\_negrao.pdf](http://www4.pucsp.br/neils/downloads/v1_artigo_negrao.pdf). Acesso em: 2 dez. 2021.

NETTO, José Paulo. A Reconceituação: ainda viva, 40 anos depois. In: ALAYÓN, N. (Org.). **Trabajo Social latino americano. A 40 años de la Reconceptualización**. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2005.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria; ROMAO-DIAS, Daniela; DI LUCCIO, Flávia. Uso de entrevistas on-line no método de explicitação do discurso subjacente (MEDS). **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 36-43, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722009000100006&Ing=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722009000100006&Ing=en&nrm=iso). Acesso em 5 set. 2020

NOGUEIRA-MARTINS, Maria Cezira Fantini; BOGUS, Cláudia Maria. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 44-57, 2004. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902004000300006&Ing=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902004000300006&Ing=en&nrm=iso). Acesso em 12 de set. de 2020.

OIT (Organización Internacional del Trabajo). Seguridad del Trabajo en Instalaciones Petrolíferas. en el Mar y Asuntos Conexos. Ginebra: Oficina Internacional del Trabajo. 1993.

OMS. [Organização Pan-Americana da Saúde] CID: burnout é um fenômeno ocupacional. [S.l.: s.n.], 28 maio 2019. Disponível em:

<https://www.paho.org/pt/noticias/28-5-2019-cid-burnout-e-um-fenomeno-ocupacional>. Acesso em: 28 fev, 2022.

PARKES, Katharine R., CARNELL, Susan C., FARMER, Elly L. 'LIVING TWO LIVES', **Community, Work & Family**, 8:4, pp.413-437, 2005.

PENNA, Lincoln de Abreu. Os panfletários da República: a campanha do petróleo na imprensa nacionalista. **ALCEU** - v.4 - n.7 - p. 83 a 98 - jul./dez. 2003. Disponível em: <http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu-n7-Penna.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2022.

PEREIRA, Cláudia Moraes e Silva; SCHIMANSKI, Edina. Família, gênero e novas configurações familiares: um olhar sobre a mulher e a condição de pobreza. **Revista Acadêmica Magistro**, v. 2, n. 8, 2013. p. 163-179.

PETROBRAS. [Site oficial] Disponível em: <https://petrobras.com.br/pt/>. Acesso em: 16 set. 2003. Petrobrás

PEYERL, D. **O petróleo no Brasil**: exploração, capacitação técnica e ensino de geociências (1864-1968). São Bernardo do Campo, SP: Editora UFABC, 2017. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/jxw3s/pdf/peyerl-9788568576786.pdf>. Acesso em 20 mar. 2022.

PEYON, Eduardo Rodrigues. **Sobre o trabalhador contemporâneo**: diálogos entre a psicanálise e a psicodinâmica do trabalho. São Paulo: Blucher, 2018.

PINHEIRO, Silvia Silva Martins; SOUZA, Márcia de Paula; GUIMARÃES, Karoline Claudino. Uberização: a precarização do trabalho do capitalismo contemporâneo. **Revista Serviço Social em debate**. Nº 2, v. 1, 2018, p. 53-68.

PLATAFORMA P-61 entra em produção em Papa Terra, no RJ. Petrobrás, blog Fatos e Dados, março de 2015. Disponível em: <https://petrobras.com.br/fatos-e-dados/plataforma-p-61-entra-em-producao-em-papa-terra-no-rj.htm>. Acesso em: 19 jan. 2023.

PONTES, Reinado Nobre. **Mediação e serviço social**: um estudo preliminar sobre a categoria teórica e sua apropriação pelo serviço social. São Paulo: Cortez, 1995.

POSTER, Mark. **Teoria Crítica da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PRADO, Eleutério F.S; (Neo)Liberalismo da ordem natural a ordem moral. **Revista Outubro**, n. 18, 2009. P. 149-175. Disponível em: <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-18-Artigo-06.pdf>. Acesso em: ago. 2021.

PRATES, Jane C. O método marxiano de investigação e o enfoque misto na pesquisa social uma relação necessária. **Textos & Contextos**. Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 116 - 128, jan./jul. 2012. Disponível em: [http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/7985/2/O\\_metodo\\_marxiano\\_de\\_investigacao\\_e\\_o\\_enfoque\\_misto\\_na\\_pesquisa\\_social\\_uma\\_relacao\\_necessaria.pdf](http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/7985/2/O_metodo_marxiano_de_investigacao_e_o_enfoque_misto_na_pesquisa_social_uma_relacao_necessaria.pdf). Acesso em: 23 jul. 2020.

PRATES, Jane Cruz; CARRARO, Gissele. “Na prática a teoria é outra” ou separar é armadilha do capitalismo? **Revista Argumentum**. Vol. 9, n. 2. 2017, pp. 161-171. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=475555301014>. Acesso em mar. 2022.

Pré-Sal Petróleo. [Ministério de Minas e Energia]. Contratos de Partilha. [S.l.: s.n.] Disponível em: <https://www.presalpetroleo.gov.br/contratos-de-partilha/>. Acesso em: 30 jan. 2021.

Pré-sal. Site da Petrobrás. Disponível em: <https://petrobras.com.br/pt/nossas-atividades/areas-de-atuacao/exploracao-e-producao-de-petroleo-e-gas/pre-sal/>. Acesso em: 2 maio 2022.

PRIORE, Mary Del. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

QUEDA de helicóptero em pouso forçado provoca morte em região próxima à plataforma da Petrobrás na Bahia. Rio de Janeiro: Sindipetro, 17 mar. 2022. Disponível em: <https://sindipetro.org.br/queda-s-76/>. Acesso em: 9 mar. 2022.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

RAMOS, Tales. Lucro histórico: Petrobras lidera lista das mais lucrativas do 1º tri. Revista Exame. 25 maio de 2022. Disponível em: <https://exame.com/invest/mercados/lucro-historico-petrobras-lidera-lista-das-mais-lucrativas-do-1o-tri/>. Acesso em: 02 jun. 2022.

RATHBONE, Dominic. **História ilustrada do mundo antigo**. São Paulo: Publifolha, 2011.

REDAÇÃO bem Paraná. Motoboys de aplicativos fazem protestos em Curitiba e lutam por direitos. 2021. Disponível em: <https://www.bemparana.com.br/noticia/motoboys-de-aplicativos-fazem-protestos-em-curitiba-e-lutam-por-direitos#.YOTE9uhKjIU>. Acesso em: 6 jul.2021.

RICHERS, Rosane Schmalz. Cultura de Segurança: estudo exploratório em organização com sistema OHSAS de gestão da saúde e segurança do trabalho. **Tese de doutorado** em Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-09122009-155620/pt-br.php>. Acesso em: 12 nov. 2022

ROSEN, George. **Uma História de Saúde Pública**. Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 1994.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A Família em Desordem**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

RUARO, Regina Linden; PROENÇA, Fabrício Quixadá Steindorfer. **Revista da AGU**, n. 2014, v.02, 2015, p.262-283. Disponível em: [https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/11556/2/ASPECTOS\\_ECONOMICOS\\_E\\_JURIDICOS\\_DA\\_EXPLORACAO\\_DO\\_PETROLEO\\_breve\\_introducao\\_ao\\_contrato\\_de\\_partilha\\_da\\_producao.pdf](https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/11556/2/ASPECTOS_ECONOMICOS_E_JURIDICOS_DA_EXPLORACAO_DO_PETROLEO_breve_introducao_ao_contrato_de_partilha_da_producao.pdf). Acesso em: 20 jan. 2022.

S&P Global. **[Site oficial]**. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <https://www.spglobal.com/commodityinsights/pt>. Acesso em: 6 dez. 2020.

SÁ, Roger dos Anjos de. A radicalização do neoliberalismo e o crescimento da dívida pública interna no Governo FHC (1995- 2002). **Élisée, Rev. Geo.** UEG – Anápolis, v.5, n.1, p.193-204, jan./jun. 2016.

SALLES, Denise Medeiros Ribeiro; COSTA, Isabel de Sá Affonso da; Representações do trabalho: estudo sobre confinamento na indústria petrolífera. **Revista de Administração de Empresas** [online]. v. 53, n. 3, 2013, p. 230-242. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75902013000300002>. Acesso em: 24 maio 2022.

SAMPIERI, Roberto, H.; COLLADO, CARLOS, F.; LUCIO, Pilar, B. **Metodologia de Pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SANICOLA, Lia. **As Dinâmicas de Rede e o Trabalho Social**. Tradução: Durval Cordas. Veras Editora: São Paulo, 2015.

SANTOS, E. P. A. Fundamentos do serviço social e o trabalho com famílias: o desvendar teórico-metodológico do trabalho profissional no âmbito da política habitacional. **Dissertação** (Mestrado em Serviço Social) – Instituto de Ciências Sociais Aplicada – Universidade Federal do Pará. Belém, p. 226, 2021.

SAUER, Ildo. O ato mais entreguista da história foi o leilão de petróleo para Eike. **Revista Adusp**, out. 2011, pp.6-27 n. 51. Disponível em: <http://www.iee.usp.br/sites/default/files/biblioteca/producao/2011/Artigos%20de%20Periodicos/sauerato.pdf>. Acesso em 12 mar. 2022.

SAUER, Ildo L; RODRIGUES, Larissa Araújo. Pré-sal e Petrobras além dos discursos e mitos: disputas, riscos e desafios. **Crise e projetos, Estud.** av. 30 (88), 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Yb8cw4PCbpbwTxvsDyDBTZS/?lang=pt>. Acesso em 3 mar. 2022.

SEIBEL, Erni J. O declínio do welfare state e a emergência do estado prisional Tempos de um novo puritanismo? Civitas – **Revista de Ciências Sociais**, v. 5. n. 1, jan.-jun. 2005.

SELIGMANN-SILVA, E. **Desgaste mental no trabalho dominado**. São Paulo: Cortez; Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

Shell – quem somos. [**Site oficial**]. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <https://www.shell.com.br/sobre-a-shell/quem-somos.html>. Acesso em: 3 ago. 2021.

SILVA, Talita Nunes. As estratégias de ação das mulheres transgressoras em Atenas no V século a.C. **Dissertação** (Mestrado), Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1507.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2021.

SILVA, Wilson Cedraz da. Governança, gestão de riscos e conformidade: Petrobras e Eletrobrás, antes e depois da Operação Lava Jato. **Dissertação** (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Escola de Administração, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/23655>. Acesso em: 12 fev. 2022.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

Souza, Diego O. As dimensões da precarização do trabalho em face da pandemia de Covid-19. Trabalho, **Educação e Saúde**, v. 19, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/7rJ6TkW8Cs88QkbNwHfdkxb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 10 out. 2022.

SOUZA, Leonardo Silveira de. O pré-sal brasileiro e suas vertentes: da evolução geológica ao mercado internacional do petróleo. **Tese** (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, 2019.

SOUZA, Silvano Denega. O Brasil do pré-sal: soberania permanente sobre os recursos naturais como responsabilidade ambiental internacional. **Dissertação** (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, SC, 2012.

STANLEY, Jason. **Como funciona o facismo**: a política do “nós” e “eles”. Tradução: Bruno Alexander. Porto Alegre: L&PM, 2018.

TEIXEIRA, Solange Maria; CRONEMBERGER, Izabel Herika Gomes Matias. Familismo na política social brasileira e as mulheres. **Revista FSA**, Teresina, v. 9, n. 2, pp. 205-221, ago./dez. 2012. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/viewFile/45/57>. Acesso em: 7 dez.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**: Para todas, todes e todos. 7ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VILARINO, Ramon Casas. Imperialismo e petróleo: a formação dos trustes e do cartel internacionais. **Lutas Sociais**, São Paulo, n.25/26, p.88-104, 2º sem. de 2010 e 1º sem. de 2011.

VARGAS, G. D. **A política nacionalista do petróleo no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

WACHS, Priscila. IDENTIFICAÇÃO DE HABILIDADES NÃO TÉCNICAS E DE FATORES PARA COMPOSIÇÃO DE CENÁRIOS DE TREINAMENTO: um estudo de caso em uma distribuidora de energia elétrica. 2011. **Dissertação** (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/34754>. Acesso em: 10 ago. 2021.

WOLF, Paulo José Whitaker; OLIVEIRA, Giuliano Contento de. Os Estados de Bem-Estar Social da Europa Ocidental: tipologias, evidências e vulnerabilidades. **Econ. soc.** 25, set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ecos/a/9vKSK5yzm44dCyqyYYggyYG/?lang=pt>. Acesso em: 2 dez. 2021

ZAMIGNANI; Denis R. BANACO, Roberto A. Família homoparental e Identidade. **Família e Identidade** (org.) Brandão, Célia. 1ª ed. Curitiba: Appris, p.175-203. 2021.

## APÊNDICE A – Termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

O projeto apresentado ao comitê de ética da universidade e ao comitê da plataforma Brasil, está alicerçado nos cuidados éticos em pesquisa em concordância com as exigências das Resoluções do Conselho Nacional de Saúde. Os participantes foram informados previamente sobre o objetivo da pesquisa e decidiram por participarem. No primeiro contato via e-mail, foi encaminhado o termo de consentimento livre e esclarecido como parte do processo de consentimento de respectivo registro e a/o participante, sendo esclarecido quanto à participação na pesquisa intitulada “Integração de fatores humanos e resiliência para o fortalecimento da cultura de segurança na indústria de óleo e gás”- (O&G), que está sob a responsabilidade/coordenação do Prof. Dr. Eduardo Giugliani e que tem como objetivo de “desenvolver métodos, modelos, ferramentas e tecnologias para orientação e suporte à implementação de um programa de fatores humanos que fomenta a resiliência e a segurança na indústria de óleo e gás”. Essa etapa é coordenada pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Isabel Barros Bellini e teve como objetivo geral “Identificar fatores na relação família e/ou rede de apoio social e trabalhador *offshore* da indústria de O&G que possam contribuir como subsídios para a implementação de uma cultura de segurança operacional”. Foram informados sobre os procedimentos de pesquisa e participação na coleta, que ocorreu de forma online, através de entrevistas individuais pela plataforma Teams, com a previsão de um tempo médio de 1 hora e 30 minutos. As entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo através do aplicativo, transcritas e desidentificadas. O projeto foi avaliado pela Comissão Científica da Escola de Humanidades/PUCRS e inserido na Plataforma Brasil atendendo às requisições do Conselho Nacional de Saúde e do Comitê de Ética da PUCRS conforme Nº 510, de 07 de abril de 2016.

## APÊNDICE B – Roteiro Entrevistas Família e/ou Rede de apoio

### **INÍCIO DA ENTREVISTA:**

Apresentação inicial da pesquisa e uso do “Roteiro para o processo de consentimento e respectivo registro”.

### **DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:**

Gênero: Masculino ( ) Feminino ( )

Idade:

#### **1.1. Se família:**

Grau de parentesco com o trabalhador offshore:

Escolaridade do participante:

Composição da família:

Com quem o trabalhador reside ou considera membro da família:  
parentesco\_\_\_\_\_

Filhos (quando houver) - \_\_\_\_\_ Idades-

Outros familiares (que queiram mencionar):

#### **1.2. Se Rede de Apoio (mentor, amigo, conselheiro, padre, etc.)**

- Qual tipo de vínculo?
- Quem mais faz parte dessa rede?

### **2. ORGANIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA OU DE MEMBRO DA REDE DE APOIO DO TRABALHADOR OFFSHORE:**

#### **2.1.Família**

Como a família se prepara/organiza para o embarque do trabalhador?

Como a família se prepara/organiza para receber o trabalhador quando regressa do embarque?

Como a família sente, percebe o trabalho embarcado?

Como a família se organiza nas atividades cotidianas quando o trabalhador está embarcado? Quais as possibilidades de participação do trabalhador nessas atividades? Participação do trabalhador na educação dos filhos (quando houver).

Participação/envolvimento do trabalhador nas rotinas da família quando está de folga/desembarcado? Quais atividades realiza e com quem? As atividades coletivas? De lazer?

Quando há o adoecimento/acidente/incidente do trabalhador quando está na plataforma como a família se organiza? Participa? Acompanha? Experiências?

Quando há o adoecimento de membros da família como o trabalhador que está na plataforma participa? Acompanha? Experiências?

Que outras atividades o trabalhador participa quando desembarcado? (ex: atividades da sua comunidade, território: festas, culto religioso, ações voluntárias). Como se dá essa participação?

Quais desafios, potencialidades e /ou dificuldades que identifica na convivência, vida familiar ligados ao tipo de trabalho realizado pelo trabalhador?

## **2.2. Rede de apoio (mentor, amigo, padre, etc.)**

Participas de alguma forma de organização para o embarque do trabalhador e/ ou para quando o trabalhador regressa do embarque?

Como se dá a participação/envolvimento do trabalhador em atividades quando está de folga/desembarcado? Quais atividades realiza e com quem? As atividades coletivas? De lazer?

Participas com o trabalhador em atividades da sua comunidade, território: festas, culto religioso, ações voluntárias? Como se dá essa participação?

Participas de alguma forma em situações de adoecimento/acidente/incidente do trabalhador quando ele está na plataforma? Descreva alguma experiência nesse sentido.

Você já precisou alguma vez de apoio do trabalhador em situações como adoecimento ou outra? Descreva alguma experiência nesse sentido.

### **3. COMUNICAÇÃO ENTRE TRABALHADOR OFFSHORE & FAMÍLIA/MEMBRO DA REDE DE APOIO & EMPRESA**

#### **Família ou Membro da Rede de apoio**

Como se dá a comunicação com o trabalhador no período em que está na plataforma? Frequência, motivos, dificuldades, barreiras, facilidades. Descreva alguma experiência nesse sentido.

Já aconteceu alguma situação em que não foi possível contato com o trabalhador que estava embarcado para resolução de algum problema? E como foi resolvido? O que foi feito? Quais as repercussões na família? Descreva a situação.

Quais são as formas de comunicação da família ou rede de apoio com a empresa? (Telefone, contato presencial? Marcação de hora? Solicitação da empresa para comparecimento? Solicitação da família?).

Vocês conversam sobre o trabalho realizado na plataforma? Sobre o que conversam?

Descreva experiências positivas oferecidas pela empresa (ex: confraternização entre trabalhadores e familiares).

### **4. PROTEÇÃO DO TRABALHADOR OFFSHORE (PROCESSOS DE SAÚDE/DOENÇA)**

#### **Família**

Já aconteceram situações de recorrer a empresa por necessidade do trabalhador ou de membros da família (ex: incidentes/acidentes, adoecimento...)? Quais ações foram ofertadas/realizadas? Como estas situações foram acompanhadas pela empresa? Descreva experiências.

Quais os recursos humanos (profissionais da empresa), benefícios diretos e indiretos ofertados pela empresa são possíveis acessar pela família? E em que situação/situações é possível? Descreva experiências.

APÊNDICE C – Roteiro para análise documental

- 1) Tipo de documento:
- 2) Demais documentos co-relacionados:
- 3) Local e data:
- 4) Referências:
- 5) Localizar trechos relativos a dados ou concepções sobre família/rede de apoio social: Convênios/benefícios que envolvem trabalhadores e seus dependentes; comunicação trabalhador-família, atendimento/oferta à família.
- 6) Analisar de quais formas são apresentadas as questões sobre família/rede de apoio social através dos seguintes pontos:
  - a) Concepções explícitas e implícitas utilizadas no documento;
  - B) Dados relativos a família/rede;
  - C) Referências bibliográficas presentes no documento que visam a compreensão/explicação de suas características e condições.
- 7) Propostas ou acompanhamento direcionadas a família e a rede de apoio

**Documentos referentes a pandemia:**

- Tipo de documento:
- Local e data:
- Referências:
- O que mudou em relação ao documento anterior? Quais são as novas orientações relacionados a pandemia?



MEDELINE	Artigo	Epigenetic and Transcriptional Modifications in Repetitive Elements in Petrol Station Workers Exposed to Benzene and MTBE/Modificações epigenéticas e transcricionais em elementos repetitivos em trabalhadores de postos de gasolina expostos ao benzeno e MTBE.	Rota, Federica; Conti, Anastasia; Campo, Laura; Favero, Chiara; Cantone, Laura; Motta, Valeria; Polledri, Elisa; Mercadante, Rosa; Dieci, Giorgio; Bollati, Valentina; Fustinoni, Silvia.	2018	Não localizado	Benzeno / Exposição Ocupacional / Elementos Alu / Indústria de Petróleo e Gás / Éteres Metlicos	Int J Environ Res Saúde Pública ; 15 (4) 2018 04 12.	Este estudo investigou o efeito de produtos químicos nas alterações epigenéticas e transcricionais em elementos repetitivos do DNA . Em 89 trabalhadores de postos de gasolina e 90 sujeitos não ocupacionalmente expostos.	Não
MEDELINE	Artigo	Plant Family-Specific Impacts of Petroleum Pollution on Biodiversity and Leaf Chlorophyll Content in the Amazon Rainforest of Ecuador/Impactos específicos de famílias de plantas da poluição por petróleo na biodiversidade e no conteúdo de clorofila nas folhas da floresta amazônica do Equador.	Arellano, Paul; Tansey, Kevin; Batzler, Heiko; Tellkamp, Markus.	2017	Não localizado	Clorofila / Folhas de Planta / Biodiversidade / Poluição Ambiental / Floresta Úmida / Indústria de Petróleo e Gás	PLoS One ; 12(1): e0169867, 2017.	Este estudo fornece evidências de uma diminuição da diversidade e riqueza das plantas causada pela poluição do petróleo e de uma resposta específica da família da planta do conteúdo de clorofila nas folhas à poluição do	Não
MEDELINE	Artigo	Designing and implementing an interdependent resilience culture/Projetar e implementar uma cultura de resiliência interdependente.	Knapp, Henry Patrick.	2016	Não localizado	Gestão de Riscos / Cultura Organizacional / Planejamento em Desastres / Indústria de Petróleo e Gás	Plano J Bus Contin Emer ; 10 (1): 76-83, 2016.	. Este artigo discute como uma empresa de serviços de campo de petróleo implementou uma cultura de resiliência interdependente .	Não
MEDELINE	Artigo	[Trends of change in demographic indices of population in the area of oil and gas deposits of the republic of Kazakhstan]. [Tendências de mudança nos índices demográficos da população na área de depósitos de petróleo e gás da república do Cazaquistão].	Kenessaryiev, U I; Yerzhanova, A E; Kenessary, D U; Kenessary, A U.	2016	Não localizado	Regionalização da Saúde / Demografia / Saúde Pública / Indústria de Petróleo e Gás	Gig Sanit ; 95(10): 946-9, 2016.	Este trabalho versa sobre o desenvolvimento intensivo de campos de petróleo e gás, os problemas de proteção ambiental e a saúde da população nessas regiões ocorrem de forma crítica.	Não
MEDELINE	Artigo	Association of occupational stress and social support with health-related behaviors among chinese offshore oil workers/Associação de estresse ocupacional e suporte social com comportamentos relacionados à saúde entre trabalhadores chineses do setor petrolífero	<u>Chen, Wei-Qing; Wong, Tze Wai; Yu, Ignatius Tak-Sun.</u>	2008	CIENCIAS DA SAUDE	Occupational stress, Social support, Health-related behaviors, Association, Offshore work, Chinese	Journal of occupational health	Um estudo da Associação de estresse ocupacional e Apoio social com comportamentos relacionados à saúde entre os trabalhadores chineses de petróleo offshore: Wei-Qing CHEN, et al. Departamento de Bioestatística e Epidemiologia	Não
MEDELINE	Artigo	Psychosocial aspects of stress, health and safety on North Sea installations/Aspectos psicossociais do estresse, saúde e segurança nas instalações do Mar do Norte.	Parkes, K R.	1998	Psicologia	comportamento de saúde ; característica do trabalho ; saúde mental ; estresse ocupacional ; instalações offshore de petróleo e gás ;	Parkes KR. Psychosocial aspects of stress, health and safety on North Sea installations. Scand J Work Environ Health. 1998 Oct;24(5):321-33. doi: 10.5271/sjweh.352. PMID: 9869303. REINO UNIDO	Este estudo trata de uma pesquisa com os trabalhadores da indústria de óleo e gás, mas não contempla a família	Não

SCOPUS	Artigo	Resilience in Times of Economic Boom and Bust: A Narrative Study of a Rural Population Dependent upon the Oil and Gas Industry/ Resiliência em tempos de boom econômico e Busto: um estudo narrativo de uma população rural dependente da Óleo e Gás Indústria Open Access	Mahdiani, H., Höllge, J., Theron, L., Ungar, M.	2021	Psicologia	Resiliência em adultos ; estrondo eciclos econômicos de colapso ; Construção da história de vida ; Análise narrativa ; Óleo e gás indústria	Journal of Adult Development 28(2), pp. 149-161	Este artigo relata uma análise narrativa das histórias de vida de residentes reunidas a partir de 37 adultos de uma pequena cidade nas pradarias canadenses dependentes do óleo e gás indústria, empregando as teorias da	Não
SCOPUS	Artigo	Social and environmental reporting, sustainable development and institutional voids: Evidence from a developing country/ <b>Social e relatórios ambientais, desenvolvimento sustentável e vazios institucionais: evidências de um país em desenvolvimento</b>	Alshbili, I., Elamer, A.A., Moustafa, M.W.	2021	Não localizado	países em desenvolvimento ; política ambiental ; vazios institucionais ; óleo e gás indústria; barreiras de relatórios ; social erelatórios ambientais ; desenvolvimento sustentável	Corporate Social Responsibility and Environmental Management 28(2), pp. 881-895	Este estudo adota o conceito de vazios institucionais para examinar as percepções dos gestores, e formuladores de políticas em mercados em desenvolvimento no que diz respeito às barreiras reais que impedem relatórios ambientais (SER)	Não
SCOPUS	Artigo	Evaluating the quality and duration of sleep using actigraphy in petroleum industry shift workers/ <b>Avaliando a qualidade e duração do sono usando actigrafia em petróleo indústria trabalhadores por turnos</b>	Sadeghniai-Haghighi, K., Zahabi, A., Najafi, A., Rahimi-Golkhandan, A., Aminian, O.	2020	Medicina ocupacional	Trabalhadores por turnos ; Duração do sono ; Qualidade do sono	Sleep Health 6(3), pp. 407-410	Este estudo avalia o efeito de diferentes horários de turnos (sete dias / sete noites, dia fixo ou noite fixa, e turno de espera) no sono de trabalhadores de turno da plataforma de óleo e gás.	Não
SCOPUS	Artigo	Multiple approaches to surface water quality assessment provide insight for small streams experiencing oil and natural gas development/ <b>Múltiplas abordagens para avaliação da qualidade das águas superficiais fornecem uma visão para a experiência de pequenos riachos óleo e natural gás desenvolvimento</b>	Walters, A.W., Girard, C.E., Walker, R.H., Farag, A.M., Alvarez, D.A.	2019	Gestão ambiental	Hidrocarbonetos ; Macroinvertebrados ; Sedimento ; Perturbação da superfície ; Qualidade da água	Integrated Environmental Assessment and Management 15(3), pp. 385-397	Este estudo é sobre o Histórico, atual, e futuro óleo e gás natural e como o desenvolvimento pode afetar a qualidade da água em riachos que fluem através de áreas desenvolvidas. C	Não
SCOPUS	Artigo	Regulation under uncertainty: The coevolution of industry and regulation/ <b>Regulação sob incerteza: A coevolução de indústria e regulamento</b>	Sabel, C., Herrigel, G., Kristensen, P.H.	2018	Não localizado	relatórios de incidentes ; meta-regulação ; Noruega ; óleo e gás indústria; incerteza	Regulation and Governance 12(3), pp. 371-394	Neste ensaio, desenvolvemos esses argumentos e olhar atentamente para as mudanças no offshore norueguês óleo e gás indústria e seu regulador, a Autoridade de Segurança do Petróleo para melhor compreender a coevolução de	Não
SCOPUS	Artigo	Mechanisms of public-private partnership between educational institutions and oil and gas industry enterprises/ <b>Mecanismos de parceria público-privada entre instituições de ensino e óleo e gás indústria empreendimentos</b>	Kozlov, A., Tamer, O., Lapteva, S., Poletaeva, O., Shevnina, T.	2018	Não localizado	Instituição educacional ; Treinamento Inovador ; Programas modulares ; Óleo e Gás Indústria; Parceria pública Privada	Journal of Entrepreneurship Education 21(4)	, o objetivo da pesquisa é desenvolver abordagens tecnológicas para a implementação de mecanismos de parceria público-privada de instituições de ensino.	Não

SCOPUS	Artigo	The effects of perceived organizational support, perceived supervisor support and perceived co-worker support on safety and health compliance/ <b>Os efeitos do suporte organizacional percebido, do suporte percebido do supervisor e do suporte percebido do colega de trabalho na conformidade com segurança e saúde</b>	Pujah, L.N., Ong, L.D., Chong, W.Y.	2016	Não localizado	apoio percebido do colega de trabalho ; suporte organizacional percebido ; apoio percebido do supervisor ; segurança e conformidade de saúde	International Journal of Occupational Safety and Ergonomics 22(3), pp. 333-339	Os efeitos do suporte organizacional percebido, suporte do supervisor percebido e apoio percebido do colega de trabalho em segurança e conformidade de saúde.	Não
SCOPUS	Artigo	Age and work environment characteristics in relation to sleep: Additive, interactive and curvilinear effects/ <b>Era e características do ambiente de trabalho em relação ao sono: aditivo, interativo e efeitos curvilineos</b>	Parkes, K.R.	2016		Idade ; Interações ; Trabalhadores offshore ; Características psicossociais / físicas do trabalho ; Dormir	Applied Ergonomics 54, pp. 41-50	O presente estudo examinou interações curvilineas da idade com medidas do ambiente de trabalho em relação à qualidade do sono e duração.	Não
SCOPUS	Artigo	Ready to go! The next generation of mobile highly skilled workforce in the Russian petroleum industry/ <b>Pronto para ir! A próxima geração de força de trabalho móvel altamente qualificada no setor de petróleo indústria russo</b>	Saxinger, G., Örneer, E., Shakirova, E., (...), Yakovlev, M., Gareyev, E.	2016		Regiões de envio de FIFO ; Fly-in / fly-out (FIFO) ; Gestão de recursos humanos ; Óleo e gás indústria; Federação Russa	Extractive Industries and Society 3(3), pp. 627-639	Este artigo fornece insights sobre a motivação de futuros trabalhadores altamente qualificados para se tornarem passageiros de longa distância (LDC) (ou seja, fly-in / fly-out [FIFO] / drive-in / drive-out [DIDO]) para o Ártico remoto e locais de extração de petróleo na região subártica.	Não
SCOPUS	Artigo	Job stressors and employee turnover intention: Lessons learned from Malaysian oil and gas industry/ <b>Estressores do trabalho e intenção de rotatividade de funcionários: Lições aprendidas com a Malásia óleo e gás indústria</b>	Quoquab, F., Mahadi, N., Jamshidian, A., Rasid, S.Z.A.	2015	Não localizado	Burnout ; Intenção de rotatividade de funcionários ; Estressores do trabalho ; Malásia ; Óleo e gás indústria	Advanced Science Letters 21(6), pp. 1746-1749	Este estudo tem como objetivo examinar a relação entre estressores no trabalho, burnout, satisfação no trabalho, e intenção de volume de negócios no contexto da Malásia óleo e gás indústria.	Não
SCOPUS	Artigo	Corporate Diversity Programs and Gender Inequality in the Oil and Gas Industry/ <b>Programas de Diversidade Corporativa e Desigualdade de gênero no Óleo e Gás Indústria</b>	Williams, C.L., Kilanski, K., Muller, C.	2014	Não localizado	diversidade ; desigualdade de gênero no local de trabalho ; óleo e gás indústria; mulheres cientistas	Work and Occupations 41(4), pp. 440-476	Os autores investigam as experiências de mulheres cientistas no óleo e gás indústria que são visados por programas.	Não
SCOPUS	Artigo	"I am ready!": The next generation of mobile professionals in the Russian oil and gas industry/ <b>Estou pronto!": A próxima geração de profissionais móveis na Rússia óleo e gás indústria</b>	Saxinger, G., Örneer, E., Shakirova, E., (...), Yakovlev, M., Gareev, E.	2014	Não localizado	Mercado de trabalho ; Trabalho de deslocamento diário de longa distância ; Óleo e gás indústria; República do Bashkortostan ; Federação Russa ; Juventude	Siberian Historical Research (4), pp. 73-103	Este artigo baseia-se no exemplo de estudantes de famílias de longa distância, que estudam na Ufa State Petroleum Technical University (UGNTU), na República de Bashkortostan.	Não

SCOPUS	Artigo	"I am ready!": The next generation of mobile professionals in the Russian oil and gas industry/" <b>Estou pronto!": A próxima geração de profissionais móveis na Rússia óleo e gás indústria</b>	Saxinger, G., Órner, E., Shakirova, E., (...), Yakovlev, M., Gareev, E.	2014	Não localizado	Mercado de trabalho ; Trabalho de deslocamento diário de longa distância ; Óleo e gás indústria; República do Bashkortostan ; Federação Russa ; Juventude	Siberian Historical Research (4), pp. 73-103	Este artigo baseia-se no exemplo de estudantes de famílias de longa distância, que estudam na Ufa State Petroleum Technical University (UGNTU), na República de Bashkortostan.	Não
SCOPUS	Artigo	Gendered Organizations in the New Economy/ <b>Organizações de gênero na nova economia</b>	Williams, C.L., Muller, C., Kilanski, K.	2012	Não localizado	organizações de gênero ; nova economia ; óleo e gás indústria; mulheres cientistas	Gender and Society 26(4), pp. 549-573	Os estudiosos do gênero baseiam-se na "teoria das organizações de gênero" para explicar a persistente desigualdade de gênero no local de trabalho. Usano um estudo de caso de geocientistas no óleo e gás indústria, aplicamos uma lente de gênero a essa organização de trabalho em evolução.	Não
SCOPUS	Artigo	Safety citizenship behaviour: A proactive approach to risk management/ <b>Comportamento de cidadania de segurança: uma abordagem proativa para gestão de risco</b>	Didla, S., Mearns, K., Flin, R.	2009	Não localizado	Gestão de riscos ; Cidadania de segurança ; Conformidade de segurança ; Cultura de segurança	Journal of Risk Research 12(3-4), pp. 475-483	Este estudo investiga o conceito de SCB, e visa entender os motivadores e consequências para os funcionários que se envolvem neste tipo de comportamento.	Não
SCOPUS	Artigo	Psychological safety of oil and gas workers in the South and North of the Russian Federation/ <b>Segurança psicológica de trabalhadores de petróleo e gás no sul e no norte da Federação Russa</b>	Korneeva Y.A., Simonova N.N.	2020	Psicologia	instalação industrial , avaliação , plataforma de produção , diferença estatisticamente diminua , óleo e gás upstream , extremo norte , avaliação , experiência de trabalho , plataforma , questionário	Korneeva, Yana Aleskandrovna e Natalia Nikolaevna Simonova. "Segurança psicológica dos trabalhadores do setor de petróleo e gás no sul e no norte da Federação Russa." Artigo apresentado na SPE Russian Petroleum Technology Conference, Virtual, outubro de 2020. doi: <a href="https://doi.org/10.2118/202036-MS RUSSIA">https://doi.org/10.2118/202036-MS RUSSIA</a>	O objetivo do estudo é identificar e identificar as características de segurança psicológica dos trabalhadores do petróleo no sul e no norte da Federação Russa.	Não
SCOPUS	Artigo	Employee retention and turnover in global software development: Comparing in-house offshoring and offshore outsourcing/ <b>Retenção e rotatividade de funcionários no desenvolvimento global de software: comparando o offshoring interno e o outsourcing offshore</b>	Bass, J.M., Beecham, S., Razzak, M.A., Noll, J.	2018	Não localizado	Employee Retention; Employee Turnover; Global Software Development; GSD; In-house Offshore; Large Enterprise; Motivation; Offshore Outsourced; Self-Determination Theory; SME	Proceedings - International Conference on Software Engineering pp. 82-91 REINO UNIDO	Esta pesquisa busca entender os fatores que afetam a retenção de funcionários internamente e no marconfigurações terceirizadas, para entender melhor o impacto potencial da rotatividade de	Não
SCOPUS	Artigo	Family resilience in a resource-poor community dependent on the oil and gas industry/ <b>Resiliência familiar em uma comunidade carente de recursos e dependente da indústria de petróleo e gás</b>	Höltge J.umaEnviar e-mail para Höltge J.,Theron L.b ,Jefferies P.a ,Ungar M.u	2021	Psicologia	Boom and Bust Industry ; Ciclos econômicos de negócios ; Processos Familiares ; Resiliência familiar ; Maldição dos recursos	Fam Process . 2021 Dec;60(4):1453-1469. doi: 10.1111/famp.12641. Epub 2021 Mar	Este estudo usou uma abordagem construtivista e indutiva para identificar os desafios colocados nas famílias em uma dessas comunidades e os processos que	Não
SCOPUS	Artigo	The Shale Boom and Family Structure: Oil and Gas Employment Growth Relationship to Marriage, Divorce, and Cohabitation/ <b>Boom do Xisto e a Estrutura Familiar: Relação do Crescimento do Emprego no Petróleo e Gás com o Casamento, Divórcio e Coabitação</b>	Shepard M.a,Betz M.a,Snyder A.a	2020	Sociologia rural	cohabitation; divorce; economic impact; employment; environmental impact; gas production; household income; labor participation; labor productivity; marriage; oil production	Rural Sociology	Esta pesquisa é sobre a tecnologia de extração de óleo e gás de xisto causou uma grande mudança no cenário energético dos Estados Unidos na última década.	Não

Artigo	Association of occupational stress and social support with health-related behaviors among Chinese offshore oil workers/ <b>Associação de estresse ocupacional e apoio social com comportamentos relacionados à saúde entre trabalhadores petrolíferos offshore chineses</b>	Chen, W.Q., Wong, T.W., Yu, I.T.-S.	2008	Medicina/saúde pública	Association; Chinese; Health-related behaviors; Occupational stress; Offshore work; Social support	Journal of Occupational Health CHINA 50(3), pp. 262-269	Um estudo para explorar a relação do estresse ocupacional e suporte social com comportamentos relacionados à saúde de tabagismo, uso de álcool e sedentarismo, foi realizada uma pesquisa	Não
Artigo	Well-travelled AUV surveys the world/ <b>AUV bem viajado pesquisa o mundo</b>	Vestgård, K.	2007	Não localizado	Installation; Offshore	International Ocean Systems NORUEGA 11(1), pp. 14-15+17	Até o momento, os veículos subaquáticos autônomos (AUVs) da HUGIN pesquisaram uma	Não
Artigo	Flexible forms of work and work activities in offshore wind farms/ <b>Formas flexíveis de trabalho e atividades de trabalho em parques eólicos offshore</b>	Mette, J (Mette, Janika) 1 Garrido, MV (Garrido, Marcial Velasco) 1 Mache, S (Mache, Stefanie) 1 Harth, V (Harth, Volker) 1 Preisser, AM (Preisser, Alexandra M.)	2018	Rmédio Tropical	indústria eólica offshore mobilidade espacial modelos de horário de trabalho flexível	FLUGMEDIZIN TROPENMEDIZIN REISEMEDIZIN 25 (6) , pp.249-254 ALEMÂNHA	Este estudo investigou a mobilidade espacial que os trabalhadores podem ter dificuldades em conciliar a vida profissional e familiar, em separar claramente o trabalho e o lazer durante as atribuições offshore e em se desligar	Não
Artigo	Lab coats versus business suits A study of career preferences among Indian adolescents/ <b>Jalecos versus trajas de negócios Um estudo sobre preferências de carreira entre adolescentes indianos</b>	Thatchenkery, S ( Thatchenkery, Sruthi ) 1 Koizumi, N ( Koizumi, Naoru )	2010	Psicologia	ESCOLHA; REALIZAÇÃO; SELEÇÃO ALUNOS; HABILIDADE PAIS; FAMÍLIA MODELO	CAREER DEVELOPMENT INTERNATIONAL EUA Volume 15, Edição 6-7 Página 524-543 DOI 10.1108 /13620431011084394	Este artigo procura examinar se os principais fatores que motivam os planos de carreira de adolescentes indianos de alto desempenho variam entre as	
Artigo	TINTINNID (PROTOZOA: CILIOPHORA) SPECIES IN THE GULF OF GEMLIK AND SOME ECOLOGICAL PROPERTIES OF THE ENVIRONMENT/ <b>ESPÉCIES DE TINTINÍDEOS (PROTOZOA: CILIOPHORA) NO GOLFO DE GEMLIK E ALGUMAS PROPRIEDADES ECOLÓGICAS DO MEIO AMBIENTE</b>	Durmus, T and Balkis, N	2014	Ciências ambientais e Ecologia	Mar de Mármara Golfo de Gemlik Tintinnids Ciliados plancctônicos		Este estudo é sobre os tintinídeos no Golfo de Gemlik e algumas variáveis ecológicas que afetam a distribuição das espécies.	
Artigo	Mercado Voluntario de Carbono y su impacto socioeconómico en la Colonia La Amistad, Departamento de Itapúa, Paraguay. Período: 2010 - 2015/ <b>Mercado Voluntário de Carbono e seu impacto socioeconómico na Colônia La Amistad, Departamento de Itapúa, Paraguai. Período: 2010 - 2015</b>	Pedro González; Marcela Achinell	2017	Ciências Econômicas	economia-ambiental; ligações de carbono; desenvolvimento; Paraguai; sustentabilidade	GONZALEZ, Pedro e ACHINELLI, Marcela. Mercado Voluntário de Carbono e seu impacto socioeconómico na Colônia La Amistad, Departamento de Itapúa, Paraguai. Período: 2010 - 2015. Pblac.Desarro. [conectados]. 2017, vol.23, n.44 [citado em 2021-12-28], pp.45-51.	Esta pesquisa tem o objetivo de analisar o Mercado Voluntário de Carbono e seu impacto socioeconómico na "Colônia La Amistad" localizada no Departamento de Itapúa, Paraguai, desde seu início em 2010 até 2015.	
Artigo	Análise da influência do gás de purga na raiz de juntas soldadas pelo processo GTAW em aço inoxidável superduplex UNS S32750	Tobias Carvalho Campos Paiva; Tabatta Regina de Brito Martins Guttemberg Chagas de Souza; Juan Manuel Pardo; Sérgio Souto Maior Tavares; Maria Cindra Fonseca; Ismael Cardote Filho	2014	Não localizado	Aços Inoxidáveis Superduplex; Soldagem GTAW; Gás de Purga; Aporte de Calor	Paiva, Tobias Carvalho Campos et al. Análise da influência do gás de purga na raiz de juntas soldadas pelo processo GTAW em aço inoxidável superduplex UNS S32750. Soldagem & Inspeção [online]. 2014, v. 19, n. 2 [Acessado 28 Dezembro 2021], pp. 125-133.	O presente trabalho apresenta os resultados da influência da utilização de gás de purga na raiz de juntas soldadas correspondente a uma tubulação de aço inoxidável superduplex (AISD) UNS S32750 de 9 mm de espessura de parede soldada pelo processo de soldagem TIG (GTAW).	

SCIELO	Artigo	Remarks on the morphology and distribution of some rare centric diatoms in southern Brazilian continental shelf and slope waters/ <b>Observações sobre a morfologia e distribuição de algumas raras diatomáceas cêntricas na plataforma continental e águas de encosta do sul do Brasil</b>	Marinês Garcia; Clarisse Odebrecht	2012	Não localizado	Brasil; Biogeografia; Novos registros; Asterolampraceae; Azpeitia	Garcia, Marinês e Odebrecht, Clarisse. <b>Remarks sobre a morfologia e distribuição de algumas raras diatomáceas cêntricas na plataforma continental do sul do Brasil e águas de encosta.</b> Revista Brasileira de Oceanografia. 2012, v. 60, n. 4, pp. 415-427.	Este trabalho fornece informações sobre a morfologia e ocorrência de diatomáceas da família Asterolampraceae e espécies de Azpeitia da plataforma continental brasileira	
SCIELO	Artigo	Checklist do filo Chaetognatha do Estado de São Paulo, Brasil	Luz Amelia Vega-Pérez; Katya Patricia Schinke	2011	Não localizado	chaetognatha; bioma paulista; family; offshore;	Vega-Pérez, Luz Amelia e Schinke, Katya Patricia. <b>Checklist do filo Chaetognatha do Estado de São Paulo, Brasil.</b> Biota Neotropica [online]. 2011, v. 11, suppl 1 [Acessado 28 Dezembro 2021], pp. 541-550	Trata de vida marinha localizado no Estado de São Paulo/Brasil	
SCIELO	Artigo	Caracterização e avaliação da resistência à corrosão na soldagem de tubulação de aço inoxidável duplex UNS S31803 pelo processo a arco submerso	Juan Manuel Pardal; Gutemberg C. de Souza; Sérgio Souto Maior Tavares; Maria da P. Cindra Fonseca; Miguel L. Ribeiro Ferreira; Leandro M. Martins; Omar A. Samra Filho	2011	Não localizado	Aço Inoxidável Duplex; Soldagem de Tubulações; Propriedades Mecânicas; Resistência à Corrosão	Pardal, Juan Manuel et al. <b>Caracterização e avaliação da resistência à corrosão na soldagem de tubulação de aço inoxidável duplex UNS S31803 pelo processo a arco submerso.</b> Soldagem & Inspeção [online]. 2011, v. 16, n. 4 [Acessado 28 Dezembro 2021], pp. 310-321	O presente trabalho apresenta os resultados da caracterização e avaliação da resistência à corrosão de uma junta soldada correspondente a uma tubulação de aço inoxidável duplex (AID) UNS S31803 de 35 mm de espessura de parede soldada pelos processos de	
BDTD	Dissertação	Trabalho e temporalidades: sentidos produzidos por petroleiros/as offshore	Maders, Tielly Rosado	2014	Psicologia	Trabalho offshore; Produção de sentidos; Tempo de trabalho e tempo liberado do trabalho	Repositório de Pós Graduação Universidade Federal de Santa Catarina	Esta pesquisa teve como objetivo compreender quais os sentidos sobre tempo livre	
BDTD	Dissertação	Morfologia e distribuição dos estágios larvais de representantes das famílias Diogenidae e Paguridae (Crustacea: Decapoda: Anomura) obtidas no néuston da região de Ubatuba, SP	Piassa, Thiago	2013	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS (ZOOLOGIA)	Migração; plâncton; pós-embrionário.	PIASSA, Thiago. <b>Morfologia e distribuição dos estágios larvais de representantes das famílias Diogenidae e Paguridae (Crustacea: Decapoda: Anomura) obtidas no néuston da região de Ubatuba, SP.</b> 2013. 48 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências de Botucatu, 2013.	Neste trabalho, analisou-se a distribuição ecológica das larvas de ermitões no néuston da Enseada de Ubatuba, São Paulo bem como a morfologia larval dos ermitões encontrados (famílias Diogenidae e Paguridae).	
BDTD	Dissertação	Ostracodes eomiocênicos da perfuração 2-RSS-1, Bacia de Pelotas, Atlântico Sudoeste	Manica, Raquel de Mattos	2015	Ciências Humanas/ Geografia	Ostracodes; Eomioceno; Bacia de Pelotas; Taxonomia; Atlântico Sudoeste	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geociências.	Este trabalho propõe novas espécies eomiocênicas da família Cytherellidae	
BDTD	Dissertação	A pesca de atuns na costa de Sergipe	CARVALHO, Marina Feitosa	2017	Ciências agrárias/Recursos Pesqueiros e Aquicultura	Scombridae, atum, atrator, embarcação, CPUE	CARVALHO, Marina Feitosa. <b>A pesca de atuns na costa de Sergipe.</b> 2017. 36 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Recursos Pesqueiros e Aquicultura) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.	O presente trabalho tem por objetivo, portanto, avaliar a evolução, a dinâmica e a situação atual da pesca de atuns e afins no Estado de Sergipe a partir das	Não
CAPES	Artigo	The type 2 acyl-CoA:diacylglycerol acyltransferase family of the oleaginous microalga Lobosphaera incisa/A família acil-CoA:diacylglicerol aciltransferase tipo 2 da microalga oleaginosa Lobosphaera incisa	Zienkiewicz, Krzysztof; Benning, Urs; Siegler, Heike; Feussner, Ivo	2018	Não localizado	Diacylglycerol acyltransferase, Lipids, Lipid droplet, Lobosphaera incisa, Microalgae	BMC plant biology, 2018-11-26, Vol.18 (1), p.298-298	Este estudo trata sobre famílias de algas	Não

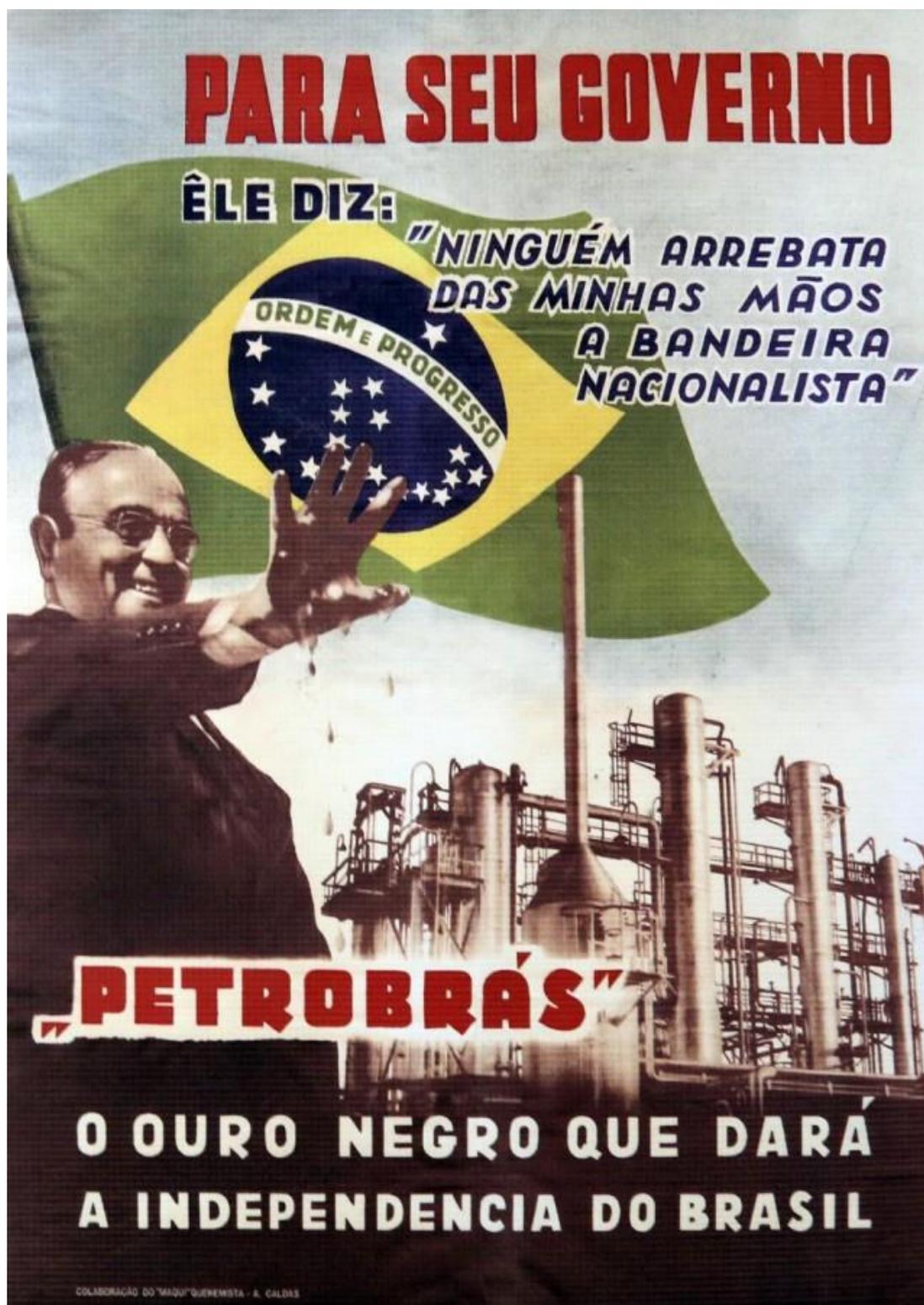
CAPEs	Artigo	Plant Family-Specific Impacts of Petroleum Pollution on Biodiversity and Leaf Chlorophyll Content in the Amazon Rainforest of Ecuador/ <b>Impactos específicos da família de plantas da poluição por petróleo na biodiversidade e no conteúdo de clorofila da folha na floresta amazônica do Equador</b>	Arellano, Paul ; Tansey, Kevin ; Balzter, Heiko ; Tellkamp, Markus Lin, Jinxin	2017	Não localizado	Não Localizado	PLoS one, 2017, Vol.12 (1), p.e0169867-e0169867	Este estudo é sobre	Não
CAPEs	Artigo	Families Coping With Financial Loss Following the Deepwater Horizon Oil Spill/ <b>Famílias lidando com perdas financeiras após o derramamento de óleo da Deepwater Horizon</b>	Keating, Kathryn Sweet ; Becker, Sarah ; Davis, Ifeyinwa F ; Chandler, Thomas ; Slack, Tim ; Beedasy, Jaishree	2020	Não localizado	conservation of resources, Deepwater Horizon oil spill, disaster resilience, family coping	Family relations, 2020-12, Vol.69 (5), p.887-906	Perdas financeiras sobre derramamento de óleo na água	Não
CAPEs	Artigo	OFS (Avon, CT) licensed its air-clad microstructured fiber patents and its broad family of fundamental optical-fiber grating manufacturing patents to NKT subsidiary Koheras A/S (Birkerød, Denmark)/ <b>A OFS (Avon, CT) licenciou suas patentes de fibra microestruturada revestida a ar e sua ampla família de patentes de fabricação de grades de fibra óptica fundamentais para a subsidiária da NKT Koheras A/S (Birkerød, Dinamarca)</b>	JesúsLas-Heras-CasalaLuis MLópez-OchoaJosé P.Paredes-SánchezLuis MLópez-González	2005	Não localizado	BiomassResidential buildingsNon-renewable energy consumptionCO2 emissionsEnergy ratingEnergy cost	Lightwave, 2005-03-01, Vol.22 (3), p.6	família de patentes de fabricação de grade de fibra óptica fundamental para a subsidiária da NKT	não
CAPEs	Artigo	Parker extends its high-integrity ball valve family/ <b>A Parker amplia sua família de válvulas de esfera de alta integridade</b>	Computers & Applied Sciences Complete	2005	Não localizado	Não Localizado	Offshore (Conroe, Tex.), 2005-04-01, Vol.65 (4), p.124	Família de válvulas de esfera de alta integridade	não
CAPEs	Artigo	Enantioselective gas chromatographic analysis of monoterpenes in essential oils of the family Myrtaceae/ <b>Análise enantiosseletiva por cromatografia gasosa de monoterpenos em óleos essenciais da família Myrtaceae</b>	Shellie, Robert ; Mondello, Luigi ; Dugo, Giovanni ; Marriott, Philip	2004	Não localizado	enantioselective gas chromatography; cyclodextrin; essential oil, tea tree; Melaleuca; Leptospermum; Agonis	Flavour and fragrance journal, 2004-11, Vol.19 (6), p.582-585	óleos essenciais da família Myrtaceae	não
CAPEs	Artigo	Whose Colorado? Fracking debate pits families against 'economic engine'/ <b>Colorado de quem? Debate sobre fracking coloca famílias contra 'motor econômico'</b>	Paulson, Amanda	2018	Não localizado	Não Localizado	The Christian Science monitor (1983), 2018-10-18	Debate econômico	não
CAPEs	Artigo	Fracking: in apparent first, family gets courtroom victory in health case/ <b>Fracking: em aparente primeiro lugar, família obtém vitória no tribunal em caso de saúde</b>	Goodale, Gloria	2014	Não localizado	Não Localizado	The Christian Science monitor (1983), 2014-04-24	família obtém vitória no tribunal em caso de saúde	não
CAPEs	TESE	AVALIAÇÃO DE IMPACTOS A SAÚDE NO CONTEXTO DO POLO NAVAL DO RIO GRANDE, RS	ANDRADE, ANDRESSA DE	2017	CIÊNCIAS DA SAÚDE	avaliação de impactos a saúde;saúde ambiental;promoção da saúde;saúde da população urbana;triagem	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE	Considerando a implantação do polo naval e offshore no município do Rio Grande/RS, o objetivo desta tese consistiu em	Não

**ANEXO A** – Plataforma de Petróleo P-61, localizada no Estado do Rio de Janeiro.



Fonte: blog Fatos e Dados, Petrobrás (2015).

**ANEXO B** – Cartaz alusivo à criação da estatal do Petróleo, "O ouro negro que dará a independência ao Brasil".



Fonte: Site Memorial da Democracia (s.d.)



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)